Abrir portas onde se erguem mur
Director: David Pontes **Terça-feira, 6 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.514 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

Paris 2024
Duplantis voou para um recorde de 6,25 metros no salto à vara
Desporto, 24 a 28

Diário de Um Cientista
Gatos há muitos, mas este corre o risco de extinção em Portugal
P2 Verão, 30/31

Arte antiga
Numa pintura com quase 500 anos, o céu não é uma recompensa, é um problema
Cultura, 22/23

MANUEL ROBERTO

Urgências fechadas
Em dois meses, SNS transferiu 42 grávidas para maternidades privadas
Sociedade, 11

Apenas 850 senhorios pediram compensação por limites às rendas antigas

Medida atraiu menos de 1% do universo de 124 mil contratos de arrendamento antigos que existem no país **Economia, 18**

Mercados
Susto nas bolsas: terão os bancos centrais ido longe demais?
Destaque, 2/3 e Editorial

Venezuela
González pede a militares que se coloquem ao lado do povo
Mundo, 17

Relatório anual
MP critica tribunais administrativos “catatónicos”
Sociedade, 10

ISSN-0872-1548

KIMIMASA MAYAMA/EPA

Susto nos mercados: terão os bancos centrais ido longe demais?

Começou em Tóquio com a maior queda desde 1987 e prolongou-se pela Europa e EUA. Os mercados assustaram-se com a economia e registaram quedas em todos os índices

Sérgio Aníbal

A o fim de 12 meses de taxas de juro em máximos, os mercados acordaram para um problema. E se, à semelhança do que aconteceu nos anos 1970, a Reserva Federal norte-americana (Fed) foi agora também longe demais na luta contra a inflação e empurrou irremediavelmente a economia dos EUA – e, provavelmente, a do resto do mundo – para uma recessão?

Bastou a divulgação de um indicador económico na passada sexta-feira – o número de empregos criados pela economia norte-americana em Julho – para que esta questão, que poucos vinham colocando, passasse a dominar as preocupações nos mercados. E, como se sabe, quando nos mercados os investidores se preocupam, daí até que alguém carregue no botão do pânico há uma distância muito pequena.

Foi isso que aconteceu ontem. Logo no arranque da sessão nas bolsas asiáticas (ainda de madrugada em Portugal), assistiu-se a uma fuga dos investidores das acções, principalmente no mercado japonês. A bolsa de

A forte queda nas bolsas asiáticas acabou por arrastar os mercados europeu e norte-americano

O clima passou a ser de maior nervosismo em relação à forma como os bancos centrais vão conseguir gerir a normalização da sua política monetária

Tóquio fechou o dia com uma queda de 12,4% no seu principal índice, naquilo que é o pior resultado diário desde a famosa “segunda-feira negra” de Outubro de 1987.

Depois disto, e assim que foi identificada pelos analistas a causa da queda como sendo o receio de uma entrada em recessão dos EUA, ficou aberta a porta para que, nas bolsas europeias e norte-americanas, o ambiente também fosse negativo.

Nos principais mercados europeus, o dia começou com quedas em torno de 2%, que na maior parte dos casos se mantiveram até ao fim da sessão. Em Londres, a descida final foi de 2,04%; em Paris, de 1,42% e em Frankfurt de 1,82%. Em Lisboa, o índice PSI fechou o dia com uma perda de 1,87%.

Nos Estados Unidos, o arranque da sessão confirmou o clima de nervosismo que se vivia entre os investidores, com perdas iniciais que, no caso do índice S&P 500, chegaram a superar os 3%. Com o passar do tempo, houve uma ligeira recuperação e, ao final do dia, as perdas no índice Dow Jones, S&P 500 e Nasdaq estavam ligeiramente acima dos 2%.

As acções das grandes empresas tecnológicas, que na última semana já tinham registado perdas muito significativas, acentuaram a tendência negativa, contribuindo decisivamente para o resultado.

A caminho de uma recessão?

Como é habitual, assim que as quedas nas bolsas se concretizaram, não demorou tempo a que se encontrassem explicações. E, desta vez, o principal suspeito (mas não único) foi o desempenho da economia norte-americana, que, ao ser mais negativo, faz os investidores fugirem das acções, colocando o seu dinheiro noutros activos, como o ouro, as divisas-refúgio ou as obrigações.

Na sexta-feira à tarde, tinham sido divulgados dados do mercado de trabalho nos Estados Unidos relativos ao mês de Julho e aquilo que se ficou a saber é que o ritmo de criação de emprego da economia norte-americana – que tem sido surpreendentemente alto ao longo dos últimos anos, resistindo ao aperto da política monetária – deu agora sinais de estar a fraquejar. Criaram-se 114 mil empregos, um número que ficou muito abaixo dos 175 mil que eram esperados e que conduziu a que se registasse uma subida da taxa de desemprego de 4,1% para 4,3%.

Nesta explicação para o dia negativo nas bolsas, aquilo que aconteceu é que os investidores viram nestes dados do emprego um sinal de que, ao contrário daquilo que se pensava até há pouco tempo, a Reserva Federal afinal poderá não estar a conseguir concretizar uma aterragem suave da economia norte-americana.

O risco é o de que a Fed – que há 12 meses mantém as taxas de juro no intervalo entre 5,25% e 5,5% – foi demasiado longe no combate à inflação, demorou demasiado tempo a começar a reduzir os custos de financiamento e, como consequência, pode ter atirado a economia para uma recessão.

Ontem, Austan Goolsbee, presidente da Reserva Federal de Chicago, tentou contrariar essa ideia, defendendo numa entrevista ao canal de televisão CNBC que, embora “os números do emprego tenham saído mais fracos do que o esperado, não se parecem ainda com uma recessão”.

A acalmia registada nos mercados durante a tarde pode significar que, também entre os investidores, as certezas em relação a uma recessão nos Estados Unidos desapareceram, até porque entretanto foram divulgados dados relativos ao sector dos serviços nos Estados Unidos que mostraram uma recuperação.

E novas teorias sobre o que aconteceu na bolsa japonesa começaram a ganhar força, nomeadamente a de que o que se está a passar é apenas o efeito do fim da prática, que foi dominante nos últimos meses, de os grandes fundos de investimento obterem financiamento barato no Japão, onde as taxas de juro são baixas, para realizarem investimentos em mercados onde as taxas de juro são maiores.

JIM LO SCALZO/EPA

Jerome Powell lidera a Reserva Federal norte-americana

12,4%

foi quanto caiu ontem a bolsa de Tóquio no seu principal índice, o pior resultado diário desde a famosa “segunda-feira negra” de Outubro de 1987

5,33%

é o nível actual da taxa de juro da Fed. A generalidade dos analistas prevê agora cortes sucessivos das taxas nas reuniões que restam até final do ano

Bancos aceleram descida

O que é certo é que a partir de agora o clima nos mercados financeiros passou a ser de maior nervosismo em relação à forma como os bancos centrais, e em particular a Reserva Federal, vão conseguir gerir o processo de normalização da sua política monetária.

Até há poucos meses, existiam dúvidas se a Fed iria sequer realizar alguma descida das taxas de juro ainda este ano. Mas agora, com os dados negativos do emprego e os mercados com tendência negativa, as expectativas estão totalmente alteradas.

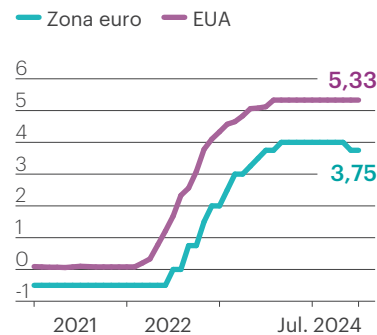
Um corte das taxas na reunião de Setembro, seguido de outros em Novembro e Dezembro, é o cenário visto como certo pela generalidade dos analistas. E alguns estão já a antecipar que o corte de Setembro possa não ser apenas de 0,25 pontos percentuais, mas logo de meio ponto, o que seria a forma de a Fed recuperar o tempo perdido e tentar evitar uma recessão.

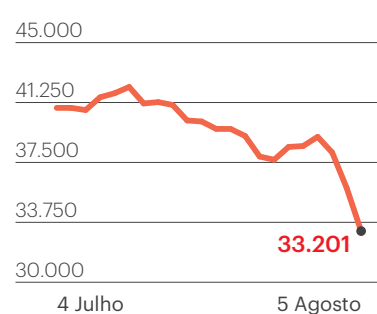
Na zona euro, não houve novos indicadores a apontarem para a iminência de uma recessão. A economia continua a crescer, embora de forma muito moderada, e foi isso que confirmaram os dados do PIB do segundo trimestre publicados na semana passada pelo Eurostat.

No entanto, estes desenvolvimentos nos EUA poderão vir a ter um impacto muito significativo, quer na economia da zona euro quer na política seguida pelo BCE. Se se confirmasse uma travagem brusca da economia norte-americana, não demoraria muito tempo a que a Europa fosse contagiada, seja por via da confiança dos agentes económicos, seja por causa do impacto sentido pelas exportações. Isso faria com que o BCE, que já fez um primeiro corte de juros em Junho e que se espera faça um segundo em Setembro, pudesse ter de acelerar o processo de suavização da sua política monetária. O facto de a Fed baixar rapidamente as suas taxas daria igualmente a possibilidade a Christine Lagarde de fazer o mesmo sem ter o receio de ver o euro desvalorizar-se face ao dólar.

Ontem, as taxas de juro Euribor já revelaram uma descida mais acentuada, o que mostra que pode ter passado a haver a expectativa de um corte mais rápido das taxas do BCE do que aquele que antes se estava a prever.

Para as famílias e empresas portuguesas endividadas, isso até pode ser visto como uma boa notícia. O problema é que tal apenas se virá a concretizar se realmente se confirmar que os bancos centrais foram longe demais na sua luta contra a inflação e, tal como em vários episódios no passado, não conseguiram evitar que a economia entrasse numa recessão.

Taxas de juro de referência dos bancos centrais
Em %

Evolução dos índices das bolsas
Em pontos

TÓQUIO

LISBOA

LONDRES

PARIS

Fonte: BCE, Reserva Federal; Reutes, Markets Insider

O que fazer quando a bolsa cai

Editorial

Sónia Sapage

Neste querido mês de Agosto de 2024, num período que normalmente coincide com as férias estivais, o descanso a meio do ano e alguma euforia turística, o mundo despertou para a possibilidade de uma nova recessão económica global.

A bolsa caiu a pique no Japão, numa queda que se estendeu a outros países asiáticos ainda durante a madrugada. Depois, desceram os índices bolsistas na Europa e, ao final da manhã (hora de Lisboa), os mercados accionistas dos Estados Unidos confirmaram o ambiente negativo e deram também um trambolhão (algo que já se tinha verificado no final da semana passada).

Nem são só as acções acumularam perdas. Os preços do ouro, do *brent*, do petróleo e até da bitcoin registaram quedas. Um dos resultados imediatos foi que o VIX, também chamado "índice dos medos" (que mede a aversão dos investidores ao risco), começou a semana num ponto alto.

Dados pouco optimistas sobre o comportamento das economias, em especial da norte-americana, vieram confirmar que os decisores não "serão capazes de reduzir a inflação sem muitos danos colaterais", escreveu o *Financial Times* num artigo publicado nesta segunda-feira. Mas os sinais de uma possível recessão não são totalmente claros.

O que se sabe hoje é que a recuperação económica que se fez anunciar na era pós-pandemia acabou por transformar-se muito rapidamente numa crise inflacionista, exacerbada pela subida abrupta dos juros e pela crescente tensão geopolítica gerada por duas guerras, uma à porta da Europa e a outra à beira de uma escalada, com um ataque iminente do Irão a Israel. Tudo isto num ano em que meio mundo vai (ou já foi) a votos para escolher os seus novos líderes, como acontecerá nos Estados Unidos em Novembro.

O que fazer agora que as bolsas começaram a cair e os mercados globais ficaram nervosos? Os investidores antevêem a possibilidade de haver um anúncio, por parte da Reserva Federal, de quebra nas taxas de juro (como já aconteceu em Inglaterra) para responder à evidente desaceleração da economia americana. Mas há quem sugira que esse corte pode chegar demasiado tarde.

No momento em que bolsas dão um espirro, seja em Tóquio ou em Nova Iorque, é importante interpretar os sinais, avaliar as questões estruturais que estão por detrás desse espirro e tentar antecipar soluções. Mas também é importante manter a calma para evitar que as ondas de choque se espalhem pelo mundo antes mesmo de a recessão acontecer.

> **Tudo isto num ano em que meio mundo vai (ou já foi) a votos para escolher os seus novos líderes, como acontecerá nos Estados Unidos em Novembro**

CARTAS AO DIRECTOR

Governo prevê formar mil imigrantes com apoio de 2,5 milhões ao turismo

QUEBRAMAR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

"Je suis la Loi"

Não sofrendo de nenhuma psicose aguda, nem tão-pouco de nenhum exacerbismo patriótico, não posso deixar passar em claro o facto de, 50 anos depois do 25 de Abril de 1974, haver entidades públicas que ainda legislam por encomenda.

Independentemente de muitas, para quem a lei é sagrada e, por isso mesmo, igual para todos, outras há que tomam decisões a pender mais para um ou outro lado, com uma discrição e leveza quase impercetíveis, a roçar a cândida "infantilidade" do jeitinho, que só o mais astuto decifra... e há aquelas que, sem qualquer pejo pela igualdade de direitos, assumem, num quero, posso e mando descarado, que este ou aquele regulamento foi efetivamente elaborado a pedido de alguém ("de uma trabalhadora/colaboradora", por exemplo)... e ponto final parágrafo!

"*Je suis la Loi, Je suis l'Etat; l'Etat c'est moi*" (Eu sou a Lei, eu sou o Estado; o Estado sou eu!), terá dito Luís XIV. Pelos vistos, em 2024 e num país chamado Portugal, a frase não está assim tão descontextualizada... antes pelo contrário, continua bem atual.

E, perante isto, a quem pode um qualquer cidadão prejudicado recorrer, já que mais não seja em respeito à memória dos muitos Salgueiros Maias que nos deram a igualdade da democracia?

Provedora de Justiça? Inspeção-Geral de Finanças? Inspeção-Geral da Administração Interna? Polícia Judiciária? Comunicação social? Ou vamos calar e deixar que certas iminências de "*pacotille*" possam continuar impunes e a fazerem, do alto dos seus frágeis palanques de contraplacado folheado a dourado, orelhas moucas ao mais elementar direito de um cidadão?

Cinquenta anos depois do 25 de Abril, ainda se fazem, à descarada, no meu país, "leis" por encomenda! "E esta... hem!...", diria o Pessa!

António Carvalho, Gouveia

> **"Je suis la Loi, Je suis l'Etat; l'Etat c'est moi", terá dito Luís XIV. Pelos vistos, em 2024 e num país chamado Portugal, a frase não está assim tão descontextualizada**
>
> **António Carvalho**
> Gouveia

Douro vinhateiro

Nuvens muito negras adensam-se sobre o Douro vinhateiro para todos os intervenientes, mormente para os pequenos viticultores. Se já na vindima de 2023 muitas vinhas não foram vindimadas, este ano de 2024 talvez venha a ser uma lástima.

E tudo porquê? Porque as políticas liberais não querem nenhum estorvo estatal à economia.

Assim, milhões e milhões de litros de vinho espanhol a granel entraram em Portugal, dando lucros chorudos a tais importadores. Por outro lado, no mercado a retalho, nos restaurantes, nos hotéis e demais estabelecimentos hoteleiros, o vinho nacional continua caro. Por este "andar da carruagem", milhares de patamares vinhateiros ficarão por cultivar, para desgraça de muita gente, que tudo fez para que tal nunca viesse a acontecer, podendo vir a ser a antecâmara de muita ruína.

José Amaral, Vila Nova de Gaia

Netanyahu e os reféns

Permito-me felicitar o PÚBLICO pelo excelente e elucidativo artigo

A opinião publicada no jornal respeita
a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM MOGADÍSCIO, SOMÁLIA

SAID YUSUF WARSAME/EPA

Jovens somalis reúnem-se na praia do Lido, em Mogadíscio, para denunciar a violência e lamentar as vítimas do atentado de 2 de Agosto, quando um ataque reivindicado pelo grupo Al-Shabaab fez pelo menos 37 mortos na capital da Somália

subscrito na última página da edição de sábado, da autoria de João Miguel Tavares, sob o título "Netanyahu está a defender Israel ou seu próprio pescoço?". Para bom entendedor está tudo dito neste escrito. Gostaria apenas de acrescentar o que se segue: à parte o aspecto da responsabilidade política e pessoal do primeiro-ministro de Israel, e sem pôr em causa a responsabilidade das próprias Forças Armadas israelitas, pelos excessos cometidos e a desumanidade praticada contra o povo palestiniano, e da passividade da própria ONU em enviar a força internacional para controlar o conflito, é altura de questionar a própria passividade do povo israelita em manter um governante da estirpe de Netanyahu no poder. A título comparativo, veja-se o que se passa na Venezuela, onde um setor da população protesta (com ou sem razão) nas ruas. Todos sabem que a questão dos "reféns" é um falso problema, já que a vida de um deles vale tanto como a de um palestiniano e não de cem palestinianos.

António Bernardo Colaço, Lisboa

O dilema do PS

O ministro das Finanças ameaçou com eleições antecipadas, caso o Orçamento do Estado para 2025 não seja em conformidade com o seu programa de governo. Isto é uma ameaça clara de eleições antecipadas. Na verdade, o PS é colocado entre a espada e a parede pela sua ala direita, quando achou que a recusa do PS em colaborar com Governo na elaboração do futuro OE poderia levar a eleições antecipadas que só beneficiariam o Governo PSD-CDS. O PS não percebeu que, se o OE não passasse, a culpa seria exclusiva da direita (...). Com esta cedência, o PS mostrou, por um lado, ser um partido timorato e, por outro, uma viragem ao centro/direita política, pondo muita gente a pensar se valeria a pena votar PS. O PS não analisou o que se passou nos Açores e na Madeira, em que o Chega acabou por viabilizar os programas dos respetivos governos PSD-CDS. Isto também prova que há muito maior aproximação política do PS ao PSD do que parece, ou não será?

Mário Pires Miguel, Reboleira

ESCRITO NA PEDRA

As paixões, quando mandam em nós, são vícios
Blaise Pascal (1623-1662), matemático e filósofo francês

O NÚMERO

11

Total de medalhas olímpicas ganhas ao longo da carreira por Simone Biles. A ginasta norte-americana despediu-se ontem dos Jogos de Paris, onde conquistou três ouros e uma prata

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro

publico.pt

Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

O espírito olímpico na vida política: presente ou ausente?

Susana Amador

Sempre que mudamos de Governo existe a tentação de colocar tudo em causa como se quem nos precedesse fosse totalmente incompetente, não tivesse promovido avanços em diversos domínios e estivesse rodeado de uma administração pública paralisante e desprovida de talento.

Julgo que essa forma de fazer política não nos conduz a um bom lugar e, sobretudo, faz pouco pela credibilidade dos políticos que se acantonam nas suas rígidas fronteiras ideológicas e não saem dessa trincheira que faz implodir pontes quando precisamos mais do que nunca de as atravessar em segurança.

Vem esta reflexão a propósito de o Governo vigente ensaiar diariamente uma narrativa de que tudo o que é positivo e inaugurado ao fim de 100 dias não tem história, e o que estava em vias de ser resolvido ou estava até no programa do Partido Socialista foi agora concretizado por mérito exclusivo dos atuais governantes.

Já ninguém acredita nessa política mágica que faz obras complexas em 100 dias ou nesse tipo de político que julga que se eleva quando denigre outrem, quando na verdade só perde estatura.

O povo quer espírito olímpico também na vida pública e política e afasta-se da participação política quando esta se torna num jogo de acusações onde a substância dá lugar à mera retórica.

A boa política é aquela que, como dizia Agostinho da Silva, é feita de composição e não de mera oposição.

A boa política é aquela que reconhece mérito a quem o tem e não decepa equipas de qualidade só porque sim, não cuidando da estabilidade necessária na administração pública de topo, sobretudo quando estamos em plena execução do PRR e da Agenda 2030.

A boa política é aquela que convida para as inaugurações de obra pública aqueles que fizeram parte do planeamento e concepção da mesma, postura que vale para a dimensão nacional e autárquica, partilhando os méritos de todos os envolvidos. Sendo que essa postura só valoriza quem faz o convite e acrescenta valor aos políticos.

É, aliás, essa espécie de acerto de contas que vai fragilizando as instituições, a administração pública e os órgãos de soberania.

Os movimentos e forças populistas crescem nesses interstícios e sabemos bem que quando o poder não dialoga, não ouve e desvaloriza os partidos democráticos, vai perdendo a legitimidade do exercício e vingam os arautos da limpeza necessária das instituições e dos políticos.

Por isso andou bem o primeiro-ministro quando apoiou de forma firme António Costa para o Conselho Europeu ou, mais recentemente, quando convidou António Vitorino para presidir ao Conselho Nacional para as Migrações e Asilo. São esses gestos edificantes que revelam que, quando valorizamos a competência e o percurso, nos valorizamos igualmente e nos tornamos melhores estadistas.

A boa política não é chamada hoje a conservar o poder, mas a dar às pessoas a possibilidade de ter horizontes de esperança

Seria bom que outros membros do Governo pugnassem por esse sentido de Estado que só confere credibilidade a quem os pratica e que não provocaria interrupções desnecessárias em projetos de dimensão suprapartidária.

A boa política não é chamada hoje a conservar o poder, mas a dar às pessoas a possibilidade de ter horizontes de esperança. Os bons políticos são hoje, mais do que nunca, chamados a corrigir os desequilíbrios económicos dum mercado que produz riquezas mas não as distribui, empobrecendo de recursos os territórios.

Somos hoje, enquanto políticos, chamados a investir com clarividência no futuro, nas famílias (em todas) e nos filhos, a promover alianças intergeracionais, onde não se apague o passado, mas que, ao invés, se potenciem os bons legados e se alarguem os caminhos do futuro, um futuro onde todos tenham lugar!

Em política não deve haver lugar a acertos de contas porque a democracia, para se consolidar, não vive de "*revanches*", mas tão-somente do diálogo entre todas as partes que são a sua seiva e força transformadora.

Dirigente nacional do PS; ex-deputada e ex-governante

A ordem internacional fundada em regras: o caso do Sara Ocidental

José Manuel Pureza

A rejeição do legado do trumpismo, no plano das relações internacionais, pela grande maioria dos governos europeus tem sido expressa com uma justificação muito relevante. Para esses governos, o mandato de Donald Trump terá constituído um ataque continuado contra a "ordem internacional fundada em regras", construída após a Segunda Guerra Mundial. Outros, como Putin, terão seguido Trump nesse ataque, algo que Madrid, Paris ou Lisboa tomam oficialmente como uma perversão política.

Esta arrumação – de um lado, os governos defensores da ordem internacional fundada em regras, do outro, os seus inimigos, liderados por Trump e Putin – é um disfarce da realidade. Um olhar atento sobre os factos mostra como governos que se inflamam na defesa retórica da ordem internacional fundada em regras frequentemente violam as regras mais elementares dessa ordem. Querem um exemplo? Vejam o que se está a passar com o Sara Ocidental.

Em fins de 2020, a Administração Trump declarou reconhecer a soberania do ocupante marroquino sobre aquele território, violando flagrantemente as regras básicas do direito internacional consagradas na Carta das Nações Unidas e em repetidas resoluções da organização. Mas, enfim, era Trump, um inimigo da ordem internacional fundada em regras e, por isso, não foi propriamente uma surpresa.

Dois anos depois, o Governo de Madrid decidiu seguir os passos de Trump, tornando público o seu apoio ao plano de Marrocos de uma suposta autonomia especial do Sara Ocidental no quadro da soberania marroquina. Ordem internacional fundada em regras? Não, a regra elementar do direito dos povos à autodeterminação foi flagrantemente preterida pelas conveniências do jogo político e da diplomacia dos negócios.

Dois anos mais e temos agora Macron a imitar Sánchez – e, com isso, a seguir o caminho aberto por Trump –, assumindo o apoio oficial francês ao plano marroquino de "autonomia com ocupação". Defesa coerente da ordem internacional fundada em regras? Não. Defesa inflamada no caso da Ucrânia, silêncio cúmplice no caso da Palestina, alinhamento com o trumpismo no caso do Sara Ocidental.

Há dias, na abertura do período de sessões do Comité Especial das Nações Unidas encarregado de examinar a situação relativa à aplicação da Declaração da Concessão da Independência aos Povos e Países Coloniais (Comité dos 24), vários países africanos (Angola, Moçambique, Congo, África do Sul, Namíbia, entre outros) disseram aquilo que se espera ouvir aos defensores da ordem internacional fundada em regras: o Sara Ocidental é a última colónia que ainda não alcançou a sua liberdade e o único caminho para cumprir as regras básicas do direito internacional é levar a cabo um referendo de autodeterminação.

Vai o Governo defender a ordem internacional fundada em regras ou vai afinar pelo diapasão trumpista de Madrid e de Paris?

O Governo português tem sido especialmente vocal na acusação à Rússia de que, na Ucrânia, atenta inaceitavelmente contra a ordem internacional fundada em regras. Pois bem, relativamente ao Sara Ocidental – onde se joga o respeito pela mesmíssima norma fundamental do direito à autodeterminação que Moscovo nega a Kiev –, vai o Governo português defender coerentemente a ordem internacional fundada em regras ou vai afinar pelo diapasão trumpista de Madrid e de Paris? A escolha é clara e é mesmo entre a coerência e o cinismo.

Professor catedrático de Relações Internacionais na Universidade de Coimbra

Ainda a Lusa

Pedro Norton

Regresso a um tema que me é caro: o Estado comprou, na semana passada, 45,71% do capital da Lusa, tendo ficado com uma participação de 95,86% da agência noticiosa. À primeira vista, e sobretudo para quem tem inclinações liberais e não acorda todos os dias a sonhar com um setor de comunicação social fortemente estatizado, a ideia não entusiasma. Desperta até infaustas memórias e velhos fantasmas. Mas vale a pena respirar, desafiar primeiros impulsos e quadros mentais demasiado rígidos e analisar a operação com um olhar mais pragmático. A capacidade de olhar a realidade para além dos espartilhos ideológicos que a cada um de nós enformam nunca fez mal a ninguém. Até porque, como se verá no caso em apreço, a decisão pode ser bem menos absurda do que se possa pensar.

Desde logo, é preciso perceber o contexto em que a operação toma lugar. Correndo o risco de irritar muitos amigos e profissionais que respeito e estimo e que poucas responsabilidades terão no aprofundar de um problema que é global, desejando muito estar redondamente enganado, a verdade é que estou convencido que o modelo de negócio do jornalismo está severamente ameaçado. Mas essa conversa fica para outra altura porque, para este primeiro argumento, nem preciso de me ater a considerações filosóficas sobre o futuro. Basta-me olhar para a crueza da realidade presente. E, desse ponto de vista, julgo não me enganar se disser que boa parte das redações do país está hoje a trabalhar nos limites e com recursos escassíssimos.

Não é por acaso que os *sites* dos vários jornais estão enxameados com as mesmas notícias, como não é por acaso que os vários telejornais repetem as mesmíssimas peças. A falta de meios induzida por condições estruturais de mercado muito difíceis conduz a uma redução da capacidade de investigação e de reportagem e, consequentemente, coloca os vários meios numa dependência crescente das grandes agências produtoras de informação como a Lusa.

Ora, como já aqui escrevi, esta realidade comporta riscos. As agências noticiosas transformaram-se, mesmo sem o desejar, num alvo apetecível para quem, com escrúpulos a menos e milhões a mais (sendo que nem são precisos muitos), tenha a ambição de influenciar e dominar decisivamente a agenda noticiosa e política. Nesse sentido, o controlo público da Lusa pode servir para regular posições de domínio excessivo num mercado muito sensível (e já regresso a este crucial "pode"). Trata-se, neste plano, de mitigar riscos que são muito mais concretos do que se pode imaginar.

Depois, é preciso perceber que não há democracia minimamente funcional sem um conjunto alargado de meios de comunicação social, com orientações editoriais divergentes, que, na sua saudável pluralidade, consubstanciem na prática um "mercado de ideias" de onde pode emergir, lenta e imperfeitamente, através do confronto e refutação de propostas e teses, uma qualquer aproximação à verdade. Assim como é preciso perceber que, mais terrena e prosaicamente, nenhuma democracia subsiste sem a existência de um contrapoder mediático, efetivo e livre, que seja capaz de escrutinar a ação dos homens e das instituições públicas.

Ora, num contexto de crise do modelo de negócio do jornalismo, a defesa desse bem público tem trazido para o topo da agenda política a complicada questão dos apoios aos meios de comunicação social. O tema é bicudo porquanto, sem as devidas cautelas, esses apoios, sobretudo se estatais, diretos e centralizados, e podem transformar rapidamente num perigoso "abraço de urso" que corre o risco de colocar meios supostamente livres numa dependência excessiva de um único e global financiador com poder efetivo para condicionar a produção de informação.

É também neste particular contexto que vale a pena olhar para a operação da Lusa. À hora em que escrevo, não é ainda claro se o Governo quer recuperar (para além da própria ideia da compra que, sejamos justos, tem história e tem paternidade) a sugestão de Pedro Adão e Silva (que, como se sabe, até há pouco tempo tutelava a pasta) de tornar gratuitos os serviços da agência. Mas a verdade é que a ideia tinha o grande mérito de se traduzir num apoio generalizado e indireto a todos os órgãos de comunicação social sem criar o problema de induzir relações de dependência diretas e muito menos o problema de colocar o Estado a decidir arbitrariamente sobre a distribuição dos apoios.

As agências noticiosas transformaram-se num alvo apetecível para quem, com escrúpulos a menos e milhões a mais, tenha a ambição de dominar a agenda noticiosa e política

Encontro, portanto, no plano teórico, mais méritos do que deméritos na operação agora concretizada. E gosto também de sublinhar, neste caso concreto, uma saudável continuidade das políticas públicas que tendemos a desvalorizar. Governar é também recusar ceder à tentação egocêntrica de tudo desenhar a partir de uma folha em branco e é também ter a humildade de aproveitar sem complexos as boas ideias e as boas políticas que vinham de trás. Nesta frente esteve bem Pedro Adão e Silva e esteve bem Pedro Duarte.

Mas a história não acaba aqui e é preciso regressar ao "pode" que deixei momentaneamente pendurado acima. É que há um pressuposto fundamental para que tudo isto funcione da forma virtuosa que fica descrita: o de que a Lusa tenha um modelo de governo robusto que impeça que estejamos simplesmente a trocar o potencial controlo da agência por acionistas com menos escrúpulos pelo controlo perverso de um Governo tentado a condicionar a agenda mediática e política. Sem esse modelo de governo, capaz de garantir uma supervisão eficaz, inflexível na hora de assegurar as condições para a produção de informação com a maior objetividade possível (desenganem-se se acreditam que ela existe na sua forma pura), dando garantias de total independência aos profissionais da Lusa, desejavelmente aberto à sociedade civil, nada disto terá valido a pena.

Se aquilo de que se trata é de uma mera troca de dono, se estamos a falar de trocar o controlo hegemónico de um privado pelo controlo perigosíssimo e sem freios do Estado, se se dispensa uma verdadeira revolução na governança da Lusa, mais valia ter estado quieto. Da mesma forma, se a operação é um ato isolado, desintegrado de uma reflexão muito mais vasta sobre um setor que não se esgota nas agências noticiosas e sobre o qual não se vislumbra qualquer arremedo de verdadeiro pensamento estratégico há muitos anos, tudo isto é um desperdício.

Ora sobre tudo isto ainda pouco ou nada se ouviu por parte do Governo. Mas são estes singelos detalhes que terão o condão de transformar uma ideia generosa e salutar num projeto simplesmente pífio ou mesmo profundamente contraproducente. Num país pouco habituado a reflexões estratégicas e de longo prazo, num país resignado a ter reguladores fracos (quando não risíveis), num país sem nenhuma tradição de pensar em modelos de bom governo, o silêncio inquieta.

Estou bem consciente de que, para muitos portugueses, este tema não é propriamente exaltante. E de que, em pleno agosto, pode mesmo ser enfadonho. Mas dêem-me o benefício da dúvida: seria bom que as saudáveis distrações deste verão não atirassem, em setembro, esta conversa para debaixo do tapete. Embora possa não parecer, é da saúde da nossa democracia de que estamos a falar.

Gestor

RUI GAUDÊNCIO

A pressão para Pedro Nuno viabilizar o OE2025 vem de todos os lados

Do Governo ao Presidente, os apelos a que o PS deixe passar o Orçamento multiplicam-se. Até António Costa afirmou que é normal o principal partido da oposição não chumbar a previsão de contas públicas

São José Almeida

Nas últimas duas semanas, multiplicaram-se as pressões sobre o secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, para que os deputados socialistas venham a viabilizar a proposta de Orçamento do Estado para 2025 (OE2025), que será entregue pelo Governo de Luís Montenegro, na Assembleia da República, em Outubro. Desde o ministro de Estado e das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, ao Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, passando mesmo pelo ex-primeiro-ministro e ex-líder do PS António Costa, os apelos multiplicam-se.

A mais recente pressão partiu do ministro do Estado e das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, que, em entrevista ao PÚBLICO e à Rádio Renascença, admitiu novas eleições legislativas antecipadas, no caso de o Orçamento do Estado para o próximo ano vir a ser aprovado com alterações que desvirtuem as orientações do Programa do Governo.

Considerando que "o Programa do Governo não pode ser desvirtuado", Joaquim Miranda Sarmento reconheceu que os dois partidos com que o Governo pode negociar o Orçamento são o PS e o Chega, mas deu preferência aos socialistas e assumiu que "o Governo tem alguma margem para acomodar propostas e tem alguma margem para calibrar as suas", referindo-se concretamente às propostas de lei de autorização legislativa sobre IRC e IRS Jovem, que têm sido criticadas pelo PS.

"Nós estamos disponíveis para calibrar aquilo que são as duas propostas, a descida do IRC e o IRS Jovem, mas sem deixar cair o princípio e a base fundamental dessas medidas. O IRC terá de descer e o IRS Jovem terá de ser aplicado. Depois, [temos] o gradualismo da aplicação. Podemos, temos e devemos ter margem para negociar, porque são as duas medidas de que claramente o PS discorda", afirmou.

Costa quer Orçamento

Há uma semana, em entrevista ao canal televisivo Now, António Costa defendeu que "é bom que o país tenha orçamentos do Estado e que o exercício da responsabilização dos governos seja feito pelos instrumentos próprios previstos na Constituição: a moção de censura e a moção de confiança". E advertiu que "nem o Governo deve transformar o Orçamento numa moção de confiança, nem a oposição deve transformar o Orçamento numa moção de censura".

FOTOGRAFIAS: DANIEL ROCHA

António Costa juntou-se à pressão exercida por Marcelo para que o PS viabiliza o OE2025

Ainda que considerando que um executivo minoritário "tem o dever de procurar uma solução para ter um governo", bem como defendendo que "o ónus da negociação" do Orçamento está no Governo, pelo que este "deve criar condições para que o PS não tenha de o inviabilizar", em relação aos socialistas o ex-primeiro-ministro foi claro a deixar o recado, ao frisar que "aquilo que é normal nas oposições é não inviabilizarem à partida a existência de um Orçamento, mas predisporem-se a que o Orçamento possa ser viabilizado, sem que isso seja entendido como um apoio ao Governo".

E concluiu: "O país precisa de um Orçamento. Portanto, se o Orçamento não tiver nenhuma medida que seja absolutamente intolerável para a oposição, eu acho normal que a oposição viabilize."

A evolução de Pedro Nuno

A posição de António Costa de que o PS deve viabilizar o Orçamento do Estado para 2025 soma-se ao que anteriormente foi defendido por outras figuras socialistas de primeira linha. Logo em Abril, quando Pedro Nuno Santos ainda mantinha a posição de que seria "praticamente impossível" o PS viabilizar o Orçamento, a presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses e presidente da Câmara de Matosinhos, Luísa Salgueiro, em declarações ao PÚBLICO, pediu que o PS negociasse e viabilizasse o Orçamento.

Defendendo que "os portugueses exigem maturidade política aos seus representantes e, em particular, ao novo Governo" e que "o voto do PS dependerá sempre da capacidade de diálogo e de negociação da AD", Luísa Salgueiro considerou que o PS devia "garantir que o Orçamento do Estado é equilibrado e respeita as linhas de acção económica e social que têm permitido ao país crescer nos últimos anos". Dias depois, foi a vez de o ex-presidente da Assembleia da República Augusto Santos Silva defender que o PS e PSD deviam negociar o Orçamento.

As semanas e os meses foram passando e Pedro Nuno Santos acabou por mudar de posição e assumir que o PS ia negociar o Orçamento e até o poderia viabilizar se não fosse "ignorado pelo Governo". E no debate sobre o estado da nação, em Julho, o líder do PS desafiou o primeiro-ministro a negociar, ao questionar: "Está disponível para repensar connosco a estratégia e a política para o IRC?" Um convite à negociação que Luís Montenegro aceitou, respondendo: "Vamos sentar-nos."

Entretanto, Miranda Sarmento, na entrevista ao PÚBLICO e à Renascença, mostrou disponibilidade precisamente para modelar as propostas do Governo relativas à descida do IRC, bem como do IRS Jovem.

Os primeiros encontros do Governo com a oposição decorreram no dia seguinte, mas sem Luís Montenegro, então doente, o que levou Pedro Nuno Santos a não participar na reunião. A primeira conversa entre ambos sobre Orçamento do Estado para o próximo ano irá decorrer em Setembro.

O empenho de Marcelo

Mas as pressões para que o Orçamento do Estado para 2025 seja negociado entre o Governo e o PS não vêm apenas do Governo ou de responsáveis socialistas. O próprio Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, tem feito questão de apelar a esse entendimento. Já em finais de Julho, o Presidente promulgou sete diplomas da Assembleia da República, dois dos quais com origem em projectos de lei do PS e com incidência orçamental, a redução do IRS até ao 6.º escalão e o fim das portagens em algumas antigas Scut.

Na argumentação explicativa das decisões, publicadas no *site* da Presidência, Marcelo explicou que "todos os diplomas terão de encontrar cobertura no Orçamento do Estado para 2025, a fim de poderem ser executados, não sendo, por isso, irrelevantes para contribuir para o debate e aprovação do Orçamento". Isto depois de ter previamente anunciado que a sua decisão sobre estes diplomas resultaria da sua "leitura" sobre eles, que "é obviamente política", e teria em conta a seguinte ideia: "Que o Orçamento passe." Um objectivo de acordo que deverá começar a ser tentado nas negociações que são retomadas em Setembro.

Sondagens apontam Guterres e Passos como favoritos para Belém

Fernando Costa

António Guterres regista uma média de 15,26% nos estudos da Intercampus. À direita, Passos Coelho obtém uma média de 14,3%

MIKE SEGAR/REUTERS

Guterres conclui mandato na ONU 11 meses depois das presidenciais

No último ano e meio, António Guterres tem-se mantido como o nome mais bem colocado nas sondagens para as eleições presidenciais de 2026, seguido pelo antigo primeiro-ministro Pedro Passos Coelho. Com a saída de António Costa do leque de presidenciáveis, Guterres destacou-se como o potencial candidato da área política à esquerda com mais apoio dos inquiridos, seguido – a distância considerável – por Ana Gomes e Catarina Martins. À direita, Passos Coelho está à frente de nomes como André Ventura e Luís Marques Mendes. No "centro pragmático" que, em entrevista ao *Expresso*, assumiu ocupar, Gouveia e Melo continua a ser um nome consistentemente apoiado pelos portugueses, mas aquém das intenções de voto recolhidas por Guterres, Passos e até Ventura.

Em Abril, era Costa o preferido na sondagem da Intercampus, com 14,7% das intenções de voto. No entanto, o ex-primeiro-ministro, que sempre afastara a possibilidade de ser candidato a Belém por preferir funções executivas, ficou arredado da contenda ao tornar-se presidente eleito do Conselho Europeu.

Desde Fevereiro de 2023 que o secretário-geral da ONU, António Guterres, está, em todas as sondagens da Intercampus para o *Jornal de Negócios* e o *Correio da Manhã*, no pódio dos putativos candidatos a Belém. E na última, de Agosto, tendo já caído o nome de António Costa, Guterres obteve 19,3% das intenções de voto, o valor mais alto de qualquer eventual candidato no último ano e meio. Ainda que venha a ser considerado em diversos estudos de opinião, António Guterres só termina o mandato à frente da ONU a 31 de Dezembro de 2026, ao passo que as eleições presidenciais terão lugar em Janeiro desse ano.

À esquerda, com intenções de voto significativamente menores, surgem os nomes da eurodeputada Catarina Martins (antes da mudança na liderança do BE, era o nome de Mariana Mortágua que aparecia) e da candidata às presidenciais de 2021 Ana Gomes, que não foram além, respectivamente, de 6,9% e de 6% nos estudos da Intercampus.

A ex-eurodeputada socialista não rejeitou ainda um possível regresso à corrida presidencial e nas últimas eleições, apesar de não ter apoio oficial do PS, foi apoiada por Pedro Nuno Santos, actual líder do PS. Embora surja menos bem posicionada nas sondagens da Intercampus, Ana Gomes chegou a aparecer em segundo entre os candidatos de esquerda numa sondagem da Aximage de Setembro de 2023 (19%), atrás de António Guterres.

Mário Centeno, governador do Banco de Portugal (BdP), e o ex-presidente da Assembleia da República Augusto Santos Silva também já foram, no passado, indicados como potenciais candidatos a Belém (Santos Silva admitiu em 2022 não rejeitar "em absoluto" uma futura candidatura. Recolhem menos apoio entre os inquiridos nos estudos da Intercampus. O valor máximo atingido por Centeno foi de 3,9%, em Setembro, enquanto Santos Silva só chegou a 3,8% em Fevereiro de 2023. Já depois de o PÚBLICO ter noticiado que Centeno surge entre as preferências do PS para uma candidatura presidencial, este declarou, há dias, ser sua intenção continuar à frente do BdP num segundo mandato.

Passos é o favorito à direita

Nenhum potencial candidato à direita tem sido tão consistentemente apoiado pelos inquiridos como Pedro Passos Coelho. Depois de em mais de uma sondagem da Intercampus (Fevereiro e Setembro de 2023) ter sido apontado como favorito, o antigo primeiro-ministro tem uma média de 14,3% de intenções de voto, a segunda mais alta. Segue-se o líder do Chega, André Ventura, com média de 9,8%.

> **À direita, Passos Coelho é o preferido, mas tem a concorrência de Ventura, Gouveia e Melo e Marques Mendes**

Luís Marques Mendes, ainda que com uma média inferior à de André Ventura nas sondagens da Intercampus, chegou a ser apontado pela sondagem da Aximage de Setembro, como o melhor candidato da direita, com 19,8% de intenções de voto (0,3 pontos percentuais acima de Passos Coelho). O comentador político e antigo líder do PSD admitiu, em Agosto do ano passado, que uma candidatura seria possível se pudesse "ser útil ao país". Na sondagem de Agosto, também foi apontado como melhor candidato para derrotar candidatos como Ana Gomes e Mário Centeno, à frente do Passos Coelho.

Um nome que, desde a pandemia, surge sempre que se discutem potenciais candidatos a Belém é o do vice-almirante Gouveia e Melo. Ainda que já tenha assumido que seria "péssimo" como político, tem uma média de 8,7% nas intenções de voto no último ano e meio de sondagens da Intercampus. Numa sondagem do ICS/Iscte, em que os inquiridos indicavam, de 0 a 10, a probabilidade de voltarem em cada um os nomes, foi o nome de Gouveia e Melo o que conseguiu a melhor média (4,8), à frente de Guterres (4,4) e Costa (4,1).

Apesar de não surgir em nenhuma sondagem do último ano e meio, importa lembrar o nome de Sampaio da Nóvoa como um potencial candidato que poderia ter o condão de unir uma esquerda que discute actualmente eventuais alianças nas autárquicas do próximo ano. O candidato independente às presidenciais de 2016 – que recebeu uma espécie de apoio oficioso da então direcção do PS – marcou presença, este ano, em acções da campanha para as legislativas antecipadas do Livre, BE e CDU.

Encerramento de urgências: Pedro Nuno acusa Montenegro de "ignorar os problemas"

Fernando Costa

O secretário-geral do PS criticou o "silêncio" do primeiro-ministro em relação ao encerramento de serviços de obstetrícia e ginecologia no passado fim-de-semana, acusando Luís Montenegro de "ignorar os problemas" na Saúde. Pedro Nuno Santos defendeu também que os problemas no funcionamento destas unidades tornam "evidente" que "o Plano de Emergência e Transformação na Saúde da AD está a falhar".

Numa publicação partilhada nas redes sociais este domingo, Pedro Nuno Santos considerou que a atitude de Montenegro não se coaduna com o cargo de primeiro-ministro. "Governar é assumir responsabilidades, nos bons e nos maus momentos", sublinhou. "Não é apresentar PowerPoints e, quando estes são submetidos ao teste da realidade, ignorar os problemas." Não é a primeira vez que o líder socialista critica o plano de emergência para a saúde do Governo da AD. Ainda em Maio, considerou-o "uma grande desilusão" que "não inspira grande esperança".

Além do líder do PS, também Rui Rocha teceu este domingo críticas ao Governo, tendo considerado a execução do plano de Verão um "desastre". E, já ontem, a deputada do Bloco de Esquerda Marisa Matias disse, citada pela Lusa, que "o primeiro-ministro tem a obrigação de quebrar esse silêncio e de apresentar soluções para estes problemas, não pode continuar com esta barreira de silêncio e sem dar respostas às pessoas".

Ontem, em declarações aos jornalistas, Montenegro rejeitou comentar a situação. "Não insistam, não levem a mal", disse aos jornalistas, enquanto assistia à Volta a Portugal.

No texto que partilhou nas redes sociais, Pedro Nuno acusou ainda o Governo de ter causado "instabilidade" na área da saúde, de estar a mostrar maior abertura ao sector privado, "em vez de apostar no investimento no SNS" e de afastar "dirigentes do SNS reconhecidos e consensuais".

O grupo parlamentar do PS revelou ontem ter pedido reuniões com os Conselhos de Administração das Unidades Locais de Saúde de São José e de Santa Maria (Lisboa), Arco Ribeirinho (Setúbal), Leiria, do Médio Tejo e Lezíria (Santarém). A primeira tem lugar hoje, pelas 15h, na Unidade de Saúde Local de Santa Maria e contará com a presença dos deputados eleitos pelo círculo de Lisboa.

Tribunais administrativos estão catatónicos, lamenta Ministério Público

São "incorrectas e extremamente injustas" conclusões de relatório anual, diz representante máxima da justiça administrativa e fiscal. DCIAP fez acusações em apenas 2% dos inquéritos concluídos em 2023

Ana Henriques

O departamento do Ministério Público criado para punir as ilegalidades ambientais e urbanísticas lamenta que os tribunais administrativos, onde estes litígios são dirimidos, tenham entrado em estado catatónico.

No mais recente relatório anual de actividades do Ministério Público, os procuradores que integram o Departamento Central de Contencioso do Estado e Interesses Colectivos e Difusos acusam ainda os juízes destes tribunais de centrarem as suas decisões em questões meramente processuais, escusando-se assim a analisar as questões de fundo destes litígios.

"Subsistem consideráveis entraves ao incremento da intervenção do Ministério Público" nestas matérias, pode ler-se no documento, que dá vários exemplos desses obstáculos. É o caso da "insistente discussão de questões adjectivas, em desfavor de decisões de mérito". Circunstância "a que acresce o facto – por todos conhecido e reconhecido – de esta jurisdição se encontrar catatónica", apesar de constituir "a sede privilegiada da defesa das temáticas relacionadas com o ambiente, o urbanismo e o ordenamento do território".

Estas afirmações causaram a indignação da presidente do Conselho Superior dos Tribunais Administrativos e Fiscais, Dulce Neto, que as considera "incorrectas e extremamente injustas". Contactada pelo PÚBLICO, a magistrada explica que, muito embora esta jurisdição ainda não tenha atingido o grau de eficiência e celeridade desejável, o desempenho dos tribunais administrativos melhorou muito nos últimos anos. "Catatónicos não! Os tribunais não estão paralisados", reage. "Não são os juízes que matam os processos porque lhes apetece, mas porque não têm pernas para andar. Não se pode obter êxito em acções que foram mal interpostas".

Com apenas quatro magistrados – irá receber uma quinta procuradora no mês que vem –, este departamento do Ministério Público já conseguiu algumas vitórias, tendo por exemplo conseguido suspender a construção do parque eólico de Mirandela, em defesa do património cultural, e tendo igualmente embargado a via rodoviária de acesso ao parque de ciência e tecnologia de Guimarães, o Avepark, por a sua implantação estar prevista para áreas da Estrutura Ecológica Municipal e da Reserva Agrícola Nacional. A construção da maior central fotovoltaica da Europa em Santiago do Cacém, um projecto da Iberdrola, está também a ser contestada em tribunal pelo departamento.

Os seus procuradores realçam que o pequeno número de acções judiciais que têm em mãos vale mesmo muito dinheiro: "O valor associado aos dossiers movimentados no departamento atingiu, em 2023, o montante global de 4.106.505.210,47€", ou seja, mais de quatro mil milhões de euros.

Já na vertente do cibercrime, o Ministério Público revela que em 2023 continuaram a agravar-se as demoras nas perícias informáticas a cargo da Polícia Judiciária. Tratando-se frequentemente de análises a material apreendido essenciais para o prosseguimento das investigações, os procuradores voltaram a ter de recorrer a instituições universitárias para prestação deste serviço, para evitarem que os inquéritos ficassem paralisados.

DANIEL ROCHA

A procuradora-geral da República, Lucília Gago

Os crimes que mais subiram e desceram em 2023

Entre parêntesis, o total de inquéritos por fenómeno criminal

Fenómeno criminal	Variação (inquéritos)
Violência em comunidade escolar	+105,1% (958)
Crimes económico-financeiros	+46,4% (8782)
Branqueamento de capitais	+32,0% (1734)
Crimes ambientais	+26,5% (521)
Crimes de tráfico de estupefacientes	+25,3% (9112)
Furto, roubo e receptação de metais*	-63,9% (2506)
Roubos em habitação e outros espaços**	-30,5% (584)
Crimes contra profissionais de saúde	-21,3% (118)
Crimes estradais	-14,4% (13.068)
Crimes de incêndio florestal	-14,2% (7367)

*metais não preciosos **outros espaços fechados

Fonte: Procuradoria-Geral da República

PÚBLICO

O cibercrime e o tráfico de droga estão entre os crimes que maior crescimento registaram em 2023, juntamente com a violência em comunidade escolar

DCIAP acusa pouco

No que à actividade do Departamento Central de Investigação e Acção Penal (DCIAP) diz respeito, as notícias deste relatório não são as melhores: dos mais de 1100 inquéritos concluídos no ano passado resultaram apenas 25 despachos de acusação para julgamento, o que equivale a uma taxa da ordem dos 2,1%. Admitindo que se trata de um valor claramente abaixo da média global nacional do exercício da acção penal em sede de inquérito, o Ministério Público justifica-o com o facto de o DCIAP se dedicar apenas à criminalidade mais complexa, o que faz com que os inquéritos se transformem com frequência em megaprocessos.

Pela quantidade de inquéritos instaurados em 2023, o cibercrime e o tráfico de droga estão entre os crimes que maior crescimento registaram, juntamente com a violência em comunidade escolar: de menos de 500 casos assinalados em 2022 passou-se para 958 no ano passado, um aumento de 105%. Foram deduzidas 50 acusações, suspensos provisoriamente 42 casos e arquivados 573 inquéritos. A violência contra menores, por seu turno, tem revelado um crescimento constante.

O documento considera igualmente preocupante a subida, embora ligeira, das queixas de violência conjugal. Em contrapartida, os crimes rodoviários baixaram, bem como os ataques aos profissionais de saúde, os furtos ou roubos e os crimes sexuais contra menores.

Entretanto, deficientes condições de detenção dos reclusos nas cadeias ultrapassaram, no Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, as queixas apresentadas contra o Estado português no que diz respeito à morosidade da justiça. Portugal tem sido repetidamente condenado em Estrasburgo nesta matéria e o Ministério Público antevê que o problema não se resolva tão cedo, "considerando a demora em desenvolver mecanismos que sejam tidos por adequados" por esta instância. Salienta-se ainda um aumento exponencial das queixas por violação da liberdade de expressão: os tribunais portugueses continuam a condenar muitos arguidos por difamação e injúria, decisões que os juízes europeus reverteram em vários casos.

Em dois meses, SNS transferiu 42 grávidas para unidades privadas

Ana Maia, Mariana Oliveira

IGAS abre inquérito a caso de mulher que recorreu ao Hospital das Caldas da Rainha após aborto espontâneo

Entre Junho e os primeiros dias de Agosto, os hospitais públicos da Área Metropolitana de Lisboa encaminharam 42 grávidas para os hospitais privados com que o SNS tem protocolo – CUF Descobertas, Luz Saúde Lisboa e Lusíadas Lisboa –, segundo um balanço feito pelo INEM ao PÚBLICO. No último fim-de-semana, segundo dados da Direcção Executiva do SNS (DE-SNS), "nasceram nas maternidades de Lisboa e Vale do Tejo um total de 146 bebés, com uma média de 73 nascimento em cada dia".

À semelhança do que tem acontecido no último ano, e em pleno período de férias, o último fim-de-semana ficou marcado pelo encerramento de várias urgências, em especial de obstetrícia e na região de Lisboa e Vale do Tejo. Em todo o país, e de acordo com a informação publicada no Portal do SNS, estiveram fechadas as urgências de ginecologia/obstetrícia dos hospitais de Almada, Amadora-Sintra, São Francisco Xavier, Loures, Setúbal, Leiria e Portimão.

Num balanço feito ontem, e com dados apurados apenas em relação ao fim-de-semana (dias 3 e 4 Agosto), a DE-SNS contabilizou "um total de 146 bebés" nascidos nas maternidades de Lisboa e Vale do Tejo. "Muitos destes bebés nasceram em unidades que não estiveram abertas ao público", salienta a informação.

NUNO FERREIRA SANTOS

Sete urgências de obstetrícia fecharam no fim-de-semana

Para as urgências que estiveram abertas, a pressão foi maior. Num balanço feito também ontem, em conferência de imprensa, a MAC revelou que realizou desde as 00h00 de sexta-feira e a manhã de ontem cerca de 60 partos e atendeu cerca de 400 grávidas. A enfermeira directora da Unidade Local de Saúde (ULS) São José, Maria José Costa Dias, adiantou, citada pela agência Lusa, que realizaram "uma média de 19 partos em cada 24 horas", quando o habitual são entre dez e 12 partos por dia.

Também ontem o Ministério da Saúde disse que "está a acompanhar desde a primeira hora o caso" de uma mulher que se deslocou ao Hospital das Caldas da Rainha na sequência de um aborto espontâneo em casa. Segundo a CNN Portugal, o hospital teria inicialmente recusado prestar assistência a esta utente de 31 anos, que se dirigiu pelos próprios meios à urgência, que estava fechada, tendo sido atendida meia hora depois, após a insistência dos bombeiros para que fosse vista naquela unidade. Em resposta ao PÚBLICO, o Ministério da Saúde adiantou que teve a "indicação de que a IGAS [Inspecção-Geral das Actividades em Saúde] já instaurou um processo de inquérito, que foi distribuído a duas equipas multidisciplinares".

Contactada pelo PÚBLICO, a ULS Oeste, que integra o Hospital das Caldas, nega que tenha havido recusa na assistência a esta mulher e assegura que assim que a unidade teve conhecimento da situação foi-lhe prestada imediata assistência. Em resposta escrita, o gabinete de comunicação da ULS do Oeste explica que, ao chegar ao hospital, a mulher "teve conhecimento através do cartaz afixado na porta da Urgência de Ginecologia/Obstetrícia que esta não estava a funcionar", presumindo que "tenha ligado para a Linha SNS 24 ou para o 112, e que tenha aguardado na viatura respectiva pelas indicações telefónicas".

"Posteriormente, foram accionados os bombeiros para irem ao encontro da utente", explica o hospital, acrescentando que o registo que têm é que a "utente apenas entrou no hospital às 8h04 de hoje [segunda-feira], tendo sido de imediato admitida". "Em momento algum foi recusada a sua admissão, nem temos registo de várias insistências para admissão", reafirma, assegurando que a utente "foi prontamente admitida quando houve conhecimento de que estava a aguardar" e que "ficou em vigilância". Mais acrescenta que a maternidade, embora também estivesse encerrada no domingo, "atendeu quatro utentes e realizou dois partos".

Exames nacionais da 2.ª fase com piores resultados

Cristiana Faria Moreira

Na 2.ª fase dos exames nacionais do ensino secundário, os alunos não se saíram tão bem como na 1.ª. Regra geral, os resultados pioraram, já que em 18 das 24 disciplinas com inscritos na segunda chamada destas provas as médias foram inferiores. Nas restantes, as médias subiram em algumas disciplinas com poucos inscritos. A subida mais representativa foi a Inglês, em que os alunos conseguiram obter, em média, mais um valor, alcançando os 15,1.

De acordo com os dados do Júri Nacional de Exames (JNE), ontem divulgados, os alunos obtiveram menos de dez valores a três disciplinas: Filosofia, em que a média se ficou pelos 9,9 valores, Matemática A, em que atingiram os 9,6 valores, e Literatura Portuguesa, onde os 118 alunos que realizaram a prova se ficaram, em média, pelos 8,3 valores. Foi a única prova com média negativa nesta 2.ª fase (por ser inferior a 9,5 valores), sendo que, na 1.ª, os estudantes tinham alcançado 11,4 valores.

Numa leitura a estes resultados, a Sociedade Portuguesa de Filosofia considera que a média de 9,9 valores obtida pelos 3438 alunos que realizaram prova está dentro "da margem de variação" prevista para os resultados da 2.ª fase, que, nos últimos anos, têm sido inferiores aos da 1.ª. As médias da 1.ª fase dos exames do secundário, divulgadas em Julho, subiram em 13 das 25 disciplinas sujeitas a exame face aos resultados alcançados em 2023.

No entanto, registaram-se também descidas, nomeadamente em Biologia e Geologia e Português, disciplinas em que os alunos tinham melhorado nas provas de 2023 e que eram as mais concorridas este ano. A média de Biologia e Geologia ficou mesmo abaixo do limiar dos dez valores, com 9,9, tendo sido a única abaixo dessa linha entre as 25 provas sujeitas a exame.

Os alunos obtiveram menos de dez valores a três disciplinas, mostram os dados ontem divulgados

Estas provas poderão ser agora usadas na candidatura à 2.ª fase do concurso nacional de acesso ao ensino superior, que decorrerá de 26 de Agosto a 4 de Setembro. A 1.ª fase de candidaturas encerrou ontem e, até domingo, tinham sido realizadas 56.170, um número semelhante ao do ano passado.

Também no 9.º ano, as médias alcançadas pelos alunos foram mais baixas do que as registadas na 1.ª fase: a Português, os alunos chegaram aos 44 pontos e a Matemática ficaram-se pelos 25. Para o JNE, esta descida de resultados justifica-se pelo facto de esta 2.ª fase das provas finais do 9.º ano se destinar a alunos que se encontravam em situação de não aprovação no ciclo, sendo, por isso, "alunos que demonstraram maiores dificuldades ao longo do ano lectivo".

SNS já conta 665 médicos aposentados no activo

Alexandra Campos

Este ano, se todos os que atingem a idade da reforma saíssem, o SNS ficaria com menos 1901 médicos. Mas muitos optam por ficar

Há cada vez mais médicos reformados a trabalhar no Serviço Nacional de Saúde (SNS). No primeiro semestre deste ano, eram já 665 os aposentados que decidiram regressar ao activo e continuar a exercer funções no SNS, cerca de dois terços dos quais nos centros de saúde carenciados, de acordo com o último balanço da Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS).

Apesar de ter sido criado em 2010 para ser excepcional e transitório, este regime que permite a contratação de médicos aposentados tem vindo a ser prorrogado e a bater recordes face à carência de especialistas agravada nos últimos anos devido ao pico de aposentações.

Este ano, e tendo em conta a magnitude de aposentações previstas, o Governo autorizou que fossem contratados até 900 reformados para os centros de saúde e hospitais públicos, um número recorde, e substancialmente superior ao de 2023, quando foi dada "luz verde" para que um máximo de 587 continuassem a exercer funções no SNS.

No primeiro semestre deste ano, porém, o ritmo de aposentações de médicos até abrandou em comparação com o mesmo período do ano passado. Entre Janeiro e Junho, solicitaram a aposentação 286 médicos especialistas, adiantou também a ACSS, lembrando que a previsão do número de reformas pela idade aponta para um total de 1901 médicos especialistas. Contextualizando a situação, o organismo explica que "anualmente se tem verificado que grande parte destes profissionais opta por continuar a trabalhar, apesar de terem atingido a idade de reforma".

Seja como for, e tendo em conta a carência sentida em algumas especialidades, o actual Governo tem a intenção de reforçar o regime que permite contratar aposentados. É uma das medidas prioritárias do plano de emergência e transformação na saúde, que prevê que, ao longo de três anos, os médicos aposentados que continuem a trabalhar no SNS possam acumular a pensão com 100% do vencimento-base, em vez de 75%, como sucede actualmente.

Centrais solares e eólicas no Peneda-Gerês? Ambientalistas contestam escolha

Dois projectos no Parque Nacional da Peneda-Gerês violarão o plano de ordenamento do parque e terão impacto ambiental, alegam ambientalistas

Pedro Manuel Magalhães

Dois projectos de centrais solares e eólicas no Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), lançados pelo Estado através de leilão, estão a gerar contestação junto de associações e especialistas ambientais. No conjunto dos dois projectos está prevista a instalação de cerca de 44.000 painéis solares flutuantes nas albufeiras de Paradela e Salamonde, ambas inseridas no PNPG, e de cinco eólicas no limite exterior ao perímetro do parque. Os contestatários alegam que a magnitude da empreitada, que ainda contempla a construção de torres de alta tensão e acessos rodoviários, compromete a integridade ecológica e paisagística do parque nacional, e contraria o próprio Plano de Ordenamento do PNPG (POPNPG).

Raul Cerveira Lima, investigador em poluição luminosa e antigo membro da Fapas – Associação Portuguesa para a Conservação da Biodiversidade, sustenta que a instalação de toda a infra-estrutura nas duas albufeiras, separadas entre si por 15 quilómetros, irá ter "um grande impacto numa zona protegida e em toda a paisagem e habitats naturais da região". Embora as albufeiras, por si só, já constituam um ambiente artificial, houve uma adaptação, há vários anos, das "margens e da fauna" lá existentes. Aqui, pelo contrário, refere o ambientalista, prevê-se "produção de energia no único parque nacional do país, que já sofre com uma enorme pressão turística e onde não há quase controlo de entrada de pessoas".

Raul Cerveira Lima condena a utilização de zonas protegidas para a produção de energia, dando os exemplos de "França e Holanda, onde há imensa produção eólica, mas em zonas industriais". "A eficiência é menor, mas protege-se a paisagem de outros locais", sublinha, alertando ainda para o facto de que as torres de alta tensão e eólicas previstas nos dois projectos do Gerês podem também "agravar a poluição luminosa", afectando os ecossistemas.

Os projectos de Paradela e Salamonde foram alvo de estudos de impacte ambiental (EIA) e estiveram em consulta pública até ao final de Julho. Ainda não há pareceres do ICNF, entidade responsável pela gestão do parque nacional, e da Agência Portuguesa do Ambiente (APA). Em resposta ao PÚBLICO, o ICNF refere que não se irá pronunciar sobre o assunto enquanto decorre o prazo para análise, e a APA não respondeu às questões apresentadas.

Para Miguel Pimenta, da Iris – Associação Nacional de Ambiente, a decisão das entidades não pode ser outra que não o chumbo dos projectos. Em causa, lembra, está o artigo 7.º do POPNPG que estabelece a interdição da "instalação de infra-estruturas de produção de energia eléctrica, excepto, no caso de recursos hídricos ou eólicos, em sistema de microprodução, ou, no caso de recursos hídricos, no troço já artificializado do rio Cávado que constitui limite administrativo do Parque Nacional da Peneda-Gerês". Nos próprios EIA dos projectos está descrito que a componente fotovoltaica flutuante do projecto "está dependente do parecer do ICNF" pelo facto de estar "inserida no limite sul" do PNPG.

Projectos estiveram em discussão pública até ao final de Julho

Atendendo às condicionantes em causa, Miguel Pimenta alerta que, além das consequências na "fauna aquática e avifauna" e na "degradação da qualidade da água", a eventual aprovação dos projectos constituirá uma "violação da lei" e abrirá "um precedente grave". O ambientalista, que já fez parte do ICNF e contribuiu para a redacção do POPNPG de 2011, lembra que "actualmente não há, no PNPG, nenhum projecto semelhante", recordando que já houve, no passado, "tentativas de algumas empresas de avançar com projectos semelhantes", nomeadamente de centrais eólicas na serra Amarela e serra da Peneda. "Na altura a legislação não era tão restrita e mesmo assim esses projectos foram chumbados. Mais do que o impacto paisagístico, olhava-se para a questão da biodiversidade."

O POPNPG foi aprovado, relembra Miguel Pimenta, "precisamente por causa das grandes pressões que existiam".

Já Miguel Dantas da Gama, membro do conselho estratégico do ICNF – apesar de estar à margem de pareceres consultivos na entidade – e profundo conhecedor do PNPG, acredita que os dois projectos são mais um sinal de "pressão sobre o

FOTOS: JOSE SERGIO

> **Parque Nacional é a única área protegida com estatuto, a que políticos costumam chamar ‘jóia da coroa’, e deve ser olhado como tal**
>
> **Miguel Dantas da Gama**
> Conselho estratégico do ICNF

parque”, particularmente na barragem de Paradela, onde há menos aglomerado urbano e cuja paisagem “é das mais preservadas em toda a serra do Gerês”.

Reforçando que os projectos “vão contra o estipulado” no POPNPG, onde “não estão consentidas explorações com estas dimensões naquelas albufeiras”, o ambientalista defende que há outro problema além dos painéis fotovoltaicos: a instalação de “mais uma linha eléctrica” entre as duas albufeiras e a construção de acessos rodoviários, que podem contribuir para a “entrada de caçadores furtivos, ‘piqueniqueiros’ ou incendiários”, à semelhança do que já acontece noutras zonas circundantes do parque nacional.

Miguel Dantas da Gama destaca que o PNPG “é a única área protegida com estatuto, a que os políticos costumam chamar ‘jóia da coroa’” e deve ser “olhado como tal”.

Nestes dois projectos foi o próprio Estado a determinar a instalação dos painéis solares em albufeiras. Foi em Novembro de 2021 que o Governo, num despacho assinado pelo então secretário de Estado adjunto e da Energia, João Galamba, e pela secretária de Estado do Ambiente, Inês Santos Costa, determinou a abertura de um concurso público, sob a forma de leilão, com o objectivo de atribuir a privados reserva de capacidade em parte da Rede Eléctrica de Serviço Público (RESP) para a injecção de electricidade gerada a partir de energia solar. No programa de procedimento definiu-se que a conversão de energia solar seria feita através de centros fotovoltaicos flutuantes a instalar em albufeiras, nomeando, entre sete delas, as de Paradela e Salamonde.

A energética Finerge, empresa que venceu o leilão, garante ao PÚBLICO que “não teve qualquer papel” na escolha das albufeiras e dos pontos de ligação à RESP, destacando que os dois projectos “respeitam a área de implantação prevista no procedimento concorrencial”.

Segundo a empresa, a electricidade produzida nas duas albufeiras poderá ser vendida por duas vias: “em mercado organizado ou através de contrato bilateral; e através de participante no mercado que preste serviços de agregação da produção”. Em troca, é exigido o pagamento de uma compensação fixa ao Sistema Eléctrico Nacional (SEN).

Para os contestatários, o destino da energia produzida é outro dos aspectos censuráveis em todo o processo. Miguel Dantas da Gama refere que a energia produzida nas centrais, para onde estão também previstas as construções de subestações de 30kV e 60kV, será para alimentar centros urbanos, assinalando que em redor do Gerês, onde abundam eólicas, as populações “queixam-se muitas vezes que não são beneficiadas, apesar de que estarem num lugar onde se produz muita energia”. Também Miguel Pimenta assinala que “a população, como é costume, não vai ganhar nada com isto”.

Nos EIA de ambos os projectos está contemplado o pagamento de compensações aos municípios de Vieira do Minho, do distrito de Braga, e de Montalegre, do distrito de Vila Real, onde estão instaladas as albufeiras. O PÚBLICO enviou questões a ambos os municípios, mas não obteve resposta. A Finerge diz que tem como prática “envolver os municípios numa fase inicial de concepção do projecto” e garante que tem cumprido “escrupulosamente as suas obrigações em matéria de compensações para os municípios e comunidade local nos termos da lei”.

Impacto ambiental em Portugal de armazém de resíduos nucleares de Almaraz em consulta

Nicolau Ferreira

APA pôs a avaliação de impacto ambiental de novo armazém para resíduos radioactivos de Almaraz em consulta pública

O documento sobre a avaliação do impacto ambiental de um novo armazém para resíduos nucleares, localizado nos terrenos da Central Nuclear de Almaraz, na província espanhola de Cáceres, foi posto em consulta pública, no portal Participa, pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA), de acordo com uma nota que a APA enviou ontem para as redacções.

“Considerou-se que o projecto poderia ser susceptível de ter efeitos ambientais significativos no território nacional, motivo pelo qual Portugal informou [as autoridades espanholas] do seu interesse, em participar no respectivo procedimento de avaliação de impacte ambiental”, lê-se na nota, adiantando que o documento está em consulta pública desde 1 de Agosto até 12 de Setembro próximo.

A construção de um novo armazém temporário individualizado, o ATI 100, faz parte das necessidades do desmantelamento da central nuclear. Em Junho último, a Empresa Nacional de Gestão de Resíduos Radioactivos (Enresa), que gere os resíduos radioactivos da central nuclear de Almaraz, anunciou o início do processo de concurso para contratar os serviços de engenharia necessários para se desmantelar a central nuclear.

Para já, as datas de cessação de funcionamento das duas unidades da central são Novembro de 2027 para a primeira unidade e Outubro de 2028 para a segunda unidade. O desmantelamento da central será feito ao longo da década seguinte. No entanto, os armazéns em funcionamento para albergar temporariamente os resíduos radioactivos não terão espaço para os restos produzidos no futuro.

Espera-se, por isso, que a ATI 100 “permita albergar o combustível irradiado e os resíduos altamente radioactivos e resíduos especiais produzidos durante todo o período de operação da central, e os resíduos radioactivos que se possam produzir no seu desmantelamento”, lê-se no documento disponibilizado no Participa, intitulado *Avaliação do impacto ambiental do novo armazém temporário individualizado (ATI100) da Central Nuclear de Almaraz*. O destino final deste material será um armazém geológico profundo.

Acesso à informação

Situada em linha recta a cerca de 100 quilómetros da fronteira portuguesa, no distrito de Castelo Branco, a Central Nuclear de Almaraz entrou em funcionamento em 1981 e é detida pela Iberdrola, a Endesa e a Naturgy. O complexo foi construído junto à barragem de Arrocampo, e próximo da barragem Torrejón-Tejo, recebendo águas do rio Tejo para arrefecer os reactores. Dali até à fronteira portuguesa, pelo caminho do rio, são 137 quilómetros de distância.

Devido à proximidade da central do território português e ao protocolo existente entre os dois países, o Governo espanhol notificou Portugal sobre o projecto. A APA optou por pôr o documento para consulta pública “de forma a garantir o acesso à informação e a participação pública”, segundo a nota da agência.

Em 2020, o Governo espanhol decidiu renovar a licença de exploração da central nuclear de Almaraz, uma medida que foi alvo de críticas vindas dos ambientalistas. Segundo o calendário definido entre a Enresa e as três empresas proprietárias, a central nuclear poderá em teoria manter-se em funcionamento até 2035.

Caso o Governo espanhol e as empresas escolham prolongar, de novo, o funcionamento da central, poderão fazê-lo durante o primeiro trimestre de 2025 sem pôr em causa a actividade do complexo. Se o fizerem após aquela data, o funcionamento da central terá um interregno em 2027 e 2028 para reorganizar os anos seguintes de trabalho.

Central nuclear fica a 100 quilómetros de Portugal

O centro de detenção de Israel onde os palestinianos perdem “tudo o que faz deles humanos”

Desde Abril que a PHRI pede o encerramento de Sde Teiman, conhecida como a “Guantánamo israelita”, diz ao PÚBLICO Naji Abbas

Maria João Guimarães

A base militar transformada em centro de detenção para palestinianos suspeitos de terrorismo depois de 7 de Outubro e que foi invadida por extremistas em Israel no início da semana está, há meses, a ser alvo de denúncias de maus tratos, abuso e tortura aos prisioneiros, com um processo a decorrer no Supremo Tribunal pedindo o seu encerramento.

O primeiro pedido para encerramento do centro de detenção de Sde Teiman, perto da cidade de Beersheba, no deserto do Neguev, Sul de Israel, foi feito pela organização Physicians For Human Rights Israel (PHRI). “Durante meses, Sde Teiman foi como um buraco negro, ninguém sabia de nada”, conta, numa entrevista ao PÚBLICO, Naji Abbas, director do departamento de prisioneiros da PHRI.

Houve suspeitas em relação a onde estariam detidos que precisavam de cuidados médicos porque os gestores de hospitais israelitas civis se negaram a receber suspeitos de terrorismo. E houve certezas de abusos quando uma directiva do Ministério da Saúde previa que os suspeitos de terrorismo que precisassem de cuidados médicos deveriam ser tratados algemados e de olhos vendados, e que as cirurgias fossem feitas com o mínimo de anestesia, contou Abbas.

Os primeiros prisioneiros a relatar o que sofreram em detenção não faziam ideia onde tinham estado, diz o responsável da PHRI. De olhos sempre vendados, alguns até achavam que nunca tinham saído de Gaza. Agora sabe-se que vários passaram por Sde Teiman.

As primeiras revelações sobre tortura e abusos em Sde Teiman foram feitas por médicos, que relataram como as medidas de imobilização física implicavam algemas tão apertadas que houve amputações rotineiras de mãos ou pés (uma das primeiras denúncias falava de duas amputações de pernas em apenas uma semana). A justificação dada para as restrições físicas permanentes era a necessidade de impedir agressões de pacientes a médicos. O primeiro médico que denunciou as condições escreveu uma carta de protesto às autoridades antes de sair. “Estão a transformar-nos em criminosos.”

O cheiro das feridas infectadas sentia-se no ar, descreveu um médico à CNN. Havia detidos obrigados a usar fraldas, sem terem acesso a uma casa de banho. Havia tratamento humilhante, descreveu um médico ouvido pela estação de televisão norte-americana: “Tiram-lhes tudo o que faz deles humanos.”

A alguns não lhes era permitido dormir, não podiam comunicar, não podiam espreitar por baixo da venda que lhes tapava os olhos. Isto além da violência física: detidos com marcas de agressões com coronhas de armas de fogo, vários com costelas partidas. Em Fevereiro, a PHRI soube que morreram 27 pessoas no local.

“É legítimo fazer tudo”

Algumas das agressões eram de cariz sexual. Os militares cuja detenção levou ao motim são acusados de violação em grupo agravada com um objecto. Em consequência do ataque, o prisioneiro teve ferimentos no ânus, intestinos, e abdómen. Terá ficado incapaz de andar e teve de ser hospitalizado e sujeito a cirurgia, segundo relatos nos *media* israelitas. Dos dez soldados suspeitos, um não foi detido, outro foi ouvido e libertado, e oito continuariam detidos – após serem ouvidos, foi decretado pelo tribunal que ficariam em detenção até domingo.

Naji Abbas diz que este caso só terá sido alvo de investigação porque o suspeito ficou num estado tão grave que teve de ser tratado num hospital civil. Diz ainda que a organização tem recebido informação de vários casos de ataques também com inserção de objectos no recto, quer em Sde Teiman quer noutras prisões.

A PHRI, que junto com outras organizações como a HaMoked apresentou a petição ao Supremo pedindo o encerramento de Sde Teiman, divulgou em Abril um relatório sobre os abusos, dizendo que a única solução é fechar o centro, já que, “devido às lições tiradas de centros de detenção como Guantánamo ou Abu Ghraib, é crucial impedir que continuem a operar e reconhecer que é um erro achar que podem ser ‘reformados’”. Muitas das pessoas que defendem os soldados dizem que não lhes interessa o que foi feito ao prisioneiro, que seria um comandante de uma unidade de elite do Hamas.

Esta semana no Parlamento, quando questionado sobre se era aceitável atacar um detido, por exemplo, “inserindo um objecto no seu recto”, como se suspeita de que tenham feito os soldados, um deputado do Likud, Hanoch Milwidsky, respondeu: “Sim. Se for Nukhba [unidade de elite da ala militar do Hamas], é legítimo fazer tudo. Tudo.” O ministro da Segurança Interna, Itamar Ben-Gvir, de extrema-direita, defendeu os soldados e disse que os centros de detenção eram “campos de férias” para os detidos.

O campo ganhou ainda fama por ser um “paraíso para internos”, onde médicos com pouca experiência podiam realizar procedimentos por vezes acima das suas qualificações. As agressões “não eram feitas para recolher informação”, disse um dos denunciantes que falou à CNN. “Eram vingança.”

Não era raro haver apenas um médico de serviço. Podia ser de ortopedia ou de ginecologia. A desadequação da especialidade levava por vezes a consequências para o tratamento, que podia acabar até com a morte de detidos, disse outro dos denunciantes numa reportagem em Abril do diário israelita *Haaretz*.

Um médico que corroborou algumas destas alegações ao diário espanhol *El País* disse não ter visto provas de sinais de choques eléctricos ou agressões directas. “Mas estar amarrado a uma cama, sem se poder mexer, sem poder ver, falar, perceber o que está a acontecer, de fralda... com frio. Dias e dias, durante semanas. Penso que isso já é uma forma de tortura.”

Um outro médico que passou pelo local, Yoal Donchin, declarou, ao *New York Times*, que não via razão para a detenção de algumas das pessoas com que se cruzou, já que era altamente improvável que fossem

AMIR COHEN/REUTERS

Centro de Sde Teiman no deserto do Neguev, no Sul de Israel

combatentes.

"Um era paraplégico, outro pesava cerca de 130 quilos e um terceiro respirava desde criança através de um tubo no pescoço", enumerou.

O jornal falou também com oito palestinianos que estiveram detidos em Sde Teiman e foram mais tarde libertados. "Todos descrevem a captura de maneira semelhante: tiveram, de modo geral, os olhos vendados, algemados com fitas de plástico e despidos, excepto a roupa interior, para que os soldados pudessem ter a certeza de que estavam desarmados."

A maioria dos entrevistados contou que foram interrogados e agredidos ainda em Gaza e levados para Sde Teiman em veículos militares junto com outras pessoas semidespidas (o exército divulgou imagens de algumas destas detenções de homens em carrinhas abertas, seminus e de olhos vendados). Alguns ainda foram deslocados para outras prisões israelitas, outros foram levados de novo para a Faixa de Gaza.

"Pareceram 32 anos"

Um dos detidos, Muhammad al-Kurdi, 38 anos, foi detido quando tentou passar, com a ambulância que conduzia, num posto de controlo militar israelita na Faixa de Gaza. Israel diz que o Hamas usa ambulâncias. A sua família não sabia se estava vivo ou morto. "Estive preso durante 32 dias. Pareceram 32 anos."

Desde 7 de Outubro, passaram por Sde Teiman 4700 detidos, segundo as autoridades israelitas. Numa declaração ao Supremo em Junho, o Estado disse que havia 700 detidos no centro naquela altura. A maioria já terá sido transferida, mas Naji Abbas diz que o caso da semana passada mostra como mesmo uma só pessoa já seria demais e que, além da tortura, o centro não foi feito para deter pessoas.

Abbas diz ainda que desde 7 de Outubro que esta violência sobre os detidos palestinianos é sistemática e não ocorre só em Sde Teiman. A sua organização também fez várias petições judiciais desafiando ordens dadas pela autoridade que controla as prisões, por exemplo, contra o corte de água e electricidade decretado aos detidos imediatamente após 7 de Outubro. O tribunal aceitou a justificação da autoridade: motivos de segurança.

O que preocupa a PHRI é que, "com esta política oficial de violência, a vida de cada um dos prisioneiros está em risco", diz Abbas, lembrando que até agora morreram pelo menos 60 palestinianos em detenção, "44 segundo os números oficiais do Exército e, das prisões, não há números oficiais, mas sabemos de pelo menos 16 casos".

Abbas conta que a organização faz pedidos atrás de pedidos nos tribunais, mas não consegue mudar nada. "Antes [de 7 de Outubro], fazíamos diferença. Hoje, já não fazemos."

Desde 7 de Outubro, passaram por Sde Teiman 4700 detidos, segundo as autoridades israelitas

As primeiras revelações sobre tortura e abusos foram feitas por médicos

Retaliação iminente

EUA forçam diplomacia de última hora para impedir ataque do Irão a Israel

Sofia Lorena

Em Abril, quando o Irão decidiu responder directamente a um ataque israelita pela primeira vez em décadas de inimizade, Teerão levou duas semanas a planear e executar o ataque aparatoso (e quase sem vítimas) com que reagiu a um raide aéreo contra um complexo diplomático iraniano em Damasco. Agora, que se teme um ataque bem mais duro e coordenado com vários aliados regionais, não se espera que demore tanto a reagir ao assassínio do líder político do Hamas, Ismail Haniyeh, na madrugada da última quarta-feira.

Com as notícias que dão a retaliação iraniana como iminente, prosseguiam ontem os esforços diplomáticos para tentar impedir que a situação fique fora de controlo. O porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, Matthew Miller, disse que os EUA estavam a pedir aos países da região que, através dos seus contactos diplomáticos, dissessem ao Irão que a escalada no Médio Oriente não é do seu interesse.

Durante o *briefing* diário, Miller afirmou que este é um "momento crítico" para a região e que o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, está a desdobrar-se em contactos telefónicos para ajudar a acalmar a tensão, admitindo, no entanto, que Washington está a preparar-se para todas as possibilidades. O porta-voz da diplomacia dos EUA não disse, de forma definitiva, se as mensagens de Washington chegaram ou não a Teerão ou através de que canal. "Esperaria que alguns deles transmitissem essa mensagem e fizessem valer este ponto de vista junto do governo do Irão", acrescentou Miller.

Também ontem, o chefe do Comando Central das Forças Armadas dos EUA, Michael Korilla, aterrou em Israel para abordar a situação estratégica na região. Korilla foi recebido pelo chefe do Estado-Maior das Forças Armadas de Israel (IDF, na sigla em inglês), general Herzi Halevi, e o Exército israelita informou, em comunicado, que ambos "realizaram uma avaliação conjunta da situação em questões estratégicas de segurança na região, como parte da resposta às ameaças no Médio Oriente".

"As Forças de Defesa de Israel continuarão a aprofundar a relação com o Exército dos Estados Unidos, com o compromisso de reforçar a estabilidade regional e a coordenação entre os exércitos", acrescenta o comunicado.

Herzi Halevi esteve igualmente reunido com as principais chefias militares para analisar a situação, segundo um comunicado das IDF, que refere terem sido aprovados "planos operacionais" para lidar com o provável ataque iraniano.

Reduzir a retaliação

No domingo (madrugada de ontem, em Portugal), durante uma conferência telefónica com os ministros dos Negócios Estrangeiros dos países do G7, o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, terá dito exactamente o mesmo: os EUA, afirmou, não sabem o momento exacto dos ataques, que acreditam serão lançados pelo Irão e pela milícia xiita Hezbollah, mas poderiam "começar nas próximas 24 a 48 horas", disseram "três responsáveis familiarizados com o tema" ao *site* de notícias hebraico Walla (propriedade do jornal *The Jerusalem Post*).

Os EUA, disse ainda Blinken, esperam não só conseguir reduzir a retaliação mas também a inevitável resposta de Israel, apelando aos outros ministros (da França, Alemanha, Itália, Reino Unido, Canadá e Japão) para intensificarem esforços no mesmo sentido. No final do encontro, o G7 expressou a sua preocupação com o aumento "do nível de tensões que ameaçam desencadear um conflito mais alargado no Médio Oriente. "Nenhum país ou nação tem a ganhar com uma nova escalada", lê-se no comunicado do fórum intergovernamental.

Entre os sinais de que a resposta iraniana estaria iminente, o Presidente Joe Biden reuniu a sua equipa de Segurança Nacional. Nos últimos dias, Washington fez deslocar vários navios de guerra e pelo menos um esquadrão adicional de caças para a região.

Em Abril, Teerão fez questão de partilhar os seus planos com as monarquias do Golfo Pérsico com uma antecedência de 72 horas, confirmou na altura o ministro dos Negócios Estrangeiros iraniano, Hossein Amirabdollahian. Esse ataque incluiu cerca de 170 *drones*, 120 mísseis balísticos terra-terra e 30 mísseis de cruzeiro, com as autoridades iranianas a saberem que seriam, na sua grande maioria, neutralizados. Logo em seguida, Ebrahim Raisi (o Presidente iraniano que morreu em Maio, num acidente aéreo) pedia que as acções do seu país fossem consideradas "proporcionais e responsáveis", recomendando aos aliados de Israel que impedissem "aventureirismos" israelitas contra os interesses do Irão.

Agora, tendo em conta a humilhação provocado por um ataque na sua capital contra um convidado – Haniyeh tinha viajado para estar na tomada de posse do sucessor de Raisi, Masoud Pezeshkian –, não se espera uma retaliação tão fácil de anular (ainda que muitos analistas conhecedores da região insistam que o Irão não quer contribuir para a eclosão de uma guerra regional mais alargada).

Estados Unidos pedem a países da região para dizer a Teerão que a escalada no Médio Oriente não é do seu interesse

RENTSENDORJ BAZARSUKH/REUTERS

Antony Blinken desdobrou-se ontem em contactos diplomáticos

Empurrada pelos protestos, primeira-ministra do Bangladesh demite-se e foge do país

André Certã

Chefe de Governo desde 2009, Sheikh Hasina não resistiu aos protestos estudantis que começaram no início de Julho

A primeira-ministra do Bangladesh, Sheikh Hasina, demitiu-se do cargo e fugiu do país após a intensificação dos protestos contra o Governo, que começaram devido à tentativa de reposição das quotas na função pública para veteranos da guerra da independência e os seus descendentes. O chefe do Exército anunciou a formação de um governo interino, mas sem incluir o partido de Hasina.

Desde o início de Julho já morreram quase 300 pessoas durante os protestos. Domingo foi um dos dias mais mortíferos desde o início dos protestos, com o Governo a decretar recolher obrigatório e a cortar vários serviços de Internet.

A notícia da saída do país da primeira-ministra foi avançada pela BBC Bangla, que afirmou que Sheikh Hasina aterrou de helicóptero na cidade indiana de Agartala, na fronteira da Índia com o Bangladesh, tendo seguido depois para Nova Deli, capital indiana.

O general e chefe do Exército do país, Waker-Uz-Zaman, anunciou que um governo interino irá ser formado nos próximos dias e que tinha falado com vários partidos com vista à formação do novo executivo, deixando de fora, no entanto, a Liga Awami, partido de Sheikh Hasina dominante no Bangladesh desde 2009 e uma das duas principais forças políticas do país.

No discurso emitido pela televisão do país, o general apelou à calma nas ruas e assegurou que haveria justiça por cada uma das mortes durante os protestos. "O país sofreu muito, a economia foi afectada, muitas pessoas foram mortas. É altura de pôr termo à violência", afirmou o chefe do Exército.

Ontem, o grupo de manifestantes que tem liderado os protestos marcou uma marcha em Daca com destino à residência oficial de Sheikh Hasina para pedir a sua demissão. Alguns dos envolvidos nos protestos terão invadido a residência, com a televisão do país a mostrar imagens de manifestantes a saírem com mobília da residência.

Depois da fuga de Hasina, os manifestantes queimaram a sede da Liga Awami na capital do país, assim como outros edifícios do partido que governava o Bangladesh, enquanto citavam palavras de ordem contra a primeira-ministra e contra o seu partido. Os protestos de ontem, segundo noticia o jornal bengalês *Daily Star*, causaram a morte de seis pessoas. Um recolher obrigatório foi decretado entre a meia-noite local (19h em Portugal continental) e as 6h locais (1h em Portugal continental).

Uma fonte citada pela AFP afirmou que a primeira-ministra tinha deixado a residência oficial de Gono Bhaban para ir para "um local mais seguro", tendo acrescentado que Hasina planeava gravar um discurso, mas que não teve oportunidade de o fazer.

A medida com vista à reposição das quotas na função pública no Bangladesh, que entretanto tinha sido abandonada pelo Governo do país, foi o rastilho para a insatisfação generalizada, especialmente na população jovem do país, devido aos níveis elevados de desemprego.

Sheikh Hasina, filha do primeiro Presidente do Bangladesh e pai-fundador do país, Sheikh Mujibur Rahman, ocupava o cargo de primeira-ministra desde 2009, com um mandato também entre 1996 e 2001.

Já Waker-Uz-Zaman, que agora parece assumir os comandos do país de forma interina, trabalhou de perto com Hasina no gabinete do Exército mais próximo do Governo e assumiu o cargo de chefe do Exército há seis meses.

O Exército do Bangladesh tem um historial no que toca a golpes e contragolpes de Estado. Só em 1975, quatro anos depois do país se ter tornado independente, houve três golpes militares. Desde 2011 que não havia uma tentativa de golpe de Estado e a última rebelião militar bem-sucedida foi em 2008, que terminou com a realização de eleições ganhas pela Liga Awami e Sheikh Hasina.

MOHAMMAD PONIR HOSSAIN/REUTERS

A demissão de Sheik Hasina foi festejada nas ruas da capital do Bangladesh, Daca

> O general e chefe do Exército do Bangladesh, Waker-Uz-Zaman, anunciou que um governo interino irá ser formado nos próximos dias

MINA KIM/REUTERS

Quotas para veteranos

Foi a seguir à independência que Sheikh Mujibur Rahman estabeleceu as quotas para os veteranos da guerra contra o Paquistão, como agradecimento pelo serviço prestado.

No entanto, o sistema prolongou-se no tempo, sendo estendido aos filhos e netos dos veteranos em 1997. Altamente impopular entre os estudantes, um movimento pela reforma deste sistema de quotas levou a fortes protestos em 2018, que causaram a morte de perto de 200 pessoas. Sheikh Hasina acabou por abolir completamente as quotas na função pública, medida que também não foi popular entre os jovens.

Em Junho deste ano, um tribunal superior anulou a abolição das quotas e decidiu restabelecer o sistema de 2018, levando as pessoas para as ruas. Hasina recusou aboli-las novamente e chamou *"razakars"* aos que protestavam contra as quotas, termo insultuoso que era utilizado para descrever os bengaleses que colaboraram com as forças paquistanesas na guerra da independência.

Estas afirmações enfureceram ainda mais os manifestantes, maioritariamente estudantes, que não saíram das ruas, mesmo quando Hasina desistiu de manter as quotas e o Supremo decidiu anular a decisão do tribunal. As palavras de ordem passaram de exigir o fim das quotas para um pedido de desculpas pelas mortes provocadas pela acção policial e, rapidamente, evoluíram para o pedido da demissão da primeira-ministra.

UE pede "transição pacífica"

O alto-representante para a Política Externa e de Segurança da União Europeia, Josep Borrell, disse que era "fundamental assegurar uma transição ordenada e pacífica para um Governo democraticamente eleito".

"A UE está consternada com a trágica perda de vidas durante os protestos dos últimos dias. Registamos as garantias dadas pelo general Waker-Uz-Zaman de que a situação será gerida de forma pacífica e de que todas as mortes ilícitas serão investigadas imparcialmente. A responsabilização pelas violações dos direitos humanos é crucial", acrescentou Borrell, que pediu ainda que os que foram ilegalmente detidos devem ser imediatamente libertados".

Já o Reino Unido, numa declaração do gabinete do primeiro-ministro, Keir Starmer, citada pela BBC, pede acção rápida para garantir que "a democracia prevaleça".

"Espero que sejam tomadas medidas rápidas para garantir que a democracia prevaleça e acelerar o processo de paz e segurança para a população do Bangladesh", lê-se na nota publicada, em que diz que Starmer está "profundamente triste com a violência no Bangladesh nas últimas semanas".

Venezuela: González pede às Forças Armadas e polícias que se coloquem ao lado do povo

Leonete Botelho

O candidato presidencial reclama ter "provas irrefutáveis" de ter vencido as eleições e acusa Maduro de "golpe de Estado"

Edmundo González Urrutia autoproclamou-se "Presidente eleito da Venezuela" e lançou um "apelo à consciência" das Forças Armadas e polícias para que se coloquem "ao lado do povo e das suas próprias famílias" e actuem para "impedir as acções de grupos organizados pela cúpula madurista, uma combinação de esquadrões militares, policiais e de grupos armados à margem do Estado que golpeiam, torturam e também assassinam com o amparo do poder maligno que representam".

Num comunicado publicado na rede social X dirigido aos "venezuelanos, cidadãos militares e funcionários policiais", o candidato presidencial da oposição acusa Nicolás Maduro de ter desencadeado um "golpe de Estado" contra as "provas irrefutáveis" da sua vitória. "Vocês podem e devem parar com essas acções de imediato. Pedimos-vos que evitem a violência do regime contra o povo e respeitam, e façam respeitar, os resultados das eleições de 28 de Julho. Maduro deu um golpe de Estado contra a ordem constitucional e quer fazer de vocês cúmplices", escrevem Edmundo González e María Corina Machado, a candidata original afastada pelo regime e agora auto-intitulada "líder das forças democráticas da Venezuela".

As "provas irrefutáveis" a que se referem são as actas eleitorais recolhidas pela oposição através de uma rede de "*comanditos*" espalhados por todas as mesas eleitorais, divulgadas na Internet e já verificadas com minúcia por órgãos de comunicação social como o *Washington Post* e a Associated Press, assim como empresas analistas de dados como a AltaVista Research, um grupo com sede em Caracas. Isto, enquanto o Conselho Nacional Eleitoral (CNE), ligado ao regime, continua sem divulgar as actas oficiais, apesar de ter terminado ontem o prazo dado pelo Tribunal Supremo de Justiça para o fazer.

"Com as actas na mão, o planeta viu e reconheceu o triunfo das forças democráticas", afirmam os líderes da oposição no comunicado. "Obtivemos 67% dos votos, enquanto Nicolás Maduro ficou pelos 30%. [...] Desta realidade são testemunhos todos os cidadãos, incluindo os membros do Plano República", acrescentam. O Plano República é a missão militar que garante a ordem e segurança das eleições na Venezuela, tendo entre as suas funções a entrega de actas e instrumentos eleitorais às autoridades eleitorais.

RONALD PENA/EPA

Edmundo González e María Corina Machado proclamam a vitória nas presidenciais

> **"Com as actas na mão, o planeta viu e reconheceu o triunfo das forças democráticas", afirmam os líderes da oposição**

Antes da publicação do comunicado, já María Corina Machado tinha deixado um apelo às Forças Armadas numa mensagem de vídeo publicada pela televisão brasileira *O Globo* nas redes sociais e citada pela Europa Press, em que afirmou a necessidade de uma "transição pacífica". "Todos os venezuelanos, inclusive os militares que estavam no Plano República, testemunharam o que aconteceu. Eles sabem a verdade."

Nessa mensagem, Corina Machado agradecia ao Presidente do Brasil, Lula da Silva, a posição "clara" após alguma hesitação inicial, mas que acabou por subscrever uma declaração conjunta nesse sentido com os presidentes da Colômbia e do México. Um sinal claro das esperanças da oposição venezuelana na capacidade mediadora do Brasil, num dia em que Lula da Silva se deslocou ao Chile para se reunir com o seu homólogo, Gabriel Boric, num encontro de onde se esperava que saísse uma declaração conjunta sobre a Venezuela.

A esperança na mediação internacional do Brasil, Colômbia e México foi também proclamada por ilustres chavistas críticos do endurecimento do regime. No domingo, duas dezenas de membros da esquerda venezuelana, entre os quais ex-ministros de Hugo Chávez, antigos deputados, constituintes e autarcas ligados ao Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) de Maduro publicaram uma declaração conjunta em que pedem aos presidentes do Brasil, Colômbia e México que "intercedam" na situação do país. Segundo o Noticiero Digital, um jornal *online* venezuelano, para ontem estava mesmo marcada uma reunião virtual entre Maduro e Gustavo Petro (Colômbia), Lula da Silva (Brasil) e Andrés Manuel López Obrador (AMLO) do México para procurar uma saída para a crise politica no país. A notícia da reunião foi avançada pelo jornalista Vladimir Villegas na rede social X, que citava fontes diplomáticas.

Starmer quer condenações "rápidas" para os desordeiros

O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, considerou ontem como prioritária a obtenção de condenações "rápidas" para os desordeiros envolvidos nos violentos confrontos dos últimos dias, após ter presidido a uma reunião de crise em Downing Street. Em declarações à televisão britânica, o chefe do Governo trabalhista sublinhou que a sua prioridade "absoluta" é pôr fim à desordem e que "as sanções penais devem ser rápidas".

Starmer, que falava no final de uma reunião do comité de emergência Cobra, em que participaram ministros, chefes de polícia e serviços de segurança, para analisar os tumultos e tomar medidas se estes continuarem nos próximos dias, insistiu que todo o "peso da lei" será aplicado aos responsáveis pela violência do fim-de-semana.

"Não se tratou de um protesto, tratou-se de violência", declarou o líder trabalhista, que considerou "intolerável" o facto de as mesquitas terem sido alvo de ataques.

Starmer reafirmou que haverá espaço suficiente nas prisões para prender os responsáveis pelo arremesso de todo o tipo de objectos, como pedras e garrafas, contra os agentes da autoridade e pelo ataque a mesquitas e a um hotel que acolhe requerentes de asilo.

Segundo a mais recente actualização da polícia britânica, 378 pessoas foram detidas na sequência da violência que eclodiu sábado em várias cidades britânicas durante protestos de extrema-direita.

"Mas vamos fazer com que isto funcione e vamos certificar-nos de que temos os lugares necessários [para as prisões] para levar rapidamente os responsáveis à justiça", acrescentou.

A polícia detém um manifestante em Rotherham

Entre outras questões, o primeiro-ministro britânico alertou para o facto de o direito penal dever ser aplicado "tanto *online* como *offline*", para que as pessoas que cometem crimes na Internet – numa clara referência ao incitamento à violência – sejam tratadas da mesma forma. Questionado sobre se irá convocar o Parlamento, como vários deputados estão a pedir, Starmer disse que a prioridade agora é garantir que as ruas do país se tornem seguras para todos. "O meu objectivo é garantir que se ponha fim a esta desordem e que as sanções penais sejam rápidas", afirmou.

Um porta-voz de Downing Street disse que, no final da reunião de emergência, o primeiro-ministro prestou homenagem ao trabalho dos agentes da polícia que tentaram controlar os motins e que centenas de pessoas tinham sido detidas.

"A polícia continua a utilizar recursos adicionais em todo o país, em locais estratégicos, sempre que necessário", acrescentou o porta-voz.

As tensões aumentaram na sequência do ataque à facada de 29 de Julho num centro recreativo em Southport, no Noroeste de Inglaterra, em que três raparigas foram mortas e oito crianças e dois adultos ficaram feridos. O autor do ataque, Axel Rudakubana, de 17 anos, nascido no País de Gales e filho de pais ruandeses, foi acusado do assassínio das raparigas e da tentativa de assassínio de outras dez pessoas, mas a ira entre os grupos de extrema-direita cresceu quando se espalhou nas redes sociais a informação incorrecta de que o atacante era um requerente de asilo que tinha atravessado o Canal da Mancha. **Lusa**

Só 850 senhorios pediram compensação por limites às rendas antigas

Há cerca de 124 mil contratos de arrendamento antigos em Portugal. Senhorios podem pedir compensação pelos limites a que estão sujeitos, mas menos de 1% deste universo apresentou pedidos

Rafaela Burd Relvas

MANUEL ROBERTO

Desde o início de Julho que esta compensação pode ser pedida pelos senhorios, através do Portal da Habitação

No primeiro mês de funcionamento da medida, só cerca de 850 senhorios com contratos de arrendamento antigos pediram a compensação financeira a que têm direito pelos limites às rendas a que estão sujeitos. É uma fatia pouco significativa, inferior a 1%, do universo total de contratos que ainda existem nestas condições.

Em causa está uma das últimas medidas aprovadas pelo último Governo de António Costa, que, no âmbito do Mais Habitação, congelou de forma definitiva os contratos de arrendamento anteriores a 1990, que não são abrangidos pelo Novo Regime do Arrendamento Urbano (NRAU) – as chamadas “rendas antigas”. Em contrapartida, criou uma compensação financeira para os senhorios destes contratos, que estão impedidos de praticar rendas livremente, dependendo das características dos inquilinos. Em concreto, nos contratos antigos em que os inquilinos tenham mais de 65 anos, deficiência superior a 60% ou um rendimento anual bruto inferior a cinco retribuições mínimas nacionais anuais, as rendas apenas podem ser actualizadas anualmente, de acordo com coeficientes de actualização específicos, definidos em cada ano em função da inflação.

Com o objectivo de conhecer o universo de contratos que estariam nesta situação, o Governo anterior encomendou um estudo ao Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), que, em parceria com o Centro de Competências de Planeamento, de Políticas e de Prospectiva da Administração Pública (PlanAPP), concluiu que haveria cerca de 124 mil contratos de arrendamento antigos.

O estudo apresentou, ainda, três propostas para o modelo da compensação: uma que corresponderia à diferença entre o valor médio das rendas antigas e a renda mediana de novos contratos, que teria um custo de 653 milhões de euros por ano; um outro modelo em que é definido um tecto máximo de 80% ao valor mediano das rendas de novos contratos, que teria um custo de 477,8 milhões de euros por ano; e uma última proposta, em que a compensação é calculada com base numa renda máxima definida de acordo com a taxa de esforço dos arrendatários, sendo o senhorio compensado no remanescente, até um valor máximo equivalente a 1/16 do valor patrimonial tributário do imóvel, com um custo de 26,6 milhões de euros por ano.

O Governo optou por este último modelo e, no final do ano passado, aprovou o decreto-lei que vem regular esta compensação. “Sempre que o valor da renda mensal dos contratos de arrendamento para habitação seja inferior a 1/15 do valor patrimonial tributário do locado, fraccionado em 12 meses, o senhorio tem direito a uma compensação”, que se concretiza através de “um apoio financeiro, concedido ao senhorio, sob a forma de subvenção mensal não reembolsável”, pode ler-se no diploma.

Desde o início de Julho que esta compensação pode ser pedida pelos senhorios, através de um formulário disponível no Portal da Habitação. A medida está a ter, contudo, baixa adesão. Em resposta ao PÚBLICO, o Ministério das Infra-estruturas e da Habitação indica que, segundo dados do IHRU à data de 24 de Julho, “deram entrada cerca de 850 pedidos”.

O valor médio do apoio concedido a estes senhorios é de 161,81 euros, pelo que o montante total desembolsado pelo Estado para compensar estes senhorios, até agora, rondará os 137 mil euros - mantendo-se este montante durante os próximos meses, o custo anual será em torno de 1,6 milhões de euros, muito abaixo daquele que tinha sido estimado.

O número de pedidos já apresentados é pouco expressivo, tendo em conta o total de 124 mil contratos de arrendamento antigos que foram contabilizados no estudo do IHRU. Não é certo, contudo, que todos estes senhorios possam ser abrangidos pela compensação financeira, uma vez que alguns dos contratos poderiam já ter rendas actualizadas acima dos limites previstos na regulação deste apoio (ou seja, 1/15 do valor patrimonial tributário do locado, fraccionado em 12 meses).

O PÚBLICO questionou o Governo sobre o número exacto de senhorios que são elegíveis para receber esta compensação, bem como quais as estimativas de impacto orçamental desta medida tendo em conta esse número, mas não obteve respostas.

Por outro lado, também não é certo que mais senhorios venham a pedir o apoio, uma medida que rejeitam. “Os senhorios não querem um subsídio, quem deve ser subsidiado são os inquilinos com comprovada carência económica”, disse, em declarações à Lusa, em Abril, a directora da Associação Lisbonense de Proprietários (ALP), Diana Ralha. “Não faz qualquer sentido”, comentou sobre esta medida, também à Lusa, António Frias Marques, presidente da Associação Nacional de Proprietários (ANP).

Há ainda que contar com a possibilidade de o congelamento dos contratos antigos vir a ser revertido. No Programa de Governo apresentado em Abril, o executivo de Luís Montenegro comprometeu-se a revogar “os congelamentos de rendas (aplicando subsídios aos arrendatários vulneráveis)”. No pacote de medidas dirigidas ao sector da habitação que apresentou no mês seguinte, contudo, não havia qualquer medida que revogasse estes congelamentos. A promessa de voltar a descongelar os contratos de arrendamento antigos não está, ainda assim, posta de parte, e deverá apenas acontecer mais tarde. Sobre essa intenção, o ministro das Infra-estruturas e da Habitação, Miguel Pinto Luz, ressalvou que os inquilinos em situação de maior vulnerabilidade “podem ter garantido, de forma absoluta, que nunca por nunca terão de abdicar das suas casas”.

Fisco já pagou 3100 milhões de euros em reembolsos de IRS

Rosa Soares

Autoridade Tributária liquidou seis milhões de declarações, mais 1,1% do que em período homólogo

O Ministério das Finanças anunciou ontem que, até 1 de Agosto, foram liquidadas cerca de seis milhões de declarações de IRS relativas a rendimentos de 2023, mais 1,1% do que no período homólogo do ano anterior. As liquidações garantiram reembolsos de cerca de 3100 milhões de euros, o que representa um aumento de 59,5 milhões de euros face ao mesmo período do ano passado.

Repartidos por 2,9 milhões de reembolsos, o prazo médio desses pagamentos foi de 24,2 dias, adianta o Ministério das Finanças em comunicado. Mas, nos casos dos reembolsos do IRS automático, o prazo médio para o pagamento foi mais curto, de 12,9 dias.

Até à mesma data, a Autoridade Tributária e Aduaneira emitiu 1,2 milhões de notas de cobrança, no valor de 2200 milhões de euros, uma quebra de 596 milhões de euros em termos homólogos.

O tempo de pagamento tem crescido, uma vez que, no início, a média estava em 15 dias – era esse o balanço feito pelas Finanças no início de Maio, depois de decorrido um mês de entrega.

O prazo para a Autoridade Tributária pagar o reembolso do IRS, se o contribuinte tiver submetido a declaração dentro do prazo regular (até 30 de Junho), termina a 31 de Agosto. É importante garantir que o IBAN está actualizado para essa devolução.

Mas se do cálculo final do IRS resultar imposto a entregar ao Estado, é preciso pagá-lo até 31 de Agosto (é este o prazo que se aplica a quem submeteu a declaração no prazo regular e foi notificado da liquidação até 31 de Julho).

Nas situações em que ainda não foi feita a liquidação do IRS, o contribuinte pode aceder directamente à área do IRS, que aparece destacada na página principal do Portal das Finanças, e verificar em que fase o processo se encontra.

No caso de declarações ainda não liquidadas porque a AT detectou situações irregulares na declaração de rendimentos submetida, estas podem ser resolvidas no próprio Portal das Finanças, evitando a deslocação aos serviços do fisco.

Caso a declaração tenha sido considerada certa, o contribuinte pode obter o comprovativo da entrega (um PDF que reproduz a declaração de rendimentos e inclui um código de validação que permitirá a um terceiro confirmar no Portal das Finanças que o documento é autêntico).

ADRIANO MIRANDA

No IRS Automático, reembolsos demoraram 12,9 dias em média

Acerto de IRS em Setembro

Ainda com efeitos no corrente ano, há novidades em relação às taxas de retenção na fonte para quem aufira rendimentos até ao 6.º escalão de IRS, ou seja, quem ganhe entre 27.146 euros e 39.791 euros. A medida, aprovada no Parlamento por proposta do PS, será retroactiva a Janeiro e abrangerá um universo de mais de três milhões de agregados familiares.

Em recente entrevista ao programa a *Hora da Verdade*, do PÚBLICO e Rádio Renascença, o ministro de Estado e das Finanças admitiu que em Setembro possa ser feito um acerto do valor pago nos primeiros oito meses do ano, sendo para isso necessário a publicação das novas taxas de retenção, o que se espera que aconteça nas próximas semanas.

"Haverá uma taxa de retenção na fonte em Setembro mais baixa do que aquela que depois vai vigorar a partir de Outubro", referiu o governante, uma solução que visa permitir o acerto face ao imposto cobrado a mais nos meses anteriores. Miranda Sarmento salvaguardou, no entanto, que o mecanismo de devolução ainda está em fase de calibração.

Vinho: Governo não avança com verbas nacionais para destilação de crise

Pedro Garcias

Para enfrentar o excesso de vinho em Portugal, os 15 milhões disponibilizados pela UE serão a única ajuda para os produtores

Como o PÚBLICO já tinha antecipado, o Governo não vai colocar um euro nos apoios à destilação de crise, para enfrentar o excesso de vinho existente em Portugal.

A verba disponibilizada pela União Europeia, 15 milhões de euros, será a única com que os produtores de vinho nacionais poderão contar. A autorização comunitária permitia que o Governo português pudesse participar com um valor semelhante, elevando o financiamento até aos 30 milhões de euros. Mas a portaria dos Ministérios das Finanças e da Agricultura publicada esta segunda-feira fecha a porta a essa possibilidade.

Dos 15 milhões de euros disponíveis, 4,5 milhões são destinados à região do Douro. Os outros 10,5 milhões de euros são para as restantes regiões nacionais. A partilha do envelope foi feita, explica o Governo, "com base no quantitativo da representatividade das existências de vinhos tintos DOP e IGP relativamente ao total nacional".

Os dois ministérios determinaram ainda um pagamento adicional até ao limite de 3.535.714 euros para a região do Douro, a ser suportado pelos "saldos transitados do Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto [IVDP]".

Ou seja, são os viticultores durienses, através das taxas e selos que foram pagando ao IVDP, destinados em parte à promoção dos vinhos do Douro, que irão custear esse pagamento adicional, para permitir que o valor a pagar por cada litro de vinho a destilar seja de 0,75 cêntimos.

Nas restantes regiões do país, o valor por litro será de 42 cêntimos.

Dos 15 milhões de euros disponibilizados pela UE, 4,5 milhões são destinados à região do Douro

Quem importou vinho nas últimas três campanhas não pode candidatar-se a esta destilação de crise, a quarta nos últimos cinco anos.

Com os montantes envolvidos, vão poder ser transformados em aguardente cerca de 19 milhões de litros de vinho no Douro e 25 milhões no resto do país. É uma ajuda, mas não vai resolver o problema dos excedentes, que são muito mais elevados. Acresce que há uma nova vindima à porta e com boas expectativas de ser generosa.

Como as vendas de vinho estão em queda e a tendência de consumo a nível mundial é de diminuição, e os últimos sinais nas bolsas mundiais apontam para o risco de uma nova recessão, está instalada a tempestade perfeita.

PRR: Portugal recebe 714 milhões suspensos

Depois de concluídas reformas na saúde e uma meta sobre profissões reguladas, fundos foram desbloqueados

A Comissão Europeia desembolsou esta segunda-feira os restantes 714 milhões de euros no âmbito do pedido de pagamento a Portugal da terceira e quarta parcelas do Mecanismo de Recuperação e Resiliência (MRR), que financia os PRR.

Após uma avaliação negativa, em Dezembro de 2023, que levou à suspensão de 810 milhões de euros brutos (714 milhões de euros líquidos de pré-financiamento), o executivo comunitário concluiu, em Junho, que "os objectivos intermédios e a meta pendentes foram cumpridos de forma satisfatória" no que respeita às reformas do sector da saúde e uma meta sobre a reforma das profissões reguladas.

O Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) de Portugal será financiado por 22,2 mil milhões de euros, dos quais 16,3 mil milhões de euros em subvenções e 5,9 mil milhões de euros em empréstimos.

Na sequência da crise sem precedentes causada pela pandemia de covid-19, o PRR de Portugal respondeu à necessidade urgente de promover uma recuperação forte, procurando tornar a economia e a sociedade portuguesas mais resilientes e preparadas para o futuro.

Em resposta à perturbação do mercado da energia causada pela invasão da Ucrânia pela Rússia, a Comissão lançou o plano RepowerEU.

Entretanto, a ministra do Ambiente, Maria da Graça Carvalho, disse também esta segunda-feira que o Governo está a fazer uma gestão optimizada dos fundos europeus para não perder "nem um euro" dos financiamentos, nem parar obras.

"Tanto no Programa Operacional (PO) Sustentável, como no Programa de Recuperação e Resiliência (PRR) estamos a fazer uma optimização dos fundos para não perder nem um euro", assegurou a ministra em declarações aos jornalistas à margem da assinatura de um protocolo para a reabilitação de rios em Estarreja, no distrito de Aveiro.

Graça Carvalho respondia assim ao apelo feito pela organização ambientalista Zero para o Governo fasear o projecto de expansão do Metropolitano de Lisboa, evitando que se percam fundos do PRR. **Lusa**

Edif. Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa
pequenosa@publico.pt
Tel. 21 011 10 10/20 Fax 21 011 10 30
De seg a sex das 09H às 19H
Sábado 11H às 17H

CLASSIFICADOS

CARTÓRIO NOTARIAL

Joana de Faria Maia, Notária

EXTRACTO

Elisa Maria das Neves Saraiva, em substituição da Lic. Joana de Faria Maia, Notária deste concelho, e, no seu Cartório na Avenida Barbosa du Bocage, 88 A, na cidade de Lisboa, **CERTIFICA,** narrativamente para efeitos de publicação, que, por escritura, lavrada hoje a folhas 44 do Livro de Escrituras Diversas número 28-B deste Cartório, **Maria Isabel Prata de Morais Sarmento,** casada com Fernando Joaquim da Costa Augusto, sob o regime da comunhão de adquiridos, natural de Angola, residente na Travessa da Légua da Póvoa, número 7, quinto esquerdo, freguesia de Santo António, concelho de Lisboa, contribuinte fiscal número 160 656 443, declarou, que, com exclusão de outrem é dona do prédio urbano, composto de fracção autónoma designada pela letra "Q", a que corresponde quinto andar, lado esquerdo, parte do prédio em regime de propriedade horizontal sito na Travessa da Légua da Póvoa, números 7 e 7A, em São Mamede, freguesia de Santo António, concelho de Lisboa, onde se encontra inscrito na matriz sob o artigo 14, com o valor patrimonial de 90.132,00€, e, descrito na freguesia de São Mamede na Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o número quinhentos e sessenta e três, afecto ao regime da propriedade horizontal pela apresentação número cinco, de nove de Setembro de mil novecentos e cinquenta eoito, aí registado a favor de Ramiro Leão Lallemant, solteiro, maior, residente na Travessa da Pena, R.L., primeiro, em Lisboa; que, em data que não pode precisar, mas cerca do ano de mil novecentos e setenta e três e por isso antes da data da celebração do seu casamento, a saber, vinte e um de Setembro de mil novecentos e setenta e nove, recebeu este prédio por doação verbal, por que não titulada, daquele titular inscrito; que, não obstante não dispor de título formal que legitime o seu domínio sobre o descrito prédio, vem o referido prédio a ser possuído pela ora justificante, há mais de vinte anos, dele retirando todas as suas utilidades, limpando-o, reabilitando-o, usando todas as utilidades por ele proporcionadas, pagando os respectivos impostos, despesas de condomínio, com animo de quem exerce direito próprio, sendo reconhecida por sua dona por toda a gente, fazendo-o de boa fé, por ignorar lesar direito alheio sem a menor oposição de quem quer que seja desde o seu início, posse essa que sempre exerceu, sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública; que, dadas as enunciadas características de tal posse, a justificante adquiriu aquele prédio, por usucapião, título este que, por natureza, não é susceptível de ser comprovado pelos meios normais.

Lisboa, um de Agosto de dois mil e vinte e quatro

Cartório Notarial em Lisboa da Notária *Joana de Faria Maia*,
A Notária em substituição, *Elisa Maria das Neves Saraiva*

Conta n.º: 1731/2024

AVISO

Recrutamento e Seleção – Assistentes Técnicos – Serviço de Gestão Financeira (M/F)

(extrato)

Torna-se público que, por deliberação do Conselho de Administração de 18 de julho de 2024, se encontra aberto, pelo prazo de 5 dias úteis, a contar da data de publicitação do presente extrato, o procedimento concursal com vista ao recrutamento de dois assistentes técnicos(as) para exercer funções no Serviço de Gestão Financeira, para celebração de Contrato Individual de Trabalho ao abrigo do Código do Trabalho.

Os requisitos, gerais e especiais, e o perfil de competências exigido, a composição do júri, os métodos e critérios de seleção e outras informações de interesse para apresentação das candidaturas e para o desenvolvimento do procedimento concursal em apreço, constam da publicitação integral do aviso de abertura, inserto na página eletrónica da Unidade Local de Saúde da Póvoa de Varzim/Vila do Conde, EPE, *in* www.chpvvc.min-saude.pt

O Presidente do Conselho de Administração
Dr. José Gaspar Pinto de Andrade Pais

Contratação de Doutorado (M/F)

Foi publicado no *Diário da República* nº 150, 2.ª Série, de 05 de agosto de 2024, o Aviso n.º 16277/2024/2 relativo ao concurso **Ref.ª CDL-CTTRI-120-SGRH/2024** de âmbito internacional, para recrutamento na modalidade de contrato de trabalho a termo resolutivo incerto celebrado ao abrigo do Código de Trabalho, de 1 (um) lugar de Investigador Doutorado de Nível Inicial para o exercício de atividades de investigação na área científica de Química, com vista a atividades de investigação com o objetivo de suporte na escolha do polímero e caracterização de diversos materiais com uma menor pegada ambiental do que os materiais de origem fóssil, no âmbito da Agenda "ILLIANCE", suportada pelo orçamento do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) Português e pelos Fundos Europeus NextGenerationEU, através do sistema de incentivos «Agendas para a Inovação Empresarial».

2 - O requerimento de candidatura deverá ser elaborado nos termos do edital antes referido, publicitado no seguinte endereço eletrónico: https://www.ua.pt/pt/sgrh/pessoal-investigador-novos-concursos-e-ofertas.

3 - O prazo de candidaturas é de 10 dias úteis, contados a partir da data da publicação do aviso no *Diário da República*.

Aveiro, em 05 de julho de 2024

O Reitor, Prof. Doutor *Paulo Jorge dos Santos Gonçalves Ferreira*

Reserva de Recrutamento de Assistentes Técnicos/as - Área Clínica.

A Unidade Local de Saúde de Braga, E.P.E. está a recrutar Assistentes Técnicos/as para Área Clínica.

As candidaturas decorrem em 10 dias úteis.

Todas as informações sobre este processo encontram-se disponíveis em: https://recrutamento.hospitaldebraga.pt/processos-ativos.

Braga, 6 de Agosto de 2024

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos:

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3 Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa
Telefones: 213 610 460 - Fax : 21 361 04 69 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org

Centro de Dia Prof. Doutor Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa
Telefone: 213 609 300 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org

Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim», Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia
2765-029 Estoril - Telefone: 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Horário de Atendimento: Quartas e sextas, entre as 9h e as 13h

Núcleo do Ribatejo da Alzheimer Portugal: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31 «A, 2080-114 Almeirim
- Telefone: 243 000 087 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org

Delegação Norte da Alzheimer Portugal: Centro de Dia «Memória de Mim», Rua do Farol Nascente
n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Telefone: 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org

Delegação Centro da Alzheimer Portugal: Centro de Dia do Marquês, Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Telefone: 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org

Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

Delegação da Madeira da Alzheimer Portugal: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional
da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 Funchal, Telefone: 291 772 021 - Fax: 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org

Nesta pintura com quase 500 anos o céu não é uma recompensa, é um problema

Confinada às reservas de Arte Antiga há mais de cem anos, esta pintura está agora a ser restaurada. Com ela o museu quer começar a olhar para o maneirismo português de forma mais sistemática

CORTESIA HELENA PINHEIRO MELO/MNAA

Em *Dois Santos e Uma Santa* (designação provisória), os homens serão São Simão e São Judas Tadeu, e a mulher poderá ser Santa Justa. Pormenores das vestes com danos na união das tábuas e na camada cromática

Lucinda Canelas

Sobre a mesa está uma enorme pintura que até agora vivia nas reservas do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA). Tem representados dois homens ladeando uma mulher, aparentemente todos santos. Helena Pinheiro de Melo, a nova conservadora-restauradora, tem-lhes dedicado boa parte do seu tempo e, embora esteja longe de dar o trabalho por acabado, o que hoje sabe sobre esta obra já lhe permite contribuir para que a equipa do museu venha a compor a sua ficha de inventário.

Desde que começou a trabalhar na composição que foi arredada dos olhares públicos mal chegou a Arte Antiga, há 111 anos, a especialista em restauro de pintura descobriu, por exemplo, um selo no verso com o n.º 61 que nos diz que a obra pertenceu à colecção do rei D. Fernando II, embora venha erradamente descrita no que toca à identidade das figuras. “Claramente, o rei ou quem lhe tratava do inventário não fazia ideia de quem era os santos mártires de Lisboa, tema que julgava estar aqui presente”, diz Joaquim Caetano, director do MNAA. “Os mártires [Veríssimo, Máxima e Júlia] são duas mulheres e um homem, ao passo que aqui temos o contrário, embora desse jeito uma legenda que nos dissesse quem são”, ironiza o historiador de arte.

A convivência com *Dois Santos e Uma Santa* (designação provisória), os exames que lhe foram sendo feitos e o estudo da bibliografia disponível permitiu já atribuir outros nomes aos santos representados, no quadro de uma teoria mais alargada que carece ainda de confirmação. Os homens serão São Simão e São Judas Tadeu, e a mulher, executada sem atributos (símbolos), poderá ser Santa Justa. “São Simão e São Judas aparecem quase sempre juntos porque evangelizaram juntos e até no martírio estiveram juntos. A mulher é mais difícil de identificar.”

Joaquim Caetano acredita que será Santa Justa porque avança como hipótese que a pintura tenha pertencido a uma igreja com o mesmo nome na Baixa lisboeta e que foi, em grande parte, destruída pelo terramoto de 1755, desaparecendo o que restava mais tarde, num incêndio. “A igreja teria pinturas importantes e havia uma capela dedicada a São Judas e a São Simão. Não seria estranho que os dois santos fossem representados com a padroeira da igreja.”

A hipótese desta obra ter origem nesta igreja coloca-a o director pelo facto de a pintura ter pertencido a D. Fernando II: “É, de certa maneira, estranho que estivesse nas colecções reais, por ser um maneirista português. O rei preferia as obras mais antigas e de artistas estrangeiros, mas, se comprou esta pintura, como indica o selo, o mais provável é que tenha sido em Lisboa. E se a comprou em Lisboa, faz sentido que venha desta igreja destruída.”

Identificados os santos, ainda que sem certezas para já, e a proveniência desta obra que terá sido executada por volta de 1560, faltava o autor. E aqui voltamos ao território das hipóteses. “Pensamos que é de Gaspar Dias [c. 1515-c. 1591], mas é preciso continuar a estudá-la à medida que o restauro avança.” A pintura (175X156 cm), que tem problemas no suporte, foi feita sobre três grandes tábuas de castanho que foram aparadas e foi intensamente restaurada antes de 1913, ano em que dá entrada no museu, para que apresentasse um aspecto harmonioso, explica Helena Pinheiro de Melo. A conservadora-restauradora, que passou a trabalhar no MNAA no final de 2023 mas tem já 30 anos de experiência, garante que o seu estado era “lastimável” quando lhe chegou às mãos e que tem seis a oito meses de trabalho pela frente para restituir à pintura o aspecto o mais próximo possível do original.

“Para além de haver um desencontro nas juntas, que se vê muito bem porque há vestes interrompidas e montes em fundo e sombras que não continuam, há uma área muito extensa repintada”, explica, apontando, em particular, para o céu. “Este céu é um problema que vamos ter de resolver. Não sei ainda como o vou tratar, o que lhe vou fazer. Sei é que não quero acrescentar-lhe coisas, quero que a pintura seja o que ela é.”

Retocar o repinte, acrescenta, é mais difícil do que retocar o original, que, regra geral, é bom do ponto de vista da execução.

Pinheiro de Melo também não sabe se a pintura teria mais dos que as três tábuas que tem hoje: “Ainda não tive tempo de ver, mas é possível que tivesse uma quarta no mesmo painel ou que, sendo quatro, as tábuas tivessem estado agrupadas duas a duas. Isto podia explicar as diferenças entre estas arquitecturas que vemos em fundo entre os santos — uma é quase um esquisso, a outra é muito precisa, tem pormenor.”

CORTESIA MNAA

CORTESIA MNAA

O avaliador de pintores

Para Joaquim Caetano, o painel era só um e Gaspar Dias tê-lo-á pintado quando era já um artista influente. “Em meados da década de 1550, era examinador dos pintores de Lisboa, que eram por ele avaliados para poderem entrar na profissão e abrir oficina. Era um dos pintores mais ricos da cidade”, diz o director, também conservador de pintura. “Esta tábua que estamos a restaurar bateu certo com as outras atribuídas a Gaspar Dias, quer no desenho, sobretudo no tratamento das figuras, quer na execução.” No museu há dois *Martírios de Santa Catarina*, ambos atribuídos com dúvidas a Gaspar Dias, e há também uma grande colecção de desenho deste artista – “praticamente todos os que existem” – que, sendo influenciado por um maneirismo italianizado, parece reforçar a continuidade dos chamados primitivos portugueses.

“Tirando a pintura que está na Igreja de São Roque, de 1584, há poucas certezas sobre a obra de Gaspar Dias”, reconhece o historiador, acrescentando que terá feito parte da sua formação em Roma, embora o seu “maneirismo romano” não lhe pareça lá muito romano. “Temos de saber mais sobre estes pintores do terceiro quartel do século XVI, que estão pouco estudados, ao contrário dos do último quartel. Gaspar Dias faz parte desse grupo.”

CORTESIA LUÍSPIORRO/MNAA

CORTESIA HELENA PINHEIRO MELO/MNAA

No maneirismo, explica Caetano tendo por referência a obra que está a ser restaurada e o tratamento que o tema teria se tivesse saído das mãos de um dos primitivos portugueses, os panos das vestes dos santos são simplificados e a "construção lenta" da pintura, usando velaturas (camadas muito finas de tinta sobrepostas), é abandonada, dando origem a uma obra mais expressiva. "Olhamos para aqui e não há aqueles anacronismos do quotidiano de que a pintura primitiva está cheia, aqueles objectos domésticos que nos permitem datá-la. O maneirismo tem resquícios do Renascimento, mas é uma pintura sem tempo."

Nas reservas do MNAA, intocadas há mais de 100 anos, estão várias pinturas deste período, na sua maioria de grandes dimensões e todas a precisar de restauro. "Temos um enorme passivo maneirista nas reservas, onde pode haver grandes surpresas." É por isso que Joaquim Caetano gostaria de concentrar os esforços de investigação da equipa no estudo e reconstituição dos retábulos do século XVI que estão à guarda do museu. "Ninguém escreveu ainda sobre esta pintura, nem mesmo Vítor Serrão, que reformou o conhecimento nesta área."

É preciso que o museu a estude e restaure e depois a exponha nas galerias dedicadas à pintura portuguesa. E, depois, é esperar que outras lhe sigam o exemplo, saindo das reservas para mostrar como se pintava em Portugal na segunda metade do século XVI. "Estas pinturas vêm reforçar a oferta do museu, privilegiando um período que foi quase esquecido."

Afinal, D. Sebastião volta em 2028

Com obras previstas no museu para o próximo ano, devedoras da verba que o PRR reservou para o património, a equipa do MNAA concentra atenções na programação a partir de 2026, ano para o qual tem já previstas duas exposições: uma vem de fora e mostra pintura de seguidores de Caravaggio pertencente à fundação do historiador de arte Roberto Longhi e a outra porá obras do acervo do museu em diálogo com a Colecção de Arte Bruta – Treger Saint Silvestre, em torno do tema da *Paixão*.

Em 2027 a âncora da programação será a exposição que resulta de uma colaboração com uma equipa do King's College de Londres, liderada pelo historiador Francisco Bethencourt. O que se deverá poder ver no MNAA resulta do trabalho destes investigadores que estão a estudar a diáspora dos judeus portugueses, no âmbito de um projecto orçado em mais de um milhão de euros, a terminar só em 2030.

Para assinalar os 450 anos da derrota na batalha de Alcácer Quibir, e com ela o nascimento do mito do sebastianismo, Arte Antiga terá em 2028 uma exposição dedicada a este rei adolescente e ao que ele representou, em termos históricos e simbólicos, para Portugal. A comissária da exposição será a historiadora Annemarie Jordan, investigadora do Centro de Humanidades (Cham) da Universidade de Lisboa.

"D. Sebastião era um mito antes de nascer, mas depois esse mito instalou-se com Alcácer Quibir e durou. Com esta exposição vamos olhar para o seu reinado e para a arte que nele se produziu, sobretudo para a que representa o próprio rei", explica Joaquim Caetano, o director do MNAA. "É o rei mais retratado da história de Portugal até D. João VI. Esta exposição vai olhar para a construção da sua imagem e para a forma como ela contribui para o mito."

Para já, o director precisa apenas do aval da Museus e Monumentos de Portugal, empresa pública de que Arte Antiga faz parte, para avançar com alguns destes projectos. "Os museus da Áustria, por exemplo, estão à espera de notícias nossas para se pronunciarem sobre as obras que pedimos emprestadas." Entretanto, a intervenção ao abrigo do PRR prevê mudanças no sistema de aquecimento, ventilação e ar condicionado, arranjos nos telhados e fachadas e restauro da talha e do tecto da Capela das Albertas. **L.C.**

Farahnaz Sharifi vence Festival de Documentário de Melgaço

Melhor Curta ou Média-metragem foi *Les Chenilles*. Melhor Documentário Português para filme de Tânia Dinis

O Festival Internacional de Documentário de Melgaço distinguiu a obra *My Stolen Planet*, da iraniana Farahnaz Sharifi, com o prémio Jean-Loup Passek para Melhor Longa-metragem Internacional, anunciou a organização. A Melhor Curta ou Média-metragem foi atribuída a *Les Chenilles*, da dupla Michelle e Noel Keserwany e o galardão para melhor documentário português foi atribuído a Tânia Dinis por *Tão Pequeninas, Tinham o Ar de Serem já Crescidas*, acrescenta a nota de imprensa enviada à Lusa.

A décima edição do MDOC – Festival Internacional de Documentário de Melgaço levou a Melgaço, no distrito de Viana do Castelo, 22 estreias nacionais e 31 filmes na selecção oficial, com abordagens temáticas sobre a questão palestiniana, os direitos humanos, as migrações, o colonialismo, o ambiente e as questões de género.

No documentário que recebeu o Prémio Jean-Loup Passek, Farahnaz Sharifi resgata memórias que são parte da sua história pessoal.

"Forçada a migrar para o seu planeta privado para conseguir ser livre, Sharifi compra as memórias de outras pessoas em forma de filmes super 8mm, grava e arquiva as suas próprias narrativas, para criar uma história alternativa do Irão e do seu regime opressivo", descreve-se no comunicado.

Na mesma categoria, o documentário filmado na comunidade de Masafer Yatta destruída pela ocupação israelita (*No Other Land*, de Basel Adra, Hamdan Ballal, Yuval Abraham, Rachel Szor) mereceu uma menção especial.

A iraniana Farahnaz Sharifi resgata memórias pessoais

Em *Tão Pequeninas, Tinham o Ar de Serem já Crescidas*, Tânia Dinis combina o tratamento ficcional e documental, partindo do arquivo fotográfico e de imagens reais e do testemunho oral de várias mulheres provenientes das regiões de Trás-os-Montes, Beira, Alto e Baixo Minho que, entre os anos 40 e 70, foram para a cidade do Porto trabalhar como criadas de servir.

A Savana e a Montanha, terceira longa-metragem de Paulo Carneiro, que teve estreia nacional no MDCO, recebeu também uma menção especial.

"O filme esteve na Quinzena dos Cineastas, mostra paralela do Festival de Cannes 2024, e retrata a luta dos habitantes de Covas de Barroso (concelho de Boticas) contra uma multinacional britânica – Savannah Resources – que pretende construir a maior mina de lítio a céu aberto", refere o MDOC.

Quanto ao Prémio Jean-Loup Passek para Melhor Curta ou Média-metragem, foi atribuído à dupla Michelle e Noel Keserwany por *Les Chenilles*, uma história sobre exploração passada e presente e sobre a solidariedade feminina, a amizade e o consolo entre Asma e Sarah, duas mulheres originárias do Levante, que se descobrem apesar de carregarem o peso da pátria de origem.

Na mesma categoria categoria, o filme de animação *Percebes*, de Alexandra Ramires e Laura Gonçalves, recebeu a menção especial do MDOC.

O júri oficial desta edição do festival foi composto por Angelos Rallis (Grécia), vencedor do Prémio Jean Loup Passek em 2023 com o filme *Mighty Afrin: in the time of flood*, Irina Trocan (Roménia), Mohammadreza Farzad (Irão), Raquel Schefer (Portugal) e Truls Lie (Noruega).

O Prémio D. Quixote da Federação Internacional de Cineclubes, atribuído em festivais de cinema seleccionados, coube também a *No Other Land*, na secção de Melhor Longa-metragem, e a *A Beautiful Day*, de Stefano Obino, na categoria de Curta ou Média-metragem.

Nesta décima edição, o MDCO teve um número recorde de realizadores e produtores presentes, 22, e uma média de afluência de público na ordem dos 3800 espectadores, de acordo com a organização.**Lusa**

MIKE BLAKE/REUTERS

Simone Biles, Rebeca Andrade e Jordan Chiles tiram uma foto depois de receberem as medalhas da prova de solo

Rebeca e Alice roubaram o dia a Simone, mas não a redenção

A brasileira ficou com o ouro no solo e a italiana venceu na trave. Quanto à norte-americana, foi menos do que perfeita e ficou com uma prata

Marco Vaza, em Paris

É possível que tenhamos assistido ao último dia olímpico de Simone Biles. Já teve muitos, com muitos títulos e medalhas de outra cor, sempre a aperfeiçoar a perfeição cada vez que sobe ao praticável para fazer piruetas que mais ninguém faz, ou que se eleva no salto, ou procura o equilíbrio na trave, ou navega nas paralelas assimétricas. Em Paris, o último dia da ginástica artística era para ser dela e só dela – e, de uma certa forma, foi. Mas não foi um dia de perfeição para Simone Biles, foi um dia de humanidade. E um dia de glória para Rebeca Andrade, a maravilhosa ginasta brasileira, e Alice D'Amato, a italiana que teve o mérito de não cair.

O último dia da ginástica artística feminina tinha duas finais, a trave e o solo. A norte-americana era a favorita indiscutível no solo (a sua especialidade) e uma das candidatas na trave – a única medalha individual que conquistara em Tóquio, um bronze. Quando a chamaram para o pavilhão, teve a ovação esperada e o seu embate com o público foi igual ao que tem sido em Paris, menos sorridente, mais fechada, mais profissionalismo e menos deslumbramento.

Uma a uma, as ginastas foram subindo à trave e metade delas caiu. Uma das que se aguentaram foi a italiana Alicia D'Amato, sem ter a dificuldade mais elevada (5,8), mas com uma execução quase sem falhas (8,566). Pouco depois, foi Simone a subir para a trave. Dificuldade no alto (6,2), mas execução deficiente – alguns abanões sem cair e, depois, uma queda. Terminou o exercício e a nota levou tempo a sair, mais tempo do que é habitual – até o público que aplaudia de forma compassada se fartou de esperar.

Quando saiu, 13,100, não chegava para apanhar D'Amato (14,366), nem para chegar ao pódio – que seria composto pela chinesa Yaqin Zhou (14,100) e por outra italiana, Manila Esposito (14,000). Viu-se a desilusão na cara de Simone Biles, que esperaria, no mínimo, uma medalha. Mas ainda havia mais para conquistar naquela tarde.

Queda no aquecimento

Seguiu-se uma pausa para a ginástica masculina (foram duas finais) e, cerca de uma hora depois, as mulheres voltaram a ocupar a ribalta para a final do solo. Aqui, pensava-se, Simone Biles era invencível e ninguém lhe poderia chegar – porque ela coloca a fasquia de dificuldade em patamares que as adversárias nunca conseguem igualar. Depois, a execução, que costuma ser perfeita, trata do resto.

Quando a norte-americana subiu para o aquecimento, numa das suas corridas, caiu de costas, de forma aparatosa, e ainda acertou nas pernas do treinador. Não saiu a coxear, mas foi de imediato assistida na perna esquerda. Não era um bom sinal para a tarefa difícil que tinha pela frente, a de superar Rebeca Andrade, que liderava a final desde que executara o seu exercício sem falhas e sem pôr o pé fora do praticável – teve 14.133 de nota.

A norte-americana foi a sétima a entrar em acção e o seu plano era, de longe, o mais difícil de todos (6,900). Mas a perfeição voltou a ficar de fora. Por duas vezes foi para lá do quadrado e foi fortemente penalizada por isso. Desta vez, a nota levou menos tempo a sair (14,133) e Simone não pareceu surpreendida. Rebeca campeã pela primeira vez em Paris, segurando um ouro que foi a sua quarta medalha nestes Jogos (prata no *all-around* e no salto, bronze em equipas) e a sua sexta medalha olímpica (já tinha sido ouro no salto e prata no *all-around* em Tóquio).

Simone ficava com a prata numa especialidade que costuma dominar

(título olímpico em 2016 e seis títulos mundiais), o terceiro lugar ainda teve um "*twist*" final: Jordan Chiles, a outra norte-americana, pediu revisão da nota de dificuldade, os juízes concordaram e ela saltou de quinto para terceiro.

No final, a festa foi totalmente brasileira e até as norte-americanas prestaram vassalagem a Rebeca no pódio. Já com as medalhas ao pescoço, Chiles e Biles desceram à terra para saudar a brasileira. "Ela é uma rainha", diria mais tarde Simone Biles na conferência de imprensa sobre a brasileira, acrescentando que este não era só um gesto de veneração desportiva – era por este ser um pódio com três mulheres negras.

"Finalmente acabou"

E era assim que acabava o último dia de Simone Biles em Paris, "apenas" com mais uma prata, ela que já tinha ficado com três medalhas de ouro (*all-around*, salto e equipas), elevando para 11 o seu número de pódios olímpicos. De "menina do Rio" em 2016, à "medalha da coragem" em 2021, à redenção nos seus próprios termos em 2024, tudo a acrescentar à sua lenda e a cimentar um estatuto que dificilmente irá perder nas próximas décadas, o de melhor ginasta de todos os tempos.

Como sempre acontece nestas coisas, a sala de conferências de imprensa encheu para ouvir Simone Biles e mais ninguém – a moderadora bem pedia perguntas para as duas medalhadas italianas, que lá apareceram mais para o final. Sentia-se alguma saturação em Biles por toda a atenção que teve durante estes dias e ela própria verbalizou esse estado de espírito. "Não foi a melhor das minhas exibições, que ganhou as medalhas, ganhou. Na ginástica nunca se sabe. Não estou muito aborrecida com o que fiz nos Jogos Olímpicos. Estou feliz, orgulhosa e entusiasmada porque isto finalmente acabou."

Apesar do último dia sem ouro, Simone cumpriu na perfeição a narrativa do "*comeback*", do regresso à luz e da batalha ganha aos demónios interiores – e são muitos. Em Tóquio, pagou o preço da saturação competitiva e abdicou de quase todas as finais porque tinha perdido a noção do espaço e o controlo sobre o próprio corpo. "Consegui mais do que alguma vez sonhei e não apenas nestes Jogos. Há alguns anos não pensava que fosse voltar aos Jogos Olímpicos, mas quatro medalhas? Estou muito orgulhosa de mim própria."

Se este foi o seu último dia nos Jogos Olímpicos? Desta vez, não lhe fizeram a pergunta, mas ela já tinha deixado tudo em aberto, apesar do cansaço e da saturação. Até 2028, em Los Angeles, há muito tempo para a ginasta de 27 anos descansar e para tomar uma decisão. "Vai ser em casa e nunca se sabe", disse após uma das finais que ganhou. "Mas eu estou a ficar muito velha."

Voleibol de praia

O que a Torre Eiffel faz por um desporto

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

O voleibol de praia não é das modalidades mais afamadas dos Jogos Olímpicos. Mas isso mudou em Paris, com um "patrocínio"

É mais uma manhã de voleibol de praia olímpico, em Paris, e mais uma enchente. E é assim na sessão da tarde e na da noite – jogue quem jogar. O PÚBLICO já esteve em jogos nos três períodos e não há dúvida: há loucura com o voleibol de praia. E também já esteve em boa parte dos locais de provas e não há dúvida: há loucura com o Estádio Torre Eiffel – é dos casos em que não vale a pena inventar muito no nome, porque é mesmo de Torre Eiffel que se faz aquele local.

O voleibol de praia está longe de ser das modalidades mais afamadas do desporto – nem mesmo do desporto olímpico. Quem vê voleibol de praia sem ser de quatro em quatro anos? E, mesmo em Jogos, quem lhe dá um crédito assim tão grande? Há quem o faça, mas são poucos. Mas, agora, chegou Paris.

Há quem aqui venha pelo desporto, claro, mas é mais do que isso. Muitos vêm pelo espectáculo de entretenimento que se cria, muitos pelo ambiente jovem e divertido e todos, ou quase todos, vêm pela vista.

"A primeira vez vim pela Torre Eiffel, mas já voltei mais três, porque isto é muito divertido – mesmo se esquecermos a vista", diz ao PÚBLICO um adepto polaco.

Um novo cenário à noite

O cenário onde se joga voleibol de praia nos Jogos Olímpicos – exótico por ser um local de areia numa cidade bem longe da praia – é, provavelmente, o mais espectacular da prova. E há muitos locais de alto nível cénico nos Jogos de Paris.

Há um ambiente tremendo no centro aquático da Arena La Défense, o hipismo em Versalhes dá boas fotografias e mesmo o final de várias provas na Ponte Alexandre III e Invalides também não é de se deitar fora.

Mas isto é outro nível e, sejamos justos, a vista já vale o bilhete. Um dos voluntários que gerem o acesso às bancadas estima ao PÚBLICO que "80% das pessoas vêm pelas fotos e o voleibol é um extra". Sim, é um mero palpite, pelo que vamos valorizar com moderação. Mas é, em teoria, um bom palpite. Basta conhecer o mundo actual, por um lado, e ver, por outro, o que costuma acontecer no Estádio Torre Eiffel.

"Já perdi a conta às fotografias que me pediram para tirar. Acho que tem sido esse o meu principal trabalho aqui", graceja – mas parece ser a sério.

Quando o Sol se põe, a sessão nocturna do voleibol de praia passa a ser um espectáculo de luz artificial, com a Torre Eiffel iluminada. E não há descrição escrita que consiga fazer justiça. Só em Paris.

1992

O ano em que o voleibol de praia entrou no calendário olímpico, ainda como modalidade de exibição. Em 1996, passou a modalidade definitiva

Jogadores provocados

Os desafios de hoje não são os de Atenas, Sydney ou mesmo Londres. Hoje, pede-se que o desporto ofereça uma gama diferente de virtudes, que extravasam o nível competitivo do que ali acontece.

Uma boa fotografia não é um valor negligenciável – e isto serve para o adepto comum, no seu Instagram, mas também para fotógrafos, televisões, jornais e tudo quanto possa ter imagem. O número de *selfies* por minuto deve bater, ali, o recorde dos Jogos. Mas não é só um apelo aos olhos – à emoção também.

O voleibol de praia tem paragens permanentes, no final de cada ponto – que, em geral, dura poucos segundos.

É, portanto, o desporto ideal para fomentar animação entre cada ponto e nunca deixar morrer o "quentinho" nas bancadas. Quem vai ali diverte-se – a dançar a *Macarena*, a bater com os pés no chão, fazendo abanar as bancadas, ou simplesmente a cantar o que lhe pedem.

Aí, entram os animadores. O *speaker* gosta de provocar os atletas. Elogia-os, mas também os "pica" com piadas, algo pouco visto no desporto. E tenta conciliar-se com o DJ, que abdica da vaidade profissional de fugir ao ordinário e escolhe *hits* que todos conhecem. Tudo em nome da animação.

Até a areia ajuda

Outro truque bem pensado foi prolongar o torneio de voleibol de praia. Começou no dia 27 e ainda vai durar até dia 10. No fundo, enquanto há Jogos, há voleibol de praia.

Trata-se de não condensar tanto os jogos na agenda diária, para que aquele local continue a valer romarias durante quase todo o período dos Jogos Olímpicos. Não está nada mal pensado.

E até a areia, como diz o *Washington Post*, é perfeita – com grãos do tamanho ideal para melhorar a estabilidade dos jogadores, brilho perfeito para não incomodar com o sol forte e componentes que previnem o sobreaquecimento, não queimando os pés aos jogadores. Areia que vem dos arredores de Paris, do mesmo local que forneceu a Atenas 2004, Londres 2012 e Rio 2016. Já vários jogadores a elogiaram.

Num local de tanto carisma – e numa modalidade que acaba, indirectamente, por beneficiar de tudo isto – há o contexto ideal também para tomadas de posição.

"Não" ao biquíni

Foi o que pensaram as francesas Alexia Richard e Lézana Placette, cuja exposição mediática do voleibol de praia em Paris 2024 lhes permitiu espalharem melhor a sua missão – a de educar o público, ao jogarem com calções e não com biquíni.

"É um público novo, porque é a primeira vez que jogamos em França com tanta gente nas bancadas. É importante para nós mostrar-lhes o que é o voleibol de praia, o nosso voleibol de praia. Foi também por isso que jogámos de calções", contextualizou Placette, citada pelo *L'Équipe*.

E detalhou: "Queremos que as mulheres tenham escolha no voleibol de praia. Às vezes, queremos jogar de biquíni. Às vezes, de calções. Às vezes, de *leggings*. Às vezes, vestidas de forma diferente. Queremos educar o público, para que não pensem: 'Oh, há duas miúdas em biquíni, vamos vê-las jogar só para ver os seus rabos'. Não, são duas raparigas que podem usar calções e fazer grandes coisas em termos desportivos."

O cenário fotogénico é o início e o fim de tudo. Pelo meio, passa-se pelo ambiente festivo, pela areia perfeita e pela agenda prolongada de jogos. Tudo parece perfeito no torneio olímpico de voleibol de praia, que tem enchentes dia sim, dia sim. Boa sorte, Los Angeles.

RITCHIE B. TONGO/EPA

O voleibol de praia, com a Torre Eiffel como cenário, tem tido sempre muita gente a assistir nas bancadas

Ponto da situação

Dez dias em Paris: menos medalhas e menos diplomas para Portugal

Marco Vaza, em Paris

Em comparação com Tóquio, Paris 2024 estão a dar menos resultados de topo a Portugal. Mas ainda podem melhorar

É uma comparação puramente estatística e não significa necessariamente que os Jogos de Paris 2024 estejam a correr pior a Portugal do que os de Tóquio 2020, porque o número de atletas em competição é diferente e os calendários não são exactamente iguais. O que se pode dizer é que os primeiros dez dias de Portugal em Paris não estão a ser tão bons como os primeiros dez dias de Tóquio.

Na capital japonesa, por esta altura, Portugal já tinha duas medalhas, o bronze de Jorge Fonseca e a prata de Patrícia Mamona. Na capital francesa, ainda só teve uma. Em diplomas, a diferença é também de um – sete em Tóquio, seis em Paris. Um ponto em comum entre os dois Jogos: a primeira medalha veio do judo, o bronze de Patrícia Sampaio, no mesmo dia em que o primeiro medalhado de Tóquio, Jorge Fonseca, caiu ao primeiro combate. E Mamona, lesionada, nem sequer esteve em Paris para defender a sua prata.

O judoca português não foi o único que teve piores resultados em relação aos Jogos anteriores. Também no judo, Catarina Costa ficou-se pelo segundo combate, depois de ter lutado pelo bronze em Tóquio. E no skate, Gustavo Ribeiro não deu seguimento em Paris à sua exibição na estreia olímpica na modalidade – no Japão qualificou-se para a final e foi 8.º (com uma lesão no ombro), em Paris ficou-se pelas qualificações. Também Yolanda Hopkins não esteve tão bem no surf – nas ondas japonesas, ainda chegou aos quartos-de-final, no Taiti, ficou-se pela ronda anterior.

Entre Tóquio e Paris, Portugal teve duas finalistas diferentes no lançamento do disco feminino. Liliana Cá teve um resultado histórico em Tóquio (5.º), Irina Rodrigues não melhorou essa posição em Paris (9.º). Outra diferença esteve no dressage por equipas – Portugal foi oitavo em Tóquio, em Paris não esteve na final.

E o que melhorou em relação a Tóquio? Acima de todas as modalidades, o triatlo. Ainda não chegou ao patamar de Vanessa Fernandes em Pequim 2008 (medalha de prata), mas esteve lá perto, com os diplomas de Vasco Vilaça (5.º) e Ricardo Batista (6.º) nas provas individuais e da estafeta mista (5.º) a prometerem mais para os próximos Jogos.

Gabriel Albuquerque, o mais novo de toda a comitiva, teve uma estreia olímpica em grande – quinto na final, melhor do que Diogo Abreu em Tóquio (11.º). Outra novidade bem-vinda foi a presença de Maria Inês Barros, 8.ª no fosso olímpico e muito perto de chegar à final. Quanto a Nélson Oliveira, confirmou as suas credenciais como contra-relogista de elite, ao ser sétimo.

Para os próximos seis dias de competição olímpica, Portugal ainda tem muitas fontes de potenciais medalhas. Por exemplo, ainda não começou a canoagem – e Portugal tem dois barcos campeões do mundo, o K1 de Fernando Pimenta e o K2 de João Ribeiro e Messias Baptista – e na vela Carolina João e Diogo Costa, no 470 misto, estão bem posicionados para chegarem à regata das medalhas.

Ainda não entraram em acção os craques do ciclismo de pista, ainda não começaram a saltar Pedro Pichardo e Agate de Sousa, ainda não nadou Angélica André e ainda não dançou Vanessa Marina. Não o estão a ser, mas os Jogos de Paris ainda podem ser os melhores de sempre.

PAWEL KOPCZYNSKI/REUTERS

A portuguesa Irina Rodrigues durante a final do lançamento do disco em que terminou a um lugar do diploma olímpico

Atletismo

Duplantis, mais um centímetro, mais um recorde e mais um título

Marco Vaza, em Paris

Qualquer final do salto com vara em que esteja Armand Duplantis, acontece sempre a mesma coisa. Os adversários saltam mais vezes e vão-se eliminando a eles próprios e, a partir de certa altura, ele lá entra para fazer uns saltos que, para ele, são aquecimento. Salta tudo à primeira e, depois, fica a saltar sozinho.

Foi o que aconteceu nesta segunda-feira, na final olímpica dos Jogos de Paris. O norte-americano que compete pela Suécia foi campeão olímpico com um salto a 6,00m. Depois, começou a divertir-se. Acrescentou mais dez centímetros e bateu o recorde olímpico. Subiu para 6,25m e bateu o recorde do mundo. Já tinham acabado todas as finais da pista quando "Mondo" fez a sua primeira tentativa para acrescentar mais um centímetro ao recorde do mundo. Até os adversários, como o norte-americano Sam Kendricks, puxou pelo público.

O sueco falhou a primeira tentativa, esperou que os homens dos 100m recebessem as medalhas, antes de um segundo salto, também ele falhado. Mas o melhor ainda estava para vir, terceiro salto e fasquia transposta sem qualquer toque. Já não saltou mais. E depois ouviu-se ABBA.

Duplantis, filho de um antigo varista norte-americano e de uma sueca que competia no heptatlo, só tem 24 anos, mas já é bicampeão olímpico, bicampeão mundial e já bateu nove vezes o recorde mundial, um centímetro de cada vez, tal como fazia Sergei Bubka.

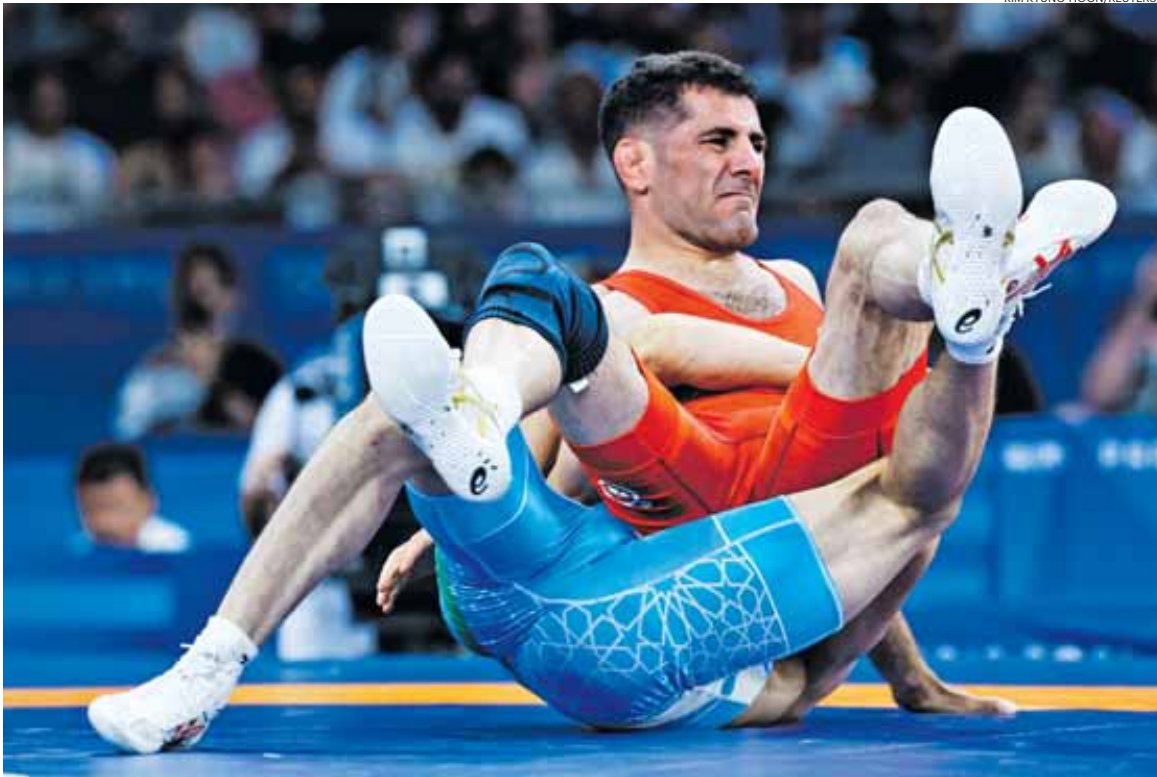
O sueco Duplantis não teve rivais à altura no salto com vara

O sueco tomou conta do recorde da vara em Fevereiro de 2020 (6,17m) e, desde então, já lhe acrescentou mais oito centímetros. E não há ninguém que lhe consiga fazer frente: Kendricks foi prata com uns "míseros" 5,95m, o grego Emmanouil Karalis ficou com o bronze, com 5,90m.

Na única final de lançamentos da noite, o disco feminino, havia um interesse português em ver o que poderia fazer Irina Rodrigues. A lançadora do Sporting tinha-se exibido bem nas qualificações (62,90m) e uma posição entre as seis/oito primeiras não era de todo irrealista. A portuguesa entrou com 60,19m e acabou a primeira ronda em 7.º, melhorou a marca no segundo lançamento (61,19m), mas baixou para 9.º e, com um nulo no terceiro, acabou por ficar de fora dos últimos três lançamentos.

O ouro acabaria por ficar nas mãos de quem já tinha outra em casa, a norte-americana Valerie Allman. A campeã de Tóquio lançou sempre perto dos 70 metros, tendo como melhor da final 69,50m.

Nas provas de pista, a queniana Beatrice Chebet triunfou nos 5000m, enquanto a britânica Keely Hodgkinson triunfou nos 800m.

Apoio:

KIM KYUNG-HOON/REUTERS

O combate em que Jamal Valizadeh foi derrotado nos Jogos Olímpicos

Luta

Jamal mergulhou no Mediterrâneo, no tapete e nas lágrimas

Diogo Cardoso Oliveira, em Paris

Depois de perder no primeiro e último combate em Paris, o refugiado que nadou no Mediterrâneo desfez-se em lágrimas

"Ei! Não baixes a cabeça! Estás-te a passar? O que é isso? Escuta-me... estiveste bem! Ei! Ei! Ei! Olha para mim, homem! És forte e fizeste o que podias. Bebe água. Isso... bebe. Foste bom. Acredita em ti. Isto não acabou aqui!".

Entre outras coisas imperceptíveis, estas foram algumas das palavras do treinador de Jamal Valizadeh, já na saída da zona mista. O atleta desfez-se em lágrimas depois da conversa com o PÚBLICO, o mesmo estado em que já tinha chegado a essa conversa, vindo do primeiro e último combate nos Jogos Olímpicos 2024.

Na luta greco-romana, foi rápida a aventura do refugiado nestes Jogos. Entrou, lutou e saiu. Não houve glória desportiva, já que foi forçado a mergulhar no tapete, mas diz, apesar da desilusão, que teve glória pessoal.

A história de Valizadeh é, em simultâneo, simples e complexa. Complexa, porque tem sido uma vida cheia de curvas e contracurvas. Simples, porque se explica de forma lamentavelmente fácil: como muitos outros, teve de fugir do seu país em barcos sobrelotados, teve de mergulhar no Mediterrâneo e, por sorte e engenho, chegou a terra firme. Outros não.

É por isso que se diz pessoalmente glorioso, mesmo que desportivamente desiludido. "Estou orgulhoso do que fiz e de estar aqui como atleta e como refugiado", apontou, apesar de reconhecer que queria mais de Paris: "Sim, esperava mais. Poderia ter feito melhor. Mas, como sabe, eu sou refugiado e não tenho apoio financeiro suficiente. Não posso participar em muitas provas e estágios. Tenho de fazer tudo sozinho em casa."

E é esta limitação, segundo Jamal, que o restringiu neste combate. "Reconheço que cometi alguns erros a nível técnico. Mas temos de participar em diferentes provas para reduzir o número de erros. E eu não tenho essas provas. Os outros lutadores têm o apoio dos países deles, mas, para nós, é limitado."

"Trabalhava 16h por dia"

Quando fugiu do seu país, o Irão, Jamal Valizadeh começou por fixar-se na Turquia. E conta-nos como sobrevivia por lá. "Trabalhava 16 horas por dia numa empresa que fazia paletes de madeira. Como não tinha documentos para trabalhar como uma pessoa normal, exploravam-me. Mas tinha de ser assim, para ganhar alguma coisa", recorda, sobre a aventura que durou seis meses.

Seis meses suficientes para ganhar os mil dólares de que precisava para chegar à Europa. Percebeu que o melhor caminho era entrar num barco no Mediterrâneo, no meio do Inverno, com mais 50 pessoas, tendo acabado dentro de água, para salvar mulheres e crianças do afogamento. A embarcação, também ela a meter água, quase acabou com a aventura de todos eles.

Quando chegou a França, em 2016, conseguiu o estatuto de refugiado e uma bolsa para estudar Informática no ensino superior, mas esperou até 2023 para retomar as lutas.

Em pouco mais de um ano, depois de começar a treinar com a equipa gaulesa de luta greco-romana, chegou aos Jogos. E diz que vai continuar em França. "Vou manter-me, sim. Não tenho a minha família cá, mas tenho amigos que me ajudam. Não se trata apenas de me preparar fisicamente, mas também a nível mental. E isso por vezes falha. Estamos longe das nossas famílias, amigos e é mais difícil para nós do que para outros."

Questionado sobre se pensa pedir a cidadania francesa e competir pelo país que o acolheu, o lutador diz sim e não. "É uma possibilidade [naturalizar-se]. Mas prefiro continuar a competir pelos refugiados. Porque eles são todos a minha família. É o meu novo país. Quero representá-los nos próximos Jogos Olímpicos", garante.

Por agora, vai voltar para casa – a nova casa, que fica aqui bem perto.

Agenda dos portugueses

As horas estão no horário de Lisboa

Hoje

Hora	Atleta	Prova	Fase
9h05	**Salomé Afonso**	Atletismo 1500m F	Qualificação
10h15	**Agate de Sousa**	Atletismo comprimento F	Qualificação
10h50	**Leandro Ramos**	Atletismo dardo M	Qualificação
10h20	**Cátia Azevedo**	Atletismo 400m F	Repescagem
10h30	**João Ribeiro e Messias Baptista**	Canoagem K2 500m M	Qualificação
11h13	**Mafalda Pires de Lima**	Vela *Kite* F	Regatas 9, 10, 11 e 12
11h15	**Carolina João/Diogo Costa**	Vela 470 misto	Regatas 9 e 10
19h07	**Fatoumata Binta Diallo**	Atletismo 400m barreiras F	Meia-final

Finais

Hoje

Modalidade	Prova	Hora
Equestre	Saltos individual	9h00
Vela	470 F	13h43
Salto sincronizado	Plataforma 10m F	14h00
Vela	470 M	14h43
Skate	Parque F	16h30
Luta	60kg M	a partir das 17h15
Luta	130kg M	a partir das 17h15
Luta	68kg F	a partir das 17h15
Atletismo	Martelo F	18h57
Ciclismo	Sprint equipas M	19h10
Atletismo	Comprimento M	19h15
Atlestismo	1500m M	19h50
Atletismo	3000m obst. F	20h14
Atletismo	200m F	20h40

Medalheiro

	●	●	●	**Total**
1. **China**	21	18	14	53
2. **EUA**	20	30	28	78
3. **Austrália**	13	11	8	32
4. **França**	12	16	18	46
5. **Grã-Bretanha**	12	13	17	42
6. **Coreia do Sul**	11	8	7	26
7. **Japão**	10	5	11	26
8. **Itália**	9	10	7	26
9. **Países Baixos**	7	6	4	17
10. **Alemanha**	7	5	4	16
66. **Portugal**	0	0	1	1

Triatlo

Portugal voltou a ficar à beira do pódio no triatlo em Paris

Marco Vaza, em Paris

Não foi um detalhe que fez a diferença entre o que aconteceu (diploma) e o que podia ter acontecido (medalha). A certa altura, os quatro portugueses que participaram na prova de estafeta mista do triatlo olímpico em Paris pensaram no pódio, mas a diferença para o vencedor, disse um deles, Vasco Vilaça, não foi apenas um detalhe. "Não houve detalhe nenhum que nos tenha deixado fora das medalhas", explicou o triatleta português. "Não passa por um detalhe, passa por trabalho que vai demorar quatro anos. Um detalhe é uma coisa de 0,01s e o tempo que tínhamos de diferença é tempo de trabalho de tudo."

Depois das boas indicações nas provas individuais, Portugal voltou a cheirar as medalhas no triatlo olímpico, terminando em quinto lugar, a 1m27s do vencedor, a Alemanha – EUA e Grã-Bretanha discutiram as outras medalhas numa chegada em "*photo-finish*" que deu a prata aos norte-americanos e o bronze aos britânicos. Entre o pódio e a equipa portuguesa ainda ficou a França, que sofreu um percalço no primeiro percurso, mas conseguiu recuperar até ao quarto lugar.

O quinto lugar na estafeta foi o terceiro diploma em Paris para o triatlo português, depois do 5.º lugar de Vasco Vilaça e do 6.º de Ricardo Batista na prova individual masculina – e Maria Tomé também teve um bom 11.º na prova feminina. Por igualar fica o feito de Vanessa Fernandes em Pequim 2008, um segundo lugar que deu a única medalha de prata a Portugal no triatlo olímpico, um dos pontos altos de uma carreira que inspirou esta nova geração.

"Ela é o nosso ídolo, sem ela não estávamos cá, não havia esta estafeta. Vi que ela própria tinha deixado palavras de agradecimento, e que até chorou, isso mexe muito connosco, não estávamos à espera que ela se comovesse", comentou Vasco Vilaça no final da prova.

"O sonho"

Apesar das muitas dúvidas sobre a qualidade da água no Sena, que provocou baixas de última hora em algumas equipas, a estafeta mista avançou na hora marcada, 8h da manhã. Ricardo Batista foi o primeiro a mergulhar para os 300 metros de natação, mas teve de cumprir uma penalização assim que saiu da água. Conseguiu recuperar esse tempo perdido com o melhor segmento de ciclismo (8km) entre os que faziam a primeira manga.

Depois da corrida de 2km, Batista passou a "batata" a Melanie Santos, que manteve Portugal entre os oito primeiros, antes de Vilaça entrar na prova. O triatleta ganhou várias posições na natação e passou o ciclismo e a corrida no grupo dos terceiros, ganhando um pequeno avanço para Maria Tomé entrar no último percurso em posição de pódio, com uma ligeira vantagem sobre os EUA.

Mas a jovem atleta portuguesa acabou por ceder perante a sua adversária norte-americana e ainda foi ultrapassada pela francesa, acabando por terminar em quinto. Não foi medalha, mas foi diploma para todos, uma posição mais do que honrosa para a estreia portuguesa nesta prova de estafeta. Todos reconheceram o brilhantismo do desempenho, mas admitem que esperavam mais. "Saímos bastante satisfeitos. Andámos a rondar pelos lugares do pódio e a meio eu já acreditava numa medalha", admitiu Ricardo Batista.

O plano foi pensado em função do que os quatro portugueses tinham feito nas provas individuais. "Depois da minha prova e do Ricardo terem sido tão juntas, não fazia diferença mudar as nossas posições. Nas raparigas, a Melanie tem uma natação muito forte e consegue manter-se em contacto, a Maria tem uma corrida muito forte, para que no final, se estivéssemos a lutar pelo diploma ou pela medalha, ela conseguisse dar tudo por tudo nos últimos 100 metros", revelou Vilaça.

Agora, o plano é continuar para Los Angeles, com estes, ou com outros. Mas esta equipa que esteve em Paris tem futuro. Batista e Tomé têm 23 anos, Vilaça tem 24 e Santos tem 29. Todos têm, pelo menos, mais um ciclo olímpico nas pernas e os quatro anos de trabalho começam agora para que o sonho continue, como disse Vasco Vilaça: "São sonhos."

Maria Tomé

DR

João Neves exibe a camisola do PSG com que vai passar a competir, na época que vai agora começar

Benfica e PSG concluem acordo de transferência de João Neves

Augusto Bernardino

Internacional português assinou até 2029 com o campeão francês, que pagará 60 milhões de euros ao clube da Luz

O médio João Neves, de 19 anos, foi ontem, ao início da tarde oficialmente apresentado em Paris como reforço do PSG até 2029, em mais um negócio decisivo para o equilíbrio financeiro do Benfica, que recebe perto de 60 milhões de euros – que poderão converter-se em 70 milhões, de acordo com os objectivos estipulados –, verba a que terá de deduzir os 10% referente a comissões, com o clube da Luz a preservar o direito a reter as verbas relativas ao mecanismo de solidariedade.

A transferência há muito antecipada confirmou os valores envolvidos, com o Benfica a comunicar à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários os números exactos (59.921.587 euros que poderão ascender a 69.908.518 euros).

Posteriormente, o Benfica anunciou o acordo de empréstimo de Renato Sanches, que regressa ao Benfica (via Paris) em condições excepcionais, com o emblema português a garantir uma cláusula de compra de 10 milhões de euros e a assumir encargos relativos à cedência, caso o médio cumpra mais de 60 por cento dos jogos.

Perante todas as condicionantes, é difícil prever com exactidão o encaixe financeiro do Benfica, o sexto na ordem dos 60 milhões de euros (ME) e o quarto com retorno maximizado pelo facto de se tratar de um activo formado no clube, depois de João Félix (126 ME), Rúben Dias (68 ME) e Gonçalo Ramos (65 ME), sem contabilizar as verbas relativas a variáveis por objectivos.

Em Paris, cumpridos os testes médicos e as formalidades habituais em dia de apresentação, João Neves vincou o facto de não ter exercido qualquer tipo de pressão para abandonar a Luz, dando, por outro lado, conta do orgulho de poder integrar as fileiras do campeão francês, onde encontrará os compatriotas e colegas de selecção Danilo Pereira, Nuno Mendes, Vitinha e Gonçalo Ramos.

"Foi uma decisão muito difícil. Se quisesse sair ou se o Benfica quisesse mesmo transferir-me, já o teríamos decidido há muito", esclareceu, insistindo que nem ele nem os familiares exerceram qualquer tipo de pressão para agilizarem o negócio.

> [O PSG] Tem a proposta de jogo que procuro, que se adequa ao meu estilo e por isso escolhi Paris
>
> **João Neves**
> Futebolista

Segue-se um novo capítulo no campeão francês, um desafio que "assusta" por implicar uma saída "da zona de conforto", um novo país, um idioma e um treinador diferentes.

Nada que o impeça de "dar o máximo", ou de contrariar a "própria natureza". "[Ao] dar o máximo estarei sempre mais perto de concretizar os meus objectivos."

João Neves recordou o papel decisivo de Roger Schmidt, com o treinador alemão a ser credor "de uma grande dívida" de gratidão por ter sido o responsável pela aposta num jovem de 18 anos, quando o próprio João Neves não acreditava ainda que seria capaz de actuar ao mais alto nível.

"Nunca me esquecerei do '*mister*' Schmidt", destacou, mudando o foco para a nova casa e para o que espera alcançar no PSG, confessando um natural nervosismo.

"Estou nervoso e feliz ao mesmo tempo. Chego a um clube com um projecto fantástico e com grandes objectivos, onde espero poder evoluir futebolisticamente e crescer como pessoa" declarou, sublinhando a "ideia de jogo" do treinador Luis Enrique. "Tem a proposta de jogo que procuro, que se adequa ao meu estilo e por isso escolhi Paris. Gosto de um futebol curto e rápido e não vou desiludir", referiu aos meios de comunicação do clube parisiense.

As mulheres da minha rua

Alice Neto de Sousa

As mulheres da minha rua às vezes são noites acordadas. Velas acesas, correntes abertas. São membros de uma enxada. Árvores. Genealógicas. As mulheres da minha rua, às vezes, são vidros transparentes, cortinas entreabertas, jarras na mesa, despertas, raízes inquietas. Folhas em branco, silêncios, portos de partida, chegada. Ventres de histórias, sorrisos, casa cheia. Casa.

Enquanto tropeço pelos caminhos da minha rua, penso em como as mulheres da minha rua são asas. Ventos descaracterizados, lenços afogados no peito, poemas, tempestades. Abraços semi ou quase apertados. Colo de noite, de dia, lençol de abanar, de estender, de cobrir, de ir. Algodão à porta trancada, mãos, as mulheres da minha rua são nomes de ave, cidade, nomes próprios, comuns, nenhuns.

Quando me acordo no concreto abstrato do que sou, lembro-me de como as mulheres da minha rua são chão. Chapéu. Chuva. Sombra. Agasalho. As mulheres da minha rua são, em parte, retalhos de guerras desfiadas, calçadas, cantadas, por baixo de décadas nas cestas, com folgas tão largas nos sapatos.

As mulheres da minha rua, quando têm sapatos, são rasos de esperar, de andar, curtos na bainha desfiada do metro, da lã, da altitude dos rebanhos que trazem. Rezam à porta fechada, sonham por baixo das escadas, no elevador das emoções de dentro, que as puxam mais para o eco, para a intuição de ver para lá da moldura em que se olham, em que as olham.

As mulheres da minha rua são quase sempre montra, paisagem, países, jardins, arranjos de flores, de sentimentos, colhidas na primeira colheita do amanhecer do tempo, das horas. São pedra solta, cachos, folhagem polida, mar, fonte, ponte, paisagem entorpecida, rios de escutar, de vestir, rochedos, raízes, serras de semear, sementes, horizontes largados no olhar.

© LUÍSA FERREIRA

Quadros caídos em expetativas aquecidas a lume brando, médio, ao luar.

Quando me faltam as sílabas, a ternura, o calor, a tónica das palavras para legendar o que vejo, lembro-me de como as mulheres da minha rua são acentos, declives acentuados em gargalhadas sonoras, sol-posto e deitado no peito.

Fascículo 15
Amanhã em banca

Mensagens engarrafadas, encriptadas. Cartas abertas. Papéis. Segredos. Âncoras até ao poço mais fundo, profundo, de mim.

As mulheres da minha rua são refrões de gerações, cantadas de cor nas estações, a verde, azul, a giz, a nuvens desenhadas no cabelo a saber do vento. As mulheres da minha rua dançam, dançam em passo lento, desigual, nas trilhas sonoras, inaudíveis, em vidros remendados pelo ventrículo do lado direito. As mulheres da minha rua são véu, céu, quase cabem neste tempo, neste tempo em que me perco no compasso de as escrever, de as revelar. Em que me sinto, eu mesma, retrato, tato, sentir.

As mulheres da minha rua? Quase cabem aqui. Olho-as tão de perto, como me olham a mim.

Poeta

A autora do texto escreve segundo o Novo Acordo Ortográfico

49,7%

Em 2022, a taxa de mulheres empregadas aproximava-se da dos homens

Apesar de todos os avanços, Portugal ainda é uma sociedade machista e preconceituosa, que cria obstáculos às mulheres. Desde a infância, os meninos são incentivados a serem fortes e superiores ("o homem não chora"), enquanto as meninas, delicadas e suaves. Os impactos no futuro podem ser complicados para as mulheres quando enfrentam situações desafiantes como, por exemplo, um mercado de trabalho competitivo e por vezes desleal.

Nos últimos tempos, o papel da mulher vem sendo reelaborado e a sua inserção no mercado do trabalho contribuiu para isso. Antigamente o que víamos? Que o papel da mulher se restringia ao lar. Hoje, estão mais independentes, com novos papéis sociais.

Em 2022, a taxa de mulheres empregadas (49,7%) aproximava-se da dos homens (50,3%), mas a proporção de mulheres empregadas a tempo parcial (62,6%) era quase o dobro da dos homens (37,4%).

Por saber que muito já foi conquistado, mas que ainda há caminho a percorrer, é que o **5.º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável** (ODS) da **Agenda 2030** é "alcançar a igualdade de género e empoderar todas as mulheres e meninas" e o **10.º ODS** aborda a redução de desigualdades.

Com a colaboração da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

Diário de Um Cientista

Gatos há muitos, mas este corre o risco de extinção em Portugal

A cientista Beatriz Alves investiga o gato-bravo, uma espécie selvagem em perigo de extinção em Portugal. O Parque Natural de Montesinho, no Nordeste transmontano, é um dos seus últimos refúgios

Página 5

Beatriz Alves Texto
André Carrilho Ilustração

Quando me formei em Medicina Veterinária, não imaginava que, 11 anos mais tarde, estaria no Parque Natural de Montesinho, no Nordeste transmontano, a instalar câmaras de fotoarmadilhagem para estudar uma espécie de gato muito especial. Em Março de 2022, após horas a ver fotografias dessas máquinas, com o meu gato no colo e a chuva a cair lá fora, abro um ficheiro que faz o meu coração acelerar: é a minha primeira fotografia de um gato-bravo. A imagem não me permite perceber qual o sexo do animal. Mas algo me faz pensar que é uma fêmea e, por isso, dou-lhe o nome de *Castanha*.

O meu objectivo era compreender melhor a situação de uma população vulnerável de gato-bravo europeu (*Felis silvestris*), uma das duas espécies de felino selvagem existentes em Portugal. Apesar de muito frágil, a população de Montesinho poderá ser a mais viável do nosso país para a conservação desta espécie. E a *Castanha*, uma das últimas esperanças para a continuidade do gato-bravo em Portugal.

À primeira vista, a *Castanha*

A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos--bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Faça todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista**

poderia ser confundida com um gato doméstico de pelagem às riscas. Mas um olhar mais atento permite, através de certas características físicas, distinguir as duas espécies – a *Castanha* tem uma cauda espessa, com anéis negros completos e ponta arredondada, a linha dorsal termina na base da cauda e as riscas do corpo são contínuas.

Um dos primeiros *emails* que recebi, após iniciar o doutoramento, foi de um cidadão sobre um avistamento de gato-bravo. Vinha acompanhado de uma fotografia que, quando a abri, revelou uma gineta (*Genetta genetta*), uma espécie totalmente diferente. Pouco tempo depois, recebo um novo *email*, desta vez com uma fotografia de um gato doméstico.

Com estes episódios percebi que não só as pessoas têm dificuldade (justificada) em distinguir o gato-bravo do doméstico, mas que o desconhecimento leva a que seja confundido também com outras espécies.

O gato doméstico (*Felis catus*) é mais próximo do gato-bravo afro-asiático (*Felis lybica*), espécie da qual descendeu, do que do europeu. Ou seja, o gato que temos em casa é mais próximo do gato-bravo que vive nas florestas de África e da Ásia do que da *Castanha* da serra de Montesinho.

O gato-bravo é solitário e prefere zonas afastadas de populações e interferência humanas. Pelo contrário, o gato doméstico vive, frequentemente, em colónias e próximo de humanos. Assim, as duas espécies ocupam diferentes nichos ecológicos e têm impactos distintos no ecossistema.

O gato-bravo europeu subdivide-se em cinco grupos geneticamente distintos, sendo um deles o da Península Ibérica. A extinção do gato-bravo no nosso país seria uma perda tremenda para esta população única, que nos cabe proteger.

Ao ver a *Castanha* nas minhas fotos, imagino a sua vida e os múltiplos desafios que teve e terá de enfrentar. Ela terá nascido no Parque Natural de Montesinho, com cerca de cem gramas e olhos azuis, talvez no refúgio de um velho tronco de azinheira, entre as raízes de um carvalho ou as fissuras de um complexo rochoso. Terá sido cuidada pela mãe, juntamente com os irmãos, até à idade de cinco a seis meses, quando o instinto leva a que se torne independente e solitária, como é característico da espécie.

Começa então a dispersar, a tentar estabelecer o seu próprio território. E começam agora os seus maiores desafios. A diminuição de habitat e a sua fragmentação (por exemplo, por construção de estradas que "quebram" a sua continuidade) tornam difícil esta tarefa. A *Castanha*, vendo-se obrigada a atravessar estradas, fica exposta ao risco de atropelamento, a principal causa de morte do gato-bravo na Europa.

Aliada a esta dificuldade, existe uma outra: encontrar alimento. O

Como se tudo isto não bastasse, a *Castanha* enfrenta mais um risco: a transmissão de doenças pelo gato doméstico

coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*), principal presa do gato-bravo em Portugal, enfrenta ele próprio obstáculos, como epidemias de doença hemorrágica vírica, que causam mortalidades elevadíssimas. As fotografias de Montesinho evidenciam coelhos-bravos, embora menos do que seria desejável e em zonas muito restritas. É provável que a *Castanha* tenha de recorrer a presas alternativas, principalmente pequenos roedores, para complementar a sua dieta.

Ao chegar à idade de reprodução, por volta dos 12 meses, inicia-se uma nova batalha: encontrar um par para acasalar. O que acontece então numa população, como a de Montesinho, em que o número de gatos-bravos é muito baixo? Os machos, que tendem a dispersar-se em busca de fêmeas, terão dificuldade em encontrá-las (a *Castanha* poderá esperar muito tempo por um macho que talvez nunca chegue). Como tal, irão expandir a sua área de procura. À medida que o fazem, aproximam-se de aldeias, casas, quintas e estábulos – ou seja, de locais onde existem gatos domésticos.

Dada a proximidade biológica entre as duas espécies, poderá então ocorrer o acasalamento entre gatos-bravos e domésticos, num processo denominado "hibridação". Os gatinhos resultantes (híbridos) sobrevivem e são capazes de se reproduzir, levando, por vezes, a situações de hibridação complexas.

É o caso da Escócia, onde também trabalho, desde 2019. Nesse ano, a população escocesa foi considerada não viável, sendo a espécie classificada localmente como "criticamente em perigo". O grau de hibridação era próximo de 100% – quase não existiam gatos-bravos no meio selvagem, apenas híbridos.

A hibridação a este nível causa uma "extinção silenciosa". À medida que se torna mais complexa, e sendo o gato doméstico em maior número, há uma diluição progressiva dos genes do gato-bravo, acabando por serem perdidos e levando assim à extinção da espécie.

Para tentar salvar o gato-bravo na Escócia, foi implementado um programa de reprodução em cativeiro para posterior libertação no meio selvagem (EU Life Saving Wildcats). A população de gato-bravo ibérica é a mais próxima, do ponto de vista genético, da escocesa. Assim, o nosso gato-bravo poderá ser crucial para a recuperação da espécie na Escócia.

O nível de hibridação na Península Ibérica é de 21%, o mais alto da Europa continental. Este valor sugere que a situação em Portugal (e Espanha) poderá estar a seguir o mesmo caminho que levou ao cenário crítico da Escócia.

A hibridação traz outros problemas, como a dificuldade acrescida de distinguir visualmente as duas espécies. Os gatos híbridos reúnem características de domésticos e bravos, a diferentes níveis, tornando a identificação ainda mais complexa e sendo necessário recorrer a testes genéticos.

Como se tudo isto não bastasse, a *Castanha* enfrenta mais um risco: a transmissão de doenças pelo gato doméstico. Por toda a Europa, foram já detectados vírus responsáveis por doenças graves em gatos domésticos, em populações selvagens de gato-bravo. Um deles, o vírus da leucemia felina, causa elevada mortalidade em gatos domésticos e provocou a morte de grande parte de uma população de lince-ibérico em 2006. Uma epidemia deste tipo, numa população vulnerável como a da *Castanha*, poderia ter resultados devastadores.

O principal foco do meu trabalho é tentar perceber a transmissão destas doenças entre o gato doméstico e o gato-bravo, e qual o seu impacto para a saúde e conservação do felino selvagem.

Nem tudo, porém, são más notícias para a *Castanha*. Enquanto ela se passeava em frente à minha câmara, em plena época de reprodução, outro gato-bravo passou por lá. Resta-nos esperar que tenha sido um macho e que, de um encontro entre ambos, tenham resultado dois a seis gatinhos-bravos. Se assim for, a *Castanha* irá criá-los e protegê-los até que, eles próprios, se tornem independentes e recomecem o ciclo de desafios vividos pela mãe.

A *Castanha* de Montesinho é apenas um dos gatos-bravos que enfrentam diversos riscos no nosso país. Em 2023, a espécie foi classificada como "em perigo" no Livro Vermelho dos Mamíferos. Em comparação, o estatuto do lince ibérico no Livro Vermelho da União Internacional para a Conservação da Natureza foi recentemente revisto e passou da categoria "em perigo" para "vulnerável", provando que a conservação da espécie está a dar frutos.

A população de gato-bravo está em declínio e podem existir menos de 100 indivíduos maturos, numa área total de ocupação inferior a 500 quilómetros quadrados. Em Montesinho, sabemos que a população é extremamente frágil, com uma densidade populacional criticamente baixa (menos de dez gatos-bravos por cem quilómetros quadrados, um dos valores mais baixos da Europa continental, a par de outros apenas na Península Ibérica).

Ainda assim, o Parque Natural de Montesinho é o refúgio de um dos últimos núcleos populacionais de gato-bravo do nosso país. Quanto a outras áreas de Portugal, não sabemos. Não sabemos quantas "*Castanhas*" nos restam, como ou onde vivem, qual o seu estado de saúde, como interagem entre si e com os gatos domésticos.

Hoje, dois anos após o meu estudo em Montesinho, não sei onde nem como está a *Castanha*. Limitações da ciência e do contexto socioeconómico não me permitiram continuar a monitorizar a população.

Grande parte do meu doutoramento tem sido dedicada a tentar obter financiamento para estudar o gato-bravo no nosso país e, dessa forma, orientar a sua conservação. Mas é uma batalha difícil e frustrante. O desconhecimento, a ausência de interesse e de um plano de conservação para a espécie são preocupantes.

Enquanto tutores de gatos domésticos, podemos ajudar a *Castanha* (e melhorar o bem-estar dos gatos de estimação e de rua) esterilizando e vacinando os nossos animais, de modo a diminuir a ocorrência de hibridação e transmissão de doenças.

Após o sucesso na conservação do lince-ibérico, está na hora de olharmos para o nosso felino mais pequeno. Em 2023, o lince atingiu uma população de 2021 animais, com 722 crias nascidas nesse ano. Adorava dizer-vos quantas crias de gato-bravo nasceram também, mas não posso, porque esses dados não existem. Espero vir a ler, no futuro, uma notícia tão positiva como a do lince relativamente ao gato-bravo. Mas, para isso, é necessário agir – e agora.

A *Castanha* não sabe que escrevo estas palavras sobre ela ou que a sua espécie enfrenta um risco real de extinção no nosso país. Cabe-nos saber por ela, aprender por ela, protegê-la a ela e a todas as outras "*Castanhas*". É essencial não permitirmos que a *Castanha* de Montesinho se torne apenas uma memória do nosso pequeno felino esquecido.

Beatriz Alves

Aluna do programa doutoral Biodiv — Biodiversidade, Genética e Evolução

Formei-me em Medicina Veterinária no ICBAS, Universidade do Porto, e tenho um mestrado em Medicina da Conservação pela

Universidade de Edimburgo. A paixão por felinos tem-me levado da clínica de gatos domésticos ao projecto de conservação do lince-ibérico. No meu doutoramento, estudo o gato-bravo europeu, particularmente na Escócia e na Península Ibérica. Adoro fotografia e passeios pela natureza.

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
Genética da Conservação e Gestão de Fauna Selvagem (CONGEN)

Mistérios por arquivar

Jóias e Cannes: meio minuto bastou para o "assalto do século"

Num cenário charmoso e cinematográfico, um roubo tão misterioso como nos filmes de Hitchcock

João Pedro Pincha Texto
José Alves Ilustração

Fazer o relato do crime talvez demore um pouco mais do que o crime em si. Às 11h31 de um domingo, 28 de Julho de 2013, um homem entrou numa sala do Hotel Carlton, em Cannes, armado apenas com uma pistola. Menos de 30 segundos depois desapareceu por uma janela, levando consigo 72 jóias no valor de 103 milhões de euros, e perdeu-se-lhe o rasto até hoje.

Numa terra de cinema, o mais cinematográfico dos assaltos. É verdade que lhe falta alguma espectacularidade de hollywoodesca, e até o charme de um Cary Grant a desfilar pela Croisette com Grace Kelly exibindo o seu colar de diamantes, mas há aqui suficiente matéria-prima para um policial razoável. Seria apenas preciso ficcionar um final feliz, porque neste momento não se vislumbra um real.

A exposição *Extraordinary Diamonds*, do joalheiro israelo-uzbeque Lev Leviev, decorria há uma semana numa sala do rés-do-chão do Carlton. Naquele dia, as jóias foram retiradas do cofre do hotel por volta das 11h30 e transportadas para o local em que seriam exibidas, mas uma parte não chegou a sair dos sacos. Como mais tarde mostraram as imagens de videovigilância reveladas pelo jornal regional *Nice-Matin*, o ladrão entrou na sala, fez com que os vigilantes se deitassem no chão, pegou numa mala e em dois tabuleiros com jóias e saiu calmamente. Tinha um boné na cabeça e a cara tapada.

Contas feitas, desapareceram 72 peças, 34 das quais consideradas excepcionais – pela sua perfeição – e a valer "vários milhões de dólares cada uma", afirmou na altura uma fonte judicial ao jornal *Sud Ouest*. Na lista de bens roubados estavam um anel de platina com um diamante de 55 quilates, um colar com 45 diamantes e 44 safiras, um anel com uma esmeralda de 30 quilates, um colar com 151 diamantes, um broche de diamantes... A imprensa francesa não teve dúvidas e chamou-lhe "o assalto do século" em Cannes – estatuto que ainda mantém.

O ano de 2013 foi particularmente profícuo para os ladrões de jóias da Riviera francesa. Durante o festival de cinema tinha já havido roubos de peças em dois hotéis luxuosos, o Novotel e o Hotel du Cap-Eden-Roc, mas ambos ficaram longe da dimensão e mediatismo alcançados no assalto do Carlton, também ele uns quantos furos acima – em história, em visibilidade, em charme – dos congéneres.

A porta por onde o assaltante entrou dá directamente para um terraço exterior. "Normalmente está trancada, deveria estar trancada naquele momento, mas ele conseguiu abri-la", constatou em 2013 uma fonte judicial à AFP. Teria sido alguém do próprio hotel, com conhecimento das rotinas da exposição, a realizar o assalto? Ou a passar essa informação a uma pessoa externa? Talvez um rival de Leviev? Ou terá sido o próprio Leviev a encenar o roubo para poder receber o dinheiro do seguro e colocar os mesmos diamantes, já retrabalhados, à venda mais tarde? Vários departamentos da polícia francesa e até o FBI exploraram diversas teorias ao longo dos anos.

Para incentivar possíveis informadores a aparecerem, a seguradora Lloyd's anunciou uma recompensa de um milhão de euros a quem ajudasse a recuperar as jóias. Apareceu quem dissesse que as peças estavam na América. Um detective privado americano ouvido em 2019 pela *Entertainment Weekly* afirmou ter sabido que o assalto fora obra do *gang* Panteras Cor-de-rosa, dos Balcãs, para onde os diamantes teriam sido levados.

A Lloyd's ressarciu Lev Leviev em cerca de 73 milhões de euros, mas depois recorreu ao Tribunal de Comércio de Cannes para que o Carlton, os organizadores da exposição e a empresa de segurança do hotel lhe pagassem a mesma quantia. A seguradora alegou, e todas as partes concordaram, que o dispositivo de segurança não era suficiente para o evento. "Não era difícil ter alguém cá fora a evitar que [o assalto] acontecesse", concluiu John Shaw, investigador contratado pela Lloyd's, em declarações à *Entertainment Weekly*. E acrescentou: "É um mistério como é que a porta para a sala estava destrancada e é pena que o hotel, à data, não soubesse de todas as chaves."

Em 2023, dez anos depois do assalto, o tribunal acabaria por dar em parte razão à Lloyd's, condenando o Carlton e a empresa de segurança a pagarem, cada um, 7,7 milhões de euros à seguradora.

O ladrão entrou na sala, fez com que os vigilantes se deitassem no chão, pegou numa mala e em dois tabuleiros com jóias e saiu calmamente. Tinha um boné na cabeça e a cara tapada

Mistérios por Arquivar é uma série de textos sobre crimes nunca resolvidos do P2 de Verão 2024. Porque os casos até podem estar arquivados, mas o mistério não prescreve.

Leituras

publico.pt/leituras

Sugestões

WIKICOMMONS IMAGES

Visitação melancólica

Manuel Teixeira-Gomes (1860-1941), romancista e novelista — autor de *Regressos*, agora reeditado pela Quetzal —, foi o sétimo Presidente da I República Portuguesa, cargo que exerceu entre Outubro de 1923 e Dezembro de 1925. Seis dias depois de renunciar ao cargo, embarcou no cargueiro holandês *Zeus*, que rumava a Oran, na Argélia. Nunca mais voltaria a Portugal.

Regressos é um livro de viagem, de muitas viagens, de saudades de lugares e de paisagens, de melancolia sentida no exílio voluntário. Originalmente publicado em 1935, obteve, à época, um extraordinário sucesso. Os primeiros textos (sobre Évora, Alcobaça e Sintra) — nota Francisco José Viegas na introdução— foram escritos em 1916 e 1917, quando Teixeira-Gomes era embaixador de Portugal em Londres (só voltaria a esses textos quase uma década depois de ter abandonado Portugal).

Foi em 1928, a viver nos arredores de Argel, que retomou o seu projecto memorialístico, começando a escrever os restantes textos; a maior parte deles na cidade de Bougie (onde viria a morrer), entre 1931 e 1932 — embora sejam sobre viagens feitas em anos anteriores a 1900. São exercícios de memória, composições de impressões retidas (a que juntou

Regressos
Autoria: Manuel Teixeira-Gomes (Editora: Quetzal; 222 págs.; 14,40€. Dia 8 nas livrarias)

apontamentos diarísticos, como no capítulo de uma viagem a Lisboa em 1895), são retratos "impressionistas, coloridos, temperamentais".

A escrita dessas recordações, parece ter ainda a finalidade de as "apagar", ou pelo menos torná-las menos dolorosas, como parece querer dizer no último parágrafo do capítulo dedicado a Lagos — onde a nostalgia aflora ao descrever o avistamento da cidade algarvia durante uma viagem, a caminho de Argel, em que o barco se aproxima da costa portuguesa: "Vindo de Ruão para Argel, em Setembro último [1932], no vapor *Ange Schiaffino*, amanheceu-nos no Cabo de São Vicente, e tão perto de terra firme o dobrámos que estivemos, por assim dizer, à fala com a gente do farol. Depois, rente com a rocha de Sagres, descobrimos toda a baía de Lagos, com os vultos multicores da Ponta da Piedade e o caiado casario da cidade. O dia estava deslumbrante e, enquanto tivemos à vista a costa do Algarve, não me largaram a lembrança da minha visita a Lagos e as horas luminosas que ali passara. Prometi a mim mesmo recordá-las escrevendo o que me ficara de memória, pois para saborear (e liquidar) recordações nada há como escrevê-las. Chegou hoje o ensejo e fi-lo com indizível prazer."

Refira-se ainda o informado prefácio de Urbano Tavares Rodrigues (escrito em 1991 para uma edição da Bertrand), ele que foi um dos maiores estudiosos da obra de Teixeira-Gomes.

José Riço Direitinho

A Consequência
Autoria: Yrsa Sigurdardóttir (Trad.: Maria José Figueiredo; Editora: Quetzal; 486 págs.; 20,90 €. Já nas livrarias)

A islandesa Yrsa Sigurdardóttir (n. 1963) é das mais conhecidas, e aclamadas, autoras do *"noir"* nórdico. Com vários *thrillers* publicados em Portugal, regressa agora com *A Consequência* — mais uma investigação protagonizada pela dupla Huldar, o investigador e a pedopsicóloga Freyja, que são agora amantes e tentam encobrir essa relação. Ambos são chamados a investigar o caso do cadáver de uma mulher sem cabeça que é encontrado num automóvel. Depressa fazem a ligação a um outro caso por resolver, ocorrido dez anos antes: o de um bebé que foi levado do seu berço e cujo cobertor, em que teria sido embrulhado, é trazido pelo mar até à praia (a mãe, primeira suspeita, é encontrada morta).

Por Enquanto, o Povo Unido ainda Não Foi Vencido
Autoria: Manuel Vázquez Montalbán (Trad.: Rita Luís; Editora: Tinta-da-China; 174 págs.; 16,90€. Já nas livrarias)

O catalão Manuel Vázquez Montalbán (1939-2003) — uma das figuras mais importantes das letras de Espanha — foi também, durante décadas, jornalista e cronista em inúmeras publicações. Neste livro, reúnem-se 55 crónicas inéditas em português, escritas entre 1974 e 1975, que tiveram como tema a revolução de Abril — um dos assuntos que à época se tornaram caros a inúmeros jornalistas espanhóis, num tempo em que, com Franco octogenário e o regime a definhar, a Espanha se aproximava de um fim de ciclo político. As crónicas foram seleccionadas por Rita Luís, investigadora do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa.

A Única Coisa Que Precisa de Saber
Autoria: Marcus Chown (Trad.: Miguel Monteiro; Editora: Novais; 266 págs.; 18,45€. Já nas livrarias)

Marcus Chown é consultor de cosmologia da revista *New Scientist* e trabalhou como astrónomo no Instituto de Tecnologia da Califórnia, em Pasadena. Em pouco mais de vinte capítulos, Chown explica, de maneira simples e acessível, algumas das mais importantes ideias científicas do nosso tempo. O livro apresenta-nos factos surpreendentes da história científica e de personalidades extraordinárias que estiveram no centro das descobertas mais relevantes sobre o funcionamento do Universo. Das leis da gravidade aos buracos negros, das marés ao aquecimento global, a teoria da relatividade especial de Einstein e a teoria quântica, ajuda-nos a entender as coisas mais importantes na ciência.

O Livro das Despedidas
Autoria: Velibor Čolić (Trad.: António Gonçalves; Editora: Gradiva; 174 págs.; 15,50€. Já nas livrarias)

"Chamo-me Velibor Čolić, sou refugiado político e escritor. (...) A minha fronteira é a língua; o meu exílio é o meu sotaque", lê-se no primeiro parágrafo deste brilhante romance, originalmente escrito em francês (Gallimard). Inspirando-se no seu próprio exílio, Velibor Čolić (nascido na Bósnia em 1964) — que fugiu da guerra na antiga Jugoslávia — descreve na primeira pessoa a condição de desenraizado dos imigrantes e a peregrinação desesperada dos que nunca encontrarão verdadeiramente a sua casa. É um livro que surpreende pela sua liberdade narrativa, pelo que oferece de improvisação a cada fragmento sobre momentos significativos da vida de um refugiado em vias de se tornar escritor.

Perto do Abismo
Autoria: Jørn Lier Horst & Thomas Enger (Trad.: João Carlos Alvim; Editora: D. Quixote; 390 págs.; 20,90€. Já nas livrarias)

Os noruegueses Jørn Lier Horst e Thomas Enger são dois dos mais reconhecidos autores de policiais escandinavos. *Perto do Abismo* é o terceiro livro da série Blix & Ramm — os outros dois são *Ponto Zero* e *Cortina de Fumo*. Uma detective, Sofia Kovic, investiga um caso por conta própria. Entretanto, percebe que há uma ligação entre vários casos de homicídio ocorridos em Oslo, alguns já arquivados. Tenta ligar ao seu superior directo, Alexander Blix, para contar o que descobriu, mas antes que este lhe ligue de volta, Kovic é morta na sua própria casa; no apartamento de baixo, a filha de Blix, escapa por pouco ao destino de se tornar a próxima vítima. Conseguirá Blix evitar o assassinato da própria filha?

P2 Verão

Cinema

Oh Lá Lá!

Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Patti Smith, Poeta do Rock M12. 20h10; **Onde Está o Pessoa?** M12. 13h35; **A Última Sessão de Freud** M12. 15h15, 21h40; **A Ama de Cabo Verde** M12. 13h30; **Divertida-Mente 2** 13h25, 15h40, 17h55 (VP), 19h45 (VO); **Memória** M14. 17h25; **Podia Ter Esperado por Agosto** 17h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h, 21h45; **Crossing - A Travessia** M14. 19h30; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 17h50, 21h25; **Oh Lá Lá!** M12. 15h55, 21h30; **Yupumá** M12. 19h55; **A Sereia da Noite** M14. 13h45
Cinema City Campo Pequeno
Centro de Lazer. T. 214221030
A Última Sessão de Freud M12. 13h10, 17h40; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h35, 15h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h50, 15h15, 16h10, 17h30, 18h30, 19h45, 21h45 (VP), 13h10, 17h15, 19h25, 21h35 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h25; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h15, 15h20, 16h, 17h45, 18h40, 19h10, 21h30, 21h50; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h15, 15h50 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 13h45, 15h10, 17h50, 19h40, 21h40; **Armadilha** M12. 13h30, 15h35, 19h50, 21h55;
Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
One From The Heart - Do Fundo do Coração M12. 19h15; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 15h15, 17h15, 21h
Cinemas Nos Alvaláxia
R. Francisco Stromp. T. 16996
Gru 4 M6. 13h40, 16h10, 18h45 (VP), 21h15 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h20; **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 16h, 18h30 (VP/2D), 13h50, 16h30 (VP/3D), 14h10, 16h40, 19h20, 21h40 (VO/2D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h10, 15h50, 18h50, 21h25; **Tornados** M12. 13h25, 16h05, 18h40; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 14h, 17h10, 21h; **O Coleccionador de Almas** M16. 14h30, 16h50, 19h10, 21h35; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h20, 15h30 (VP); **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 20h50; **Oh Lá Lá!** M12. 13h35, 15h55, 18h20, 20h40; **Armadilha** 13h15, 15h40, 18h10, 21h30; **Pacto de Redenção** M12. 15h45, 18h25; **Geração Low-cost** M14. 21h10; **A Sereia da Noite** M14. 18h, 20h45; **Deadpool & Wolverine** M12. 19h, 21h50 (3D)
Cinemas Nos Amoreiras
C.C. Amoreiras. T. 16996
A Última Sessão de Freud M12. 20h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h15, 18h40 (VP), 21h10 (VO); **Divertida-Mente 2** M6. 13h25, 15h50, 18h20 (VP), 19h, 21h20 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h40, 16h25, 19h10, 21h50; **Completamente Passado!** 13h50, 16h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h10, 16h10, 18h55, 21h40; **Crossing - A Travessia** M14. 13h20, 15h50; **Oh Lá Lá!** M12. 13h10, 15h20, 17h30, 20h30; **Mais Que Nunca** M14. 18h10, 20h50
Cinemas Nos Colombo
Edifício Colombo, loja A203. Av. Lusíada.
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h20, 16h10, 18h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 14h30, 15h45, 17h30, 18h15, 20h (VP/2D), 13h40, 16h30 (VP/3D), 19h10, 21h, 23h30 (VO/2D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h30, 16h, 18h40, 21h10, 24h; **Tornados** M12. 22h30; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 14h, 17h, 20h40, 23h45; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h50, 00h20; **Oh Lá Lá!** M12. 12h50, 15h15, 17h45, 20h20; **Armadilha** M12. 13h50, 16h20, 19h, 21h40, 00h10; **Pacto de Redenção** M12. 21h20, 00h05; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Imax - 12h20, 15h30, 18h30, 21h30, 00h25
Cinemas Nos Vasco da Gama
C.C. Vasco da Gama, Parque das Nações.
Um Lugar Silencioso: Dia Um M14. 18h45, 21h10; **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h20, 13h40, 15h50, 16h20, 18h30 (VP), 21h, 23h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h15, 15h55, 18h40, 21h20; **Tornados** M12. 13h25, 16h15, 19h, 21h45; **Armadilha** M12. 13h05, 15h45, 18h25, 21h05, 23h50; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 13h10, 16h10, 19h05, 22h, 23h40
Medeia Nimas
Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223
Mais Que Nunca M14. 19h; **Uma Lição de Amor** 17h; **O Olho do Diabo** 21h30; **Histórias de Bondade** 14h
UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
Underground - Era Uma Vez um País... M14. 18h20, 21h45; **Patti Smith, Poeta do Rock** M12. 14h20, 19h20; **A Última Sessão de Freud** M12. 13h40, 16h20, 18h55, 21h35; **Gru 4** 13h25, 15h45 (VP); **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 13h15, 21h25; **Divertida-Mente 2** M6. 13h35, 14h10, 16h05, 16h40, 19h10 (VP), 21h40 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 16h, 21h10; **Memória** M14. 16h50, 19h10; **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h05, 16h35, 19h05, 21h40; **Tornados** M12. 18h45, 21h35; **Clube Zero** 13h30, 18h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 13h55, 16h10, 16h45, 19h, 21h20, 21h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h55, 16h25, 21h20; **O Coleccionador de Almas** M16. 13h30, 16h55, 19h25, 22h; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 13h50, 16h25, 19h15, 21h55; **Oh Lá Lá!** M12. 14h15, 16h30, 19h, 21h30; **Armadilha** M12. 14h, 16h30, 19h05, 21h30; **Mais Que Nunca** M14. 15h55, 21h15

Estreias

Geração Low-cost
De Emmanuel Marre, Julie Lecoustre. BEL/FRA. 2021. 115m. Drama, Comédia. M14.
Uma comissária de bordo de uma companhia aérea "low cost" vai vivendo sem grande entusiasmo, evitando criar ligações profundas com aqueles que a rodeiam. Está, na realidade, a lidar com a morte da mãe num trágico acidente de viação.

Crossing - A Travessia
De Levan Akin. Com Mzia Arabuli, Lucas Kankava. SUE/DIN/FRA/Turquia/Geórgia. 2024. 106m. Drama. M14.
Lia, uma professora reformada, viaja da Geórgia até Istambul, na Turquia, em busca da sobrinha. Lá, mergulha no submundo da cidade e trava conhecimento com uma advogada que luta pelos direitos de pessoas trans.

Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você
De Roberto de Oliveira. BRA. 2022. 100m. Documentário, Musical. M12.
No início de 1974, Elis Regina e António Carlos Jobim, ou Tom Jobim, juntaram-se nos MGM Studios em Los Angeles, na Califórnia, para gravar "Elis & Tom", um marco da MPB com dois dos seus grandes nomes.

A Sereia da Noite
De Tereza Nvotová. Com Natalia Germani. Eslováquia/República Checa. 2022. 106m. Terror. M14.
Agora adulta, Šarlota volta à aldeia de montanha onde nasceu e onde deixou segredos terríveis. Vai viver para uma cabana onde, dizem os habitantes locais, já morou uma bruxa.

Armadilha
De M. Night Shyamalan. GB/EUA/Iémen. 2024. 105m. Terror, Thriller. M12.
Um pai leva a filha a um megaconcerto de uma estrela pop. Só que, na realidade, ele é um assassino em série e todo o concerto é uma operação policial para o tentar apanhar.

Mais Que Nunca
De Emily Atef. ALE/LUX/NOR/FRA. 2022. 123m. Drama. M14.
Um diagnóstico de uma doença rara de pulmões muda a vida de uma mulher de 33 anos que decide sair de Bordéus, deixar o marido para trás e ir para a Noruega procurar um "blogger".

Oh Lá Lá!
De Julien Hervé. Com Christian Clavier. FRA/BEL. 2024. 92m. Comédia. M12.
Uma família aristocrata e uma família mais modesta vão juntar-se através do casamento dos filhos. Decidem fazer testes de ADN e descobrem coisas inesperadas sobre o passado.

Pacto de Redenção
De Michael Keaton. EUA. 2023. 114m. Thriller. M12.
Protagonizado e realizado por Michael Keaton na segunda vez que está atrás das câmaras de um filme, um "thriller" de crime cheio de reviravoltas e drama.

A Abelha Maia e o Ovo Dourado
De Noel Cleary. ALE/Austrália. 2021. 88m. Animação. M6.
A Abelha Maia, o célebre insecto criado para a literatura por Waldemar Bonsels em 1912, que foi alvo de várias adaptações, incluindo um "anime" dos anos 1970, está de volta.

As estrelas

P	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Cidade Portuária	—	★★★☆☆	★★★☆☆
O Colecionador de Almas	★★☆☆☆	—	—
Deadpool & Wolverine	—	★☆☆☆☆	—
Um Domingo Interminável	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
Geração Low Cost	—	★★★☆☆	★★★★☆
Mais que Nunca	—	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
Memória	★★☆☆☆	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
A Minha Avó Trelotótó	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Podia Ter Esperado por Agosto	—	●	●
Tornados	★★☆☆☆	●	★☆☆☆☆
A Travessia	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆
A Sede	—	★★★★☆	★★★★☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Amadora

Cinema City Alegro Alfragide
C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030
A Última Sessão de Freud M12. 15h25, 21h20; **Gru 4** M6. 15h40, 17h45 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 22h10; **Divertida-Mente 2** M6. 15h15, 17h30, 15h55, 18h30, 19h45, 21h40 (VP), 15h40, 17h55, 19h55, 22h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 19h20, 21h35; **Tornados** M12. 19h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h30, 17h35, 18h40, 19h10, 21h30, 21h50; **O Coleccionador de Almas** M16. 15h15, 21h45; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 15h45, 17h50 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 15h50, 17h20, 21h55; **Armadilha** 15h20, 17h25, 19h30, 21h35;
UCI Cinemas - Ubbo
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h35, 16h, 18h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h55, 14h10, 16h20, 16h50, 18h40, 19h15, 21h15 (VP), 21h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h40, 18h55; **Tornados** M12. 16h25, 21h25; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 13h50, 15h50, 16h10, 16h45, 18h45, 19h, 21h10, 21h50; **O Coleccionador de Almas** 13h45, 19h05, 21h35; **Oh Lá Lá!** M12. 14h15, 16h35, 21h30; **Armadilha** M12. 13h25, 16h15, 18h50, 21h20, 21h45

Cascais

Cinemas Nos CascaiShopping
Bad Boys 21h50; **Gru 4** 12h30, 15h, 17h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 16h30, 19h (VP), 18h, 20h20, 22h45 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h50, 15h50, 18h45, 21h40; **Tornados** M12. 12h45, 15h20; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h30; **O Coleccionador de Almas** M16. 20h10, 22h35; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h15, 19h15, 22h; **Armadilha** M12. 14h15, 17h15, 21h; **Deadpool & Wolverine** Sala Imax - 14h, 17h, 20h, 23h

Sintra

Castello Lopes - Alegro Sintra
Gru 4 14h40, 16h55 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h20, 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP), 17h20, 19h25, 21h30 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 14h55, 19h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 15h35, 16h10, 18h10, 18h45, 20h50, 21h20; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h35; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 13h10, 15h15 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30; **Armadilha** M12. 17h20, 19h30, 21h40;

Loures

Cineplace - Loures Shopping
Quinta do Infantado, Loja A003.
Gru - O Maldisposto 4 M6. 12h30, 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 12h20, 13h, 14h20, 15h, 16h30, 17h10, 19h20, 21h30 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h40, 16h20, 19h, 21h40; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** 13h30, 15h30, 17h30, 19h30 (VP); **Oh Lá Lá!** 18h40, 21h20; **Armadilha** 14h30, 16h50, 19h10, 21h30;

Odivelas

Cinemas Nos Odivelas Strada
Gru 4 13h50, 16h20, 18h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 13h40, 15h30, 18h (VP), 16h40, 20h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h40, 15h15, 18h, 21h; **Tornados** M12. 21h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h50, 15h40, 18h30, 21h20 ; **Oh Lá Lá!** M12. 19h20, 21h50

Oeiras

Cinemas Nos Oeiras Parque
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h15, 15h35, 18h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 14h, 16h45, 19h45 (VP/2D), 14h30, 17h (VP/3D); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h30, 15h15, 18h05, 20h45; **Tornados** M12. 22h15; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h, 16h, 19h, 20h, 22h, 22h45 (2D), 20h, 22h45 (3D); **Oh Lá Lá!** M12. 12h45, 15h, 17h15, 19h30, 21h45; **Mais Que Nunca** M14. 20h, 22h45

Torres Novas

Castello Lopes - TorreShopping
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h10 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45 (VP), 21h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 16h, 18h30, 21h45; **Podia Ter Esperado por Agosto** 19h20; **Tornados** M12. 12h50; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 16h10, 18h45, 21h20; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h40, 15h40, 18h40, 21h, 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 13h, 15h30, 18h, 20h50; **Oh Lá Lá!** M12. 15h20, 17h20, 21h40

Lazer

MÚSICA

The Selva
LISBOA Fundação Calouste Gulbenkian (Anfiteatro). Dia 6/8, às 21h30. M/6. 10€
Ricardo Jacinto (violoncelo e electrónica), Gonçalo Almeida (contrabaixo e electrónica) e Nuno Morão (bateria e percussão), que em 2023 lançaram o álbum *Camarão-Girafa*, soltam a sua "música de câmara em total liberdade e de potencial hipnótico". A descrição vem no programa da 40.ª edição do festival Jazz em Agosto, que acolhe o trio hoje à noite e que continua até 11 de Agosto com nomes como Darius Jones, Peter Evans ou Fire! Orchestra (cartaz detalhado em gulbenkian.pt/jazzemagosto).

EXPOSIÇÕES

O Fio do Tempo
SETÚBAL Galeria Municipal do 11. De 3/8 a 28/9. Terça a sábado, das 11h às 13h e das 14h às 18h. Grátis.
Alves Dias (n. 1952, Vila de Rei), que trabalha com pintura e arte têxtil contemporânea, apresenta trabalhos produzidos ao longo de mais de 40 anos, em que esta última vertente está presente. O artista "recorre às técnicas da tapeçaria tradicional, mas também opera rupturas contemporâneas pela aplicação de materiais invulgares", explica a nota de imprensa.

Amândio Silva — Um Pintor a Reencontrar
VILA FRANCA DE XIRA Museu do Neo-Realismo. De 2/12 a 20/10. Terça a sexta e domingo, das 10h às 18h; sábado, das 10h às 19h. Grátis
No ano do centenário do nascimento de Amândio José da Silva (1923-2000), o museu recebe a primeira grande exposição antológica dedicada ao pintor portuense. Comissariada por Paula Loura Batista e David Santos, põe em destaque a sua produção artística entre 1940 e 1960, em particular os trabalhos enquadrados na "cultura visual neorrealista". Entre pintura, gravura, desenho, cerâmica e tapeçaria, estão reunidas mais de cem obras, pertencentes a colecções privadas e institucionais, e distribuídas por sete núcleos: *Douro*, *Porto*, *Paisagem*, *Quotidiano*, *Retrato*, *Infância* e *Edições*.

Jogos

Jogue também *online*. Palavras cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

EuroDreams

1.º Prémio 20.000€/mês x 30 anos

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Lotaria Clássica

1.º Prémio 1.200.000€

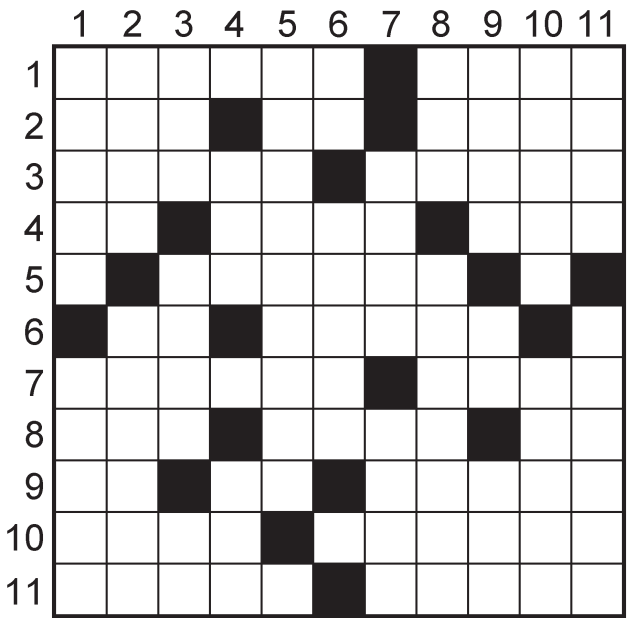
Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.514

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1 - Abriram a semana com perdas acentuadas e receiam recessão económica global. Alguma coisa. **2** - Eu te saúdo! (interj.). Um dos ditongos da língua portuguesa. Ementa. **3** - Flutuar. Palidez. **4** - Doutor (abrev.). Adição. Sufixo (abundância). **5** - Sheikh (...), era primeira-ministra do Bangladesh desde 2009, mas demitiu-se e fugiu do país. **6** - Terceira nota musical. Porção do tubo digestivo de numerosos animais onde os alimentos são triturados. **7** - Cada um dos dois paus da canga entre os quais o boi mete o pescoço. Migalha. **8** - Argola. Madrigueira. Símbolo de hectolitro. **9** - No caso de. Interjeição (espanto). (...) Nych, ciclista russo que venceu a 85.ª edição da Volta a Portugal. **10** - Tombar. Rede grande para a pesca da sardinha. **11** - "É melhor não mexer o (...), nem que cheire a esturro". Atordoar.

VERTICAIS: 1 - Grupo musical. Revestimento externo. **2** - Aclamar. Governar (o navio). **3** - Díodo emissor de luz. Canto laudatório. Dirigir-se. **4** - Pega. Prefixo (montanha). **5** - Despediram-se dos palcos por lesão vocal de Steven Tyler. **6** - Sétima nota musical. Recheio. **7** - Avaria. Fisionomia. **8** - Aia. Central Nuclear de (...), está a cerca de 100 quilómetros de distância da fronteira portuguesa. **9** - Vaidoso (regional). Suspiro. Solteirão (fig.). **10** - Conhecimento. Cadeia (regional). **11** - Riqueza. Do comprimento de um palmo.

Solução do problema anterior
HORIZONTAIS: 1 - Novak. Trago. **2** - Álibi. Reter. **3** - Cá. Annalena. **4** - Gaveta. **5** - Rara. Isola. **6** - Férias. **7** - Bi. RGB. Beca. **8** - Empancar. El. **9** - Iso. Pilar. **10** - EUA. Tratado. **11** - Lerdo. Varoa.
VERTICAIS: 1 - Nácar. Bedel. **2** - Olá. Afim. UE. **3** - Vi. Pré. Piar. **4** - Aba. Arras. **5** - King. Ignoto. **6** - Na. Abc. **7** - Travis. APAV. **8** - Reles. Brita. **9** - Atetose. Lar. **10** - Genal. Ceado. **11** - Ora. Abalroa.

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Sul
Vul: EO

Oeste	Norte	Este	Sul
			1ST
passo	3ST	Todos passam	

Leilão: Qualquer forma de Bridge.

Carteio: Saída: 4♥. Qual a melhor linha de jogo?

Solução: Temos seis vazas à cabeça e podemos ter quatro vazas adicionais a ouros ou três a espadas via uma passagem que venha a resultar. A saída a copas deixa-nos sem mais defesas no naipe depois de desalojado o Ás, por isso existe o perigo de vir a perder pelo menos três vazas a copas, o Ás de ouros e o Rei de espadas. Se soubermos que as copas estão 4-4, será seguro jogar pelos ouros, porque perderemos apenas três copas e o Ás de ouros, as restantes vazas serão nossas. Mas, se as copas estiverem divididas 5-3 (ou 6-2), então a melhor maneira de jogar será apostar na passagem ao Rei de espadas, a única forma de evitar perder a mão.
Então como decidir que linha de jogo a adoptar?
Assumindo que o 4 de copas é uma quarta, o que podemos sempre perguntar aos adversários sobre os seus métodos de sinalização e de saídas, podemos deduzir por estarmos a ver o 2 e o 3, que o 4 é a carta mais pequena de Oeste e por isso deverá ter exactamente quatro cartas, portanto só iremos perder três vazas a copas e a linha melhor é jogar sobre os ouros. Se os defensores explicarem que usam métodos diferentes, que permitam perceber que Oeste tem cinco cartas a copas, então é sobre as espadas que é necessário jogar: Ás de copas, 5 de paus para o Rei do morto e a Dama de espadas que deixamos correr.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♦
passo	1ST	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠AJ96 ♥AQ5 ♦KQ1084 ♣2

Resposta: Esta mão merece um esforço de partida, mas sem a impor. Os bicolores caros (2♥ e 2♠) mostram um curto no outro rico após a resposta de 1ST; a boa voz é 2ST para mostrar o curto no outro pobre. O problema saberá avaliar qual o contrato final.

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.792 (Fácil)

			2		3		5	
5				4				
			1	6				
7			5	2	4	9		8
	8	4	3		7	5	6	
2		3	6	8	9			4
				9	2			
				3				9
	6		4		1			

Solução 12.790

8	2	6	1	4	7	9	5	3
9	1	4	3	8	5	2	6	7
7	5	3	9	2	6	8	4	1
1	3	8	6	5	4	7	9	2
6	4	7	2	1	9	3	8	5
2	9	5	8	7	3	4	1	6
4	8	1	5	3	2	6	7	9
5	6	2	7	9	8	1	3	4
3	7	9	4	6	1	5	2	8

Problema 12.793 (Difícil)

		7	2	1				
	1		9					
	5						8	
6					4			8
9		4				2		5
5			1					3
	4						5	
					8		6	
				2	9	3		

Solução 12.791

7	9	2	5	8	4	1	6	3
5	1	6	3	9	7	8	2	4
4	3	8	1	2	6	9	7	5
6	7	3	2	4	1	5	8	9
9	2	4	8	5	3	6	1	7
8	5	1	6	7	9	4	3	2
3	4	5	7	6	8	2	9	1
2	6	7	9	1	5	3	4	8
1	8	9	4	3	2	7	5	6

P2 Verão

CINEMA

Serpico
TVCine Action, 15h15
Em 1967, Frank Serpico, um agente à paisana da polícia de Nova Iorque, denunciou a corrupção generalizada no seio dessa força de autoridade. Nada aconteceu. Passados três anos, ajudou em muito um artigo de capa do *The New York Times* que divulgava essa corrupção. Já em 1973, tornou-se o alvo deste filme de Sidney Lumet, um dos grandes cronistas em filme de Nova Iorque. Al Pacino é o protagonista – uma interpretação nomeada para um Óscar – que, contra tudo e todos, e sob a desconfiança e desprezo dos colegas, tentou mudar a situação da corrupção. O filme foi também nomeado pela Academia para melhor argumento adaptado, a cargo de Waldo Salt e Norman Wexler, e fez do Serpico da vida real, hoje reformado, uma pessoa mediática.

Imparável
Hollywood, 19h50
Frank (Denzel Washington) é um engenheiro veterano de uma companhia ferroviária que, depois de 28 anos em serviço, está a pouco tempo de ser dispensado. Will (Chris Pine) é um maquinista recém-contratado, pouco motivado com o trabalho, mas com noção do seu dever. Dois homens que, apesar de estarem em momentos opostos das suas vidas, terão os seus destinos cruzados quando um comboio de carga cheio de combustível e gás venenoso se dirige, desgovernado, a uma cidade de 100 mil habitantes, vaporizando tudo pelo caminho. Os dois terão assim de pôr de lado as suas diferenças e, em contra-relógio, arriscar tudo para evitar a catástrofe. Com realização de Tony Scott e argumento de Mark Bomback, é baseado em factos verídicos ocorridos em 2001, no Ohio, EUA.

ENTRETENIMENTO

Taskmaster
RTP1, 22h45
A RTP repõe a terceira temporada do concurso *Taskmaster*, a adaptação do formato original britânico criado por Alex Horne em 2010 em que tarefas absurdas proporcionam gargalhadas. Encabeçado pelo “Taskmaster” Vasco Palmeirim com o ajudante Nuno Markl, os concorrentes desta época eram Gabriela Barros, Wandson Lisboa, Madalena Abecasis e Cândido Costa. O convidado deste primeiro episódio que agora volta a passar foi António Raminhos.

Televisão

Os mais vistos da TV
Domingo, 4

		%	Aud.	Share
Dilema	TVI		8,0	21,0
Parece Impossível!	SIC		7,9	17,5
Dilema	TVI		7,6	16,9
Parece Impossível!	SIC		7,4	17,8
Jornal da Noite	SIC		6,9	16,0

FONTE: CAEM

RTP1	8,3%
RTP2	5,3
SIC	13,4
TVI	13,5
Cabo	38,8

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.22** Escrava Mãe

15.26 A Nossa Tarde

17.30 Portugal em Directo

19.08 O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 Salto de Fé

21.40 Joker

22.43 Taskmaster

0.39 S.W.A.T.: Força de Intervenção

2.02 Terra Europa **2.25** Escrava Mãe

RTP2

5.59 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África **7.00** A Fé dos Homens **7.33** Espaço Zig Zag **9.00** Jogos Olímpicos de Verão — Paris (Atletismo) **9.20** Jogos Olímpicos de Verão — Paris (Equestre) **10.30** Jogos Olímpicos de Verão — Paris (Canoagem) **14.00** Jogos Olímpicos de Verão — Paris (Saltos Para a Água) **16.00** Jogos Olímpicos de Verão — Paris (Basquetebol 3x3) **17.00** Jogos Olímpicos de Verão — Paris (Vólei de Praia) **18.00** Jogos Olímpicos de Verão — Paris (Atletismo) **21.00** Jogos Olímpicos de Verão — Paris (Vela) **21.15** Jogos Olímpicos de Verão — Paris **21.30** Jornal 2

22.01 O Veterinário de Província

22.49 Folha de Sala **22.58** O Mistério de Lucie: Espiões Contra o Nazismo **23.51** Ferro Velho e Antiguidades **0.40** Sangue em Viena **1.27** Excursões Air Lino **2.12** Prova Oral **3.32** Folha de Sala **3.38** Luís de Matos — Impossível **4.42** Raízes e Frutos **5.29** Nada Será comoDante

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.35** Querida Filha **16.00** Linha Aberta **16.45** Júlia **18.50** Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

21.55 A Promessa

22.45 Senhora do Mar

0.00 Nazaré

0.40 Papel Principal — A Vingança

0.55 Travessia **1.40** Passadeira Vermelha **3.05** Terra Brava

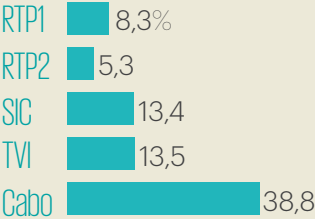
TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI — Em Cima da Hora **14.30** A Sentença **15.30** A Herdeira **16.30** Goucha **17.45** Dilema **19.57** Jornal Nacional **21.15** Dilema

21.55 Cacau

22.40 Festa É Festa

23.50 Dilema

1.55 Autores **2.45** O Beijo do Escorpião **3.05** Deixa que te Leve

TVCINE TOP

18.20 Shrapnel **19.50** 57 Segundos **21.30** O Sacramento do Diabo **23.00** Big Driver **0.25** Moneyball — Jogada de Risco **2.35** Uma Turma Muito Especial

STAR MOVIES

17.56 Beirute, Zona de Alto Risco **19.41** Desaparecido em Combate 2 **21.15** Um Ninja Americano **22.49** Inferno Vermelho **0.39** Força Delta 2 — Operação Estrangulamento **2.24** Van Damme Implacável

HOLLYWOOD

16.55 The Postman — O Mensageiro **19.50** Imparável **21.30** Ouro (2016) **23.30** Máquina Zero 2: Cenário de Fogo **1.20** Blade

AXN

16.31 S.W.A.T.: Força de Intervenção **18.04** The Rookie **21.10** Hudson & Rex **22.55** Exodus: Deuses e Reis **1.35** Hudson & Rex

STAR CHANNEL

17.20 Investigação Criminal: Los Angeles **18.58** Magnum P.I. **20.35** Hawai Força Especial **22.15** Tracker **23.01** Chicago P.D. **0.45** Magnum P.I.

DISNEY CHANNEL

17.15 Gravity Falls **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande **20.50** Miraculous — As Aventuras de Ladybug

DISCOVERY

17.22 The Aquarium **19.11** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** Monster Mako: Sangue Fresco **21.57** Tubarões Alienígenas: Estranhos Mundos Novos **22.54** Air Jaws: A Última Fronteira **23.51** Clube de Combate dos Tubarões-Brancos

HISTÓRIA

16.39 Mistérios no Gelo **18.47** Mistérios na Selva **20.11** Os Maiores Mistérios da História **22.15** A Bola de Fogo de Tutankhamon **23.07** O Segredo do Disco de Phaistos

ODISSEIA

17.06 Víboras na Península Ibérica **17.57** O Universo **20.11** Clima Extremo Viral **21.40** Clima Letal **1.01** Clima Extremo Viral

SÉRIES

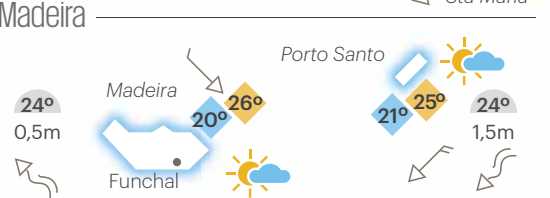
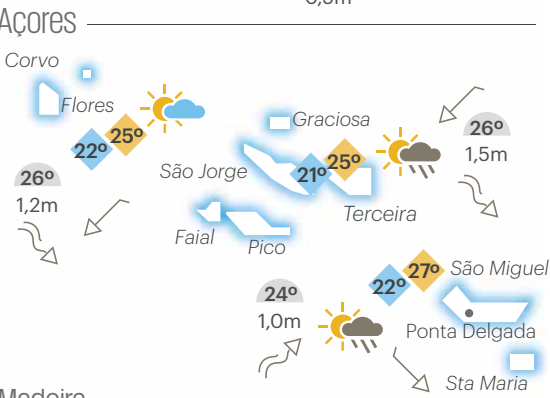
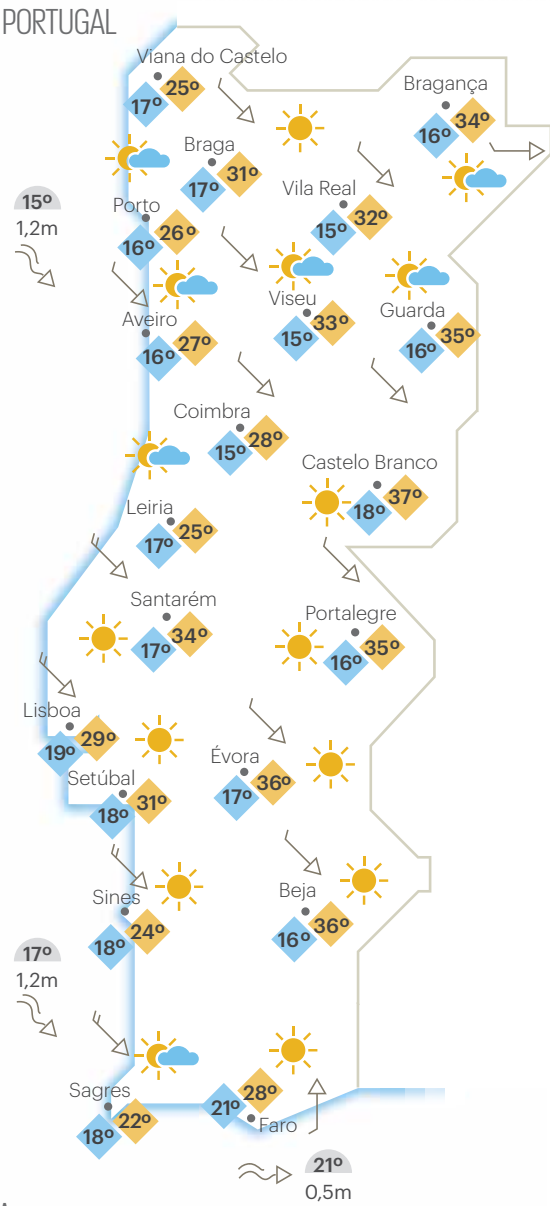
Lei e Ordem
Star Life, 22h20
Estreia da 22.ª temporada. Há um novo detective na polícia de Nova Iorque. Após a saída do elenco de Anthony Anderson, o detective júnior Jalen Shaw (Mehcad Brooks) junta-se à equipa que investiga homicídios nesta série que arrancou em 1990. Esta época arranca com a continuação dos dois últimos episódios da anterior, à volta da tentativa de condenação do criminoso Maxim “Mark” Sirenko, que matou uma adolescente de 15 anos, entre muitos outros crimes, incluindo pôr bombas.

O Veterinário de Província
RTP2, 22h01
Volta à antena da RTP2 esta minissérie de sete episódios baseada nos livros de James Herriot, por sua vez inspirados na própria vida do autor, que foi veterinário sob o nome Alf Wight. um veterinário acabado de se formar em Glasgow que ruma à área de Yorkshire Dales, no Norte de Inglaterra, para começar a carreira entre os animais dos agricultores locais.

Yellow
TVCine Edition, 22h10
Estreia. Esta minissérie meio cómica, meio dramática de seis episódios centra-se em duas fugitivas da justiça que roubam um táxi no México. Só que, não sabendo guiar um carro sem mudanças automáticas, têm de raptar também o taxista para ser motorista delas. Para complicar tudo, o taxista é um ex-piloto de Fórmula 1 com tendências suicidas. É aí que estabelecem um pacto: se ele as ajudar a chegarem à fronteira, elas matam-no. Uma criação de Sofía Auza, também responsável em parte pela realização, com Eréndira Ibarra e Tessa Ía.

DOCUMENTÁRIOS

O Mistério de Lucie: Espiões Contra o Nazismo
RTP2, 22h58
Neste documentário do ano passado assinado por Eric Michel e Jacques Mathey conta-se a história de uma rede de espionagem que operava na supostamente neutra Suíça durante a Segunda Grande Guerra e terá sido fundamental para ganhar a guerra. Sandor Rado, um comunista judeu, recebia informações confidenciais de um cristão alemão antinazi, Rudolf Roessler. Cruzava-as com as de George Blun, um jornalista alsaciano.

Meteorologia

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar — *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Baixa-mar 10h54	0,8	Baixa-mar 10h26	0,9	Baixa-mar 10h23	0,8
Preia-mar 17h10	3,4	Preia-mar 16h45	3,4	Preia-mar 16h53	3,3
Baixa-mar 23h24	0,7	Baixa-mar 22h26	0,8	Baixa-mar 22h51	0,7
Preia-mar 05h30*	3,1	Preia-mar 05h05*	3,1	Preia-mar 05h07*	3,0

TEMPERATURAS ºC

	Min.	Máx.
Amesterdão	18	28
Atenas	24	33
Berlim	15	26
Bruxelas	16	28
Bucareste	16	27
Budapeste	16	29
Copenhaga	16	23
Dublin	12	20
Estocolmo	16	25
Frankfurt	18	29
Genebra	16	32
Istambul	21	32
Kiev	17	27
Londres	14	23
Madrid	22	38
Milão	23	34
Moscovo	16	23
Oslo	15	24
Paris	17	30
Praga	13	25

	Min.	Máx.
Roma	21	35
Viena	15	27
Bissau	26	29
Buenos Aires	9	18
Cairo	26	38
Caracas	20	28
Cid. do Cabo	10	17
Cid. do México	15	24
Díli	22	31
Hong Kong	28	35
Jerusalém	18	31
Los Angeles	20	34
Luanda	19	25
Nova Deli	27	33
Nova Iorque	19	29
Pequim	24	32
Praia	25	29
Rio de Janeiro	20	30
Riga	15	22
Singapura	26	32

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Como lidar

Como lidar, um *podcast* do P3 para ouvir às terças-feiras
Oiça em publico.pt

Estarei em *burnout*? Como lidar com isso?

O esgotamento pode ter sintomas parecidos com o da depressão e resulta da sobrecarga e falta de descanso. Sophie Seromenho dá dicas para identificar, prevenir e tratar

Mariana Durães

Quando ir para o trabalho é um pesadelo, quando por muito que durmas já acordas cansado, quando concentrar já não é possível... presta atenção porque podes estar em *burnout* – ou esgotamento nervoso, que resulta da sobrecarga e falta de descanso e vai-se instalando, uma fase de cada vez.

No limite, pode levar a sintomas muito parecidos com os da depressão, como a falta de sentido de vida e desesperança. A psicóloga Sophie Seromenho explica quais os sintomas a ter em consideração e indicações para prevenir.

O que é o *burnout*?

Em três palavras: chegar ao limite. Pegando na palavra em inglês, é quando a pessoa "queima os fusíveis", quando fica "esgotada com o excesso de trabalho".

Mas não só em contexto profissional se desenvolve o *burnout*. "Por exemplo, quando estamos a cuidar de familiares doentes, em situações que exijam muito de nós", e que são desgastantes, pode começar a desenvolver-se *burnout*.

"O *burnout* vai-se instalando", esclarece a psicóloga. "Uma pessoa não está normal e, de repente, entra em *burnout*." Há diferentes fases, cada uma delas com sintomas associados.

O *burnout* e a depressão são o mesmo?

Pode ser confundido com a depressão, já que tem alguns sentimentos em comum, como "a tristeza, a melancolia, a falta de esperança na vida". A diferença entre ambas é que "o *burnout* é caracterizado por um esgotamento nervoso" – como também se pode chamar, se quisermos uma expressão portuguesa. "A raiz do problema é a sobrecarga e a falta de descanso."

A depressão, por sua vez, é "um estado interno em que a pessoa acaba por se sentir isolada e isolar-se também dos outros", desenvolve-se uma "tristeza crónica". Também é comum o "sentimento de inferioridade" e o isolamento "para processar [lidar com] essa inferioridade".

Quais os sintomas de *burnout*?

O *burnout* tem três fases. Começa com "desinteresse no trabalho, cansaço, falta de energia para levar a cabo as actividades profissionais e até pessoais": "Quando a pessoa fazia exercício físico e já não lhe apetece, apetece antes ficar no sofá; ou quando o trabalho começa a ser visto como algo penoso e doloroso."

A segunda fase é a de "desumanização/despersonalização". Há um sentimento "cada vez mais impessoal nas relações no trabalho ou em casa, dependendo do contexto que está a esgotar a pessoa". Há menos empatia, afectividade e torna-se difícil a conexão com os outros. Há desinteresse, desmotivação, começa a custar levantar da cama. Aparecem as dificuldades de concentração e a falta de interesse.

Na última fase, a fase parecida com a depressão, "a pessoa está profundamente descontente e desmotivada com o trabalho, que começa a parecer um fardo". "Cada vez investe menos trabalho, está menos realizada, cada vez é menos eficaz e competente, porque a sua qualidade está completamente comprometida por causa deste cansaço, fadiga e falta de realização", descreve Sophie Seromenho. "E isto pode ser levado para a vida, é aquele sentimento de 'não sei o que hei-de fazer à minha vida'."

Alguns sintomas a estar atento:

- Nervosismo constante
- Taquicardia
- Sensação de falta de ar
- Tonturas
- Crises de ansiedade
- Ataques de pânico
- Fadiga profunda e crónica (por mais que durma, a pessoa está sempre cansada)
- Dores e tensão muscular
- Crises de choro (até antes de entrar no trabalho)
- Ataques de raiva
- Irritabilidade

Como prevenir o *burnout*?

Tirar férias. Esta é a chave para impedir o cansaço extremo. Mas, avisa a psicóloga, a forma certa de tirar férias não é "tirar um mês em Agosto e uns dias no Natal". Se assim for, está a ser "acumulado cansaço de forma extrema e só no final desse mês de férias é que se descansa realmente". O ideal, "a nível de gestão de fadiga e stress", é fasear. Se possível, tirar uma semana a cada três meses.

É também importante "ir fazendo pausas no trabalho" e ter actividades fora dele que "promovam felicidade e alegria". Exercício físico é um exemplo e "não precisa de ser ginásio, pode ser dança, podem ser caminhadas, pode ser *yoga* ou outras coisas em grupo, onde haja partilha e troca de afectos com outras pessoas".

Ao fim-de-semana, é importante "desligar completamente do trabalho" (não, não vale responder àquele *email*). Além disto a psicóloga aconselha a "cuidar da alimentação, sono, não consumir açúcar e cafeína em excesso, para não aumentar a ansiedade".

Acho que estou em *burnout*. E agora?

A resposta de Sophie Seromenho é peremptória: "Procurar urgentemente um psiquiatra, entrar em baixa médica e, se possível, fazer psicoterapia, para reaprender a estar. O *burnout* retira um bocado a alma e as cores da vida."

TATIANA SMIRNOVA/GETTY IMAGES

Questionário Pós-Proustiano

DR

A jornalista da RTP gostaria de não ser tão dependente do telemóvel

Catarina Marques Rodrigues

"As mulheres são donas da casa que é a sua vida, as suas escolhas e as suas opiniões"

Que rede social mais usa? Já desistiu de alguma, e porquê?
Instagram e WhatsApp. O Twitter [actual X] é aquela em que sou menos assídua pelo surpreendente nível de toxicidade nos comentários, mas vou espreitando para ler opiniões e para partilhar alguns trabalhos – não sou de desistir.
Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu numa rede social? O quê?
Nada de que me lembre, tento ser cautelosa. Como jornalista, tenho noção que tudo poderá ser usado contra nós – uma vez na Internet, sempre na Internet.
Tem a noção de quantos ex-amigos tem? Cinco? Dez? Ou nunca se zangou com um amigo?
Terei dois ou três ex-amigos, mas não por zangas, apenas por afastamentos naturais da vida.
Qual é o elogio que menos gosta que lhe façam?
Aquele elogio que mascara algum paternalismo machista dá-me náuseas. Normalmente, relaciona-se com o ser mulher ou com ainda ser jovem – ou os dois juntos.
Fora de Portugal, qual é o lugar onde se sente em casa? E porquê?
Em Londres, pela diversidade, pelas ligações familiares e de amizade e pela oferta cultural; e em Cabo Verde, também pela cultura, pelas pessoas e pelas boas memórias que tenho de formações e de palestras que dei sobre igualdade de género.
Qual o melhor conselho que lhe deram na vida?
"*The more you ask, the more you get*" – quanto mais pedires, mais tens.
Em que situações se considera uma "chata"?
Com os erros de português e de pontuação. Também não gosto de alterações de última hora, seja de planos ou de horários.
Tem algum vício que gostaria de não ter? E um de que se orgulhe?
Gostaria de não ser tão dependente do telemóvel, mas também é uma necessidade, por razões de trabalho. Um de que me orgulhe: viajar conta?
Diga o nome de três portugueses vivos que admira (não vale a sua mãe nem o seu pai).
Maria Antónia Palla, Leonor Beleza e António Guterres.
Já teve algum ataque de ansiedade? Em que circunstâncias?
Nunca tive.
E já se sentiu profundamente exausta? Foi *burnout*?
Já me senti muito exausta, sim, em ocasiões em que acumulei muito trabalho. Mas não creio que tenha sido *burnout*.
Se lhe pedissem conselhos para uma relação amorosa feliz, o que é que dizia?
O amor é um campo bastante subjectivo, mas diria que é preciso admiração, respeito e objectivos comuns.
É vegetariana, *vegan*, faz alguma dieta especial? Porquê?
Não é politicamente correcto dizer, mas sou fã de muitos pratos com carne. Desde há uns três anos que estou cada vez mais fã de peixe e de refeições vegetarianas, mas ainda longe de ser vegetariana.
Qual foi o último filme que viu? E qual foi o último de que gostou?
O último foi *Anatomia de Uma Queda*, vencedor da Palma de Ouro do Festival de Cannes de 2023 – foi apenas o terceiro filme realizado por uma mulher a receber aquele prémio. Adorei todo o *suspense*, o julgamento, o jogo entre a realidade e as várias hipóteses, os diálogos bem escritos. Gosto muito de dramas, *thrillers*, biografias, histórias sobre a vida real. A realidade é sempre a melhor inspiração.
Qual o seu maior arrependimento?
Não tenho grandes arrependimentos, sou mais de olhar para a frente.
Qual foi a última vez em que se surpreendeu?
Recentemente, com o eclodir mediático de expressões bafientas como "dona de casa" a remeter para a submissão da mulher. Sabemos que há sempre quem pense assim, mas surpreende-me a legitimidade sentida agora para o defender publicamente. Por isso é que decidi agarrar esta expressão e transformá-la numa expressão de poder e de força – as mulheres são donas da casa que é a sua vida, as suas escolhas e as suas opiniões.

BARTOON LUÍS AFONSO

Um país a ver passar os comboios – se eles passassem, claro

O respeitinho não é bonito

João Miguel Tavares

"Ver passar os comboios" é a expressão que utilizamos para descrever a perda de oportunidades – o desconsolo de ficar para trás, enquanto o objecto do nosso desejo se esfuma no horizonte. É uma expressão idiomática manifestamente ultrapassada, porque para que ela faça sentido é condição necessária que os comboios passem. Ora, em Portugal eles não passam, ou passam pouco. Umas vezes, porque um dos 15 sindicatos da CP está em greve; outras vezes, porque a linha fechou para obras há anos.

A ferrovia é há décadas um dos maiores fracassos do Estado português, e o jornalista Carlos Cipriano publicou recentemente no PÚBLICO um trabalho sobre o tema. Lê-se e é um desconsolo. O artigo chama-se "Oito anos depois, Ferrovia 2020 ainda não chegou a meio do percurso", e é simultaneamente serviço público e o retrato de um país disfuncional, onde se lançam concursos com prazos impossíveis e cadernos de encargos impraticáveis, para depois se estourarem milhões em ajustes directos e se arrastarem as obras por anos sem fim.

DANIEL ROCHA

Veja-se, a título de exemplo, o caso do túnel da Sapataria, na Linha do Oeste. Previa-se que crescesse em altura, mas quando se começou a escavar percebeu-se, afinal, que tinha de ser rebaixado. Como explica Fernando Nunes da Silva, presidente da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento dos Sistemas Integrados de Transportes, "este é um caso flagrante da ausência de projecto de execução". "Lançaram o concurso a pensar que era fácil escavar o túnel sem um estudo geotécnico sólido e agora o projecto ficou mais caro e demora mais tempo."

A ferrovia é há décadas um dos maiores fracassos do Estado português

A coisa funciona assim: o Estado opta por anteprojectos simplificados para as obras arrancarem mais depressa, e na fase de construção surgem os costumeiros "imponderáveis" que exponenciam atrasos e custos. Muitas destas falhas estão também relacionadas com falta de *know-how*, após décadas a desinvestir na ferrovia. "Não havia empresas ou engenharia portuguesas preparadas" para pôr em prática o programa, admite o bastonário da Ordem dos Engenheiros, Fernando Almeida Santos. O programa Ferrovia 2020 foi lançado em 2016, quando Pedro Marques era ministro das Infra-Estruturas. Deveria ter ficado concluído no final de 2021. Em Novembro de 2020, quando Pedro Nuno Santos assumiu o cargo, prometeu que a execução iria acelerar e que pouco ficaria "para além de 2023". Um ano depois, em Novembro de 2021, nova data: final de 2025. Em Novembro de 2022, estavam apenas 15% das obras concluídas. Estamos em 2024 e, segundo o PÚBLICO, o programa "ainda nem vai a meio": "As obras atrasaram-se de uma forma absurda, os custos dispararam, e 'descontrolo' é a palavra certa para caracterizar um programa de investimentos" que "já perdeu fundos comunitários" e teve de transferir parte dos projectos para o Portugal 2030 – "o qual, por sua vez, também está atrasado". Pergunta Carlos Cipriano: "Porque não há um sobressalto cívico e político perante o fracasso do Ferrovia 2020?"

Resposta: pela mesma razão que não há em português uma tradução decente para a palavra "*accountability*" – uma soma de responsabilidade com a necessidade de prestar contas, que parece fatalmente ausente na avaliação das grandes obras públicas, tal como na atribuição dos apoios europeus, em que o papel do Estado se limita a garantir que o dinheiro não é roubado, ainda que possa ser escandalosamente desperdiçado. Estamos há tantas décadas a ver passar comboios nesta matéria que já nem os comboios passam.

Colunista

jmtavares@outlook.com